

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

LEANDRO FREITAS MENEZES

**O DISCURSO ANDROCÊNTRICO E A REPRESENTAÇÃO SOCIAL
DAS MULHERES EM CRÔNICAS CAPIXABAS**

VITÓRIA
2022

LEANDRO FREITAS MENEZES

**O DISCURSO ANDROCÊNTRICO E A REPRESENTAÇÃO SOCIAL
DAS MULHERES EM CRÔNICAS CAPIXABAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística na área de concentração Estudos Sobre Texto e Discurso.

Orientadora: Profa. Dra. Micheline Mattedi Tomazi.

VITÓRIA
2022



Programa de Pós-Graduação em Linguística
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - ATA Nº 247 - 19/08/2022

Em sessão pública ocorrida no dia 19 de agosto de dois mil e vinte e dois, na sala 308 do Prédio Bárbara Weinberg do CCHN, conforme Portaria Normativa nº 08, da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/UFES de 01 de julho de 2021, procedeu-se a avaliação da dissertação do aluno **Leandro Freitas Menezes**. Às quinze horas, a Profa. Dra. Micheline Mattedi Tomazi (UFES), Orientadora e Presidente da Comissão Examinadora, deu início aos trabalhos, convidando os demais integrantes da Comissão: o Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento (UFES) - Examinador Interno, e a Profa. Dra. Raquelli Natale (UFES) - Examinadora Externa. A seguir, a Presidente solicitou ao mestrando que fizesse uma explanação de seu trabalho intitulado *“O discurso androcêntrico e a representação social da mulher em crônicas capixabas”*. Finda a apresentação, a Presidente passou a palavra aos examinadores, que procederam à arguição do candidato. Ao final, a Comissão, em sessão reservada, deliberou pela **APROVAÇÃO** da referida dissertação nos termos do Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Linguística. Encerrada a sessão, eu, Profa. Dra. Micheline Mattedi Tomazi, Presidente da Comissão Examinadora, lavrei a presente ata que vai assinada digitalmente, por mim e pelos demais componentes da Comissão.

Profa. Dra. Micheline Mattedi Tomazi (UFES)
Orientadora e Presidente da Comissão

Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento (UFES)
Examinador Interno

Profa. Dra. Raquelli Natale (UFES)
Examinadora Externa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por MICHELINE MATTEDI TOMAZI - SIAPE 2582032 Departamento de Línguas e Letras - DLL/CCHN Em 23/08/2022 às 12:56

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/545670?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por Jarbas Vargas Nascimento - SIAPE 99992067 Departamento de Línguas e Letras - DLL/CCHN Em 24/08/2022 às 13:59

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/546948?tipoArquivo=O>

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

M541d Menezes, Leandro Freitas, 1974-
O Discurso Androcêntrico e a Representação Social das
mulheres em crônicas capixabas / Leandro Freitas Menezes. -
2022.

183 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Micheline Mattedi Tomazi.
Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal
do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Estudos Sociocognitivos Críticos do Discurso. 2.
Representação Social. 3. Androcentrismo. 4. Crônica do cotidiano.
I. Mattedi Tomazi, Profa. Dra. Micheline. II. Universidade
Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e
Naturais. III. Título.

CDU: 80

Dedico este trabalho ao meu Pai e à minha mãe, que me ensinaram os primeiros passos para o sucesso.

À minha esposa e ao meu filho pela compreensão, amor e amparo.

AGRADECIMENTOS

A DEUS pelo dom da vida, pela fé e perseverança e pela direção concedida a mim, a fim de que concluísse não somente este curso de Mestrado. Mas, outros ao longo da minha vida estudantil.

Aos meus pais, Alcírio Rosa Menezes e Léia Freitas Menezes, por terem indicado os primeiros passos para o sucesso, pela orientação, dedicação e incentivo, dispensados a mim ao longo de toda a minha vida e, em especial, no mestrado.

À minha esposa, Carla Valéria da Silva Freitas Menezes, e ao meu filho, Leandro Emanuel da Silva Freitas Menezes, que me apoiaram em todos os sentidos ao longo do mestrado.

À Professora Dra. Micheline Mattedi Tomazi, mais que uma orientadora, é, também, uma amiga que permaneceu ao meu lado, dando-me todo o apoio necessário para meu desenvolvimento profissional e como ser humano.

Ao Grupo de Estudos sobre Discursos da Mídia (GEDIM), pelo apoio intelectual durante o período de quase dois anos em que fui participante; pelo incentivo nas apresentações de trabalho; pelas inúmeras leituras que fiz ao longo do curso.

Ao prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento (UFES), pelo minicurso *Novas Tendências em Análise do Discurso*, ministrado em 2010. Com a participação nesse espaço, pude prover dos conhecimentos necessários para a aprovação no processo seletivo do mestrado em 2020. Além disso, posteriormente, contribuiu para o desenvolvimento desta Dissertação, fornecendo-me orientações no *XVI Colóquio dos Estudos Linguísticos e no I Seminário de Teses em Andamento/UFES*, que transcendem ao mestrado, além da minha qualificação.

Ao prof. Dr. Anderson Ferreira, pelo direcionamento que recebi no *XVI Colóquio dos Estudos Linguísticos, no I Seminário de Teses em Andamento/UFES* e na qualificação para a continuidade desta pesquisa.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL), que contribuíram para que os conhecimentos na área da Linguística fossem adquiridos e são, para mim, fonte de inspiração na carreira profissional.

Agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização deste curso de Mestrado em Estudos Linguísticos.

Então, disse Mardoqueu que tornassem a dizer a Ester [...]: Porque, se de todo te calares neste tempo, socorro e livramento doutra parte virá para os judeus, mas tu e a casa de teu pai perecereis; e quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?

Ester 4:13,14

E Débora, mulher profetisa, mulher casada com Lapidote, julgava Israel naquele tempo.

Juízes 4:4

RESUMO

Esta Dissertação é um estudo da Análise Crítica do Discurso, de vertente sociocognitiva, cujo representante principal é van Dijk (2009, 2012, 2016, 2017). O objetivo geral é verificar a representação social das mulheres em crônicas capixabas, escritas por Pedro Maia. Os objetivos específicos são: identificar como o ponto de vista androcêntrico aparece nas crônicas, de Pedro Maia, por meio de análises de estruturas e estratégias discursivas; descrever de que maneira o discurso jornalístico, nas crônicas, contribui com as desigualdades entre os gêneros masculino e feminino; explicar as bases do discurso androcêntrico nas crônicas de Pedro Maia e sua permanência em forma de modelos mentais. Esta pesquisa se justifica porque, embora Pedro Maia reconheça em suas crônicas que as mulheres alcançaram direitos na sociedade, a forma de representação social que faz delas é androcêntrica. A representação, por sua vez, é resultado de modelos mentais androcêntricos. Nesse sentido, a pesquisa adotou os seguintes procedimentos metodológicos: de perspectiva teórico-analítico, houve a revisão teórica sobre os principais conceitos tratados, ou seja, androcentrismo, representação social, superestrutura, macroestrutura e microestrutura textual-discursiva da crônica do cotidiano; de material analítico, coletamos 33 crônicas publicadas no dia das mães, noivas e Dia Internacional da Mulher. As datas escolhidas para a coleta de material analítico são imprescindíveis para analisarmos se há crenças, opiniões ou preconceitos androcêntricos no discurso jornalístico. Destas, separamos 16 em que são compartilhadas crenças, sendo que em 7 se percebe a presença de ideologias androcêntricas. Contudo, reduzimos as 7 em 3, dado que eram as mais representativas da contemporaneidade, isto é, o período de 2002 a 2014. Os três textos são de 2002, de 2005 e de 2009, um de cada ano respectivamente. Não escolhemos além desse ano, porque algumas crônicas foram republicadas nas datas comemorativas das mulheres. Como resultado, observamos que as crônicas jornalísticas apresentam um discurso androcêntrico, ao passo que a instância masculina empodera as mulheres, representa-as de forma machista e estereotipada e desrespeitosa.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Sociocognitivos Críticos do Discurso. Representação Social. Androcentrismo. Crônica do cotidiano

ABSTRACT

We place this Dissertation in Critical Discourse Analysis, of a sociocognitive aspect whose main representative is van Dijk (2009, 2012, 2016, 2017). Our general objective is to verify the social representation of women in chronicles written by Pedro Maia and for specific objectives: to identify how the androcentric point of view appears in Pedro Maia's chronicles through analysis of discursive structures and strategies; to describe the way in which the journalistic discourse in Pedro Maia's chronicles contributes to the inequalities between male and female genders; explain the bases of androcentric discourse in Pedro Maia's chronicles and its permanence in the form of mental models. This research is justified because, although Pedro Maia recognizes in his chronicles that women have achieved rights in society, we note that the form of social representation he makes of them is androcentric. This representation is the result of androcentric mental models. In this sense, the research adopted the following methodological procedures: Theoretical-analytical procedure: theoretical review of the main concepts treated in this Dissertation, such as: Androcentrism, Social Representation, Superstructure, Macrostructure and textual-discursive microstructure of the chronicle of everyday life. Selection of analysis material: we collected 33 chronicles on Mother's Day, Bride's Day and International Women's Day. These criteria are important for analyzing whether there are androcentric beliefs, opinions or prejudices in journalistic discourse. Of these, we separate 16 in which these beliefs are shared; among this amount, we separate 7 in which the presence of these androcentric ideologies is most noticeable; we reduced this number to 3, considering the most representative ones from 2002 to 2014. Thus, we selected chronicles between the years 2002, 2005 and 2009. We did not choose beyond this year because some chronicles were republished on women's commemorative dates. As a result, we show that journalistic chronicles present an androcentric discourse by which the male instance, while empowering women, represents them in a sexist, stereotyped and disrespectful way.

Keywords: Critical Sociocognitive Studies of Discourse. Social Representation. Androcentrism. Chronicle of everyday life.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Superestrutura do texto argumentativo	39
Figura 2 – Estrutura textual da focalização da crônica do cotidiano.....	42
Figura 3 – Superestrutura da crônica do cotidiano	44
Figura 4 – Análise da superestrutura da crônica “Um exemplo de competência”.	47
Figura 5 – Estrutura textual da focalização da crônica “Um exemplo de competência”	50
Figura 6 – Página de opinião de A Tribuna onde está situada a coluna “Cidade Aberta”	63
Figura 7 – O processo da dominação masculina	88
Figura 8 – Triângulo discurso-cognição-sociedade	93
Figura 9 – Estruturas mentais	96
Figura 10 – Modelos mentais e Cognição social	101
Figura 11 – Evolução do referente anafórico de acordo com os estudos de Silva, Cavalcante e Brito (2015).....	110
Figura 12 – Paradoxo das mulheres capixabas	122
Figura 13 – Superestrutura argumentativa da crônica “Audácia das mulheres”	148
Figura 14 – estrutura textual da focalização da crônica “Audácia das mulheres”	151
Figura 15 – Superestrutura argumentativa da crônica “Doces fortalezas”	153
Figura 16 – Estrutura textual da focalização da crônica “Doces fortalezas”	156
Figura 17 – Superestrutura argumentativa da crônica “Um viva às sogras!!!”	158
Figura 18 – Estrutura textual da focalização da crônica “Um viva às sogras!!!”	160

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Classe social dos leitores de A Tribuna.....	61
Quadro 2 – Faixa etária dos leitores de A Tribuna	62
Quadro 3 – Sexo/Gênero dos leitores de A Tribuna.....	62
Quadro 4 – Categorias para análise sociocognitiva	108
Quadro 5 – Considerações sobre os títulos das crônicas	117
Quadro 6 – Léxico e sintagma nominal para a representação dos atores sociais homens e mulheres.....	119
Quadro 7 – Quadrado ideológico	125
Quadro 8 – Evolução do referente anafórico na crônica “Audácia das Mulheres”...	128
Quadro 9 – Evolução do referente anafórico na crônica “Doces fortalezas”	129
Quadro 10 – Evolução do referente anafórico na crônica “Um viva às sogras!!!”	131
Quadro 11 – As categorias dêiticas.....	136
Quadro 12 – Figuras retóricas para a representação dos atores sociais homens e mulheres.....	141

LISTA DE SIGLAS

ACD – Análise Crítica do Discurso

CNDL – Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas

ECD – Estudos Críticos do Discurso

EM – Episodic memory

FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas

GEDIM – Grupo de Estudos sobre Discursos da Mídia

IBOPE – Instituto de Opiniões Públicas e Estatísticas

IBGE – Instituto Brasileira de Geografia e Estatística

IVC – Instituto Verificador de Circulação

LC – Linguística Crítica

LTM – Long term memory

MARPLAN – Marketing e Planejamento

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PNUD – Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PT – Partido dos Trabalhadores

RS – Representações sociais

SM – Semantic memory

TCU – Tribunal de Contas da União

TJ-RJ – Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro

TPM – Tensão pré-menstrual

WM – Working memory

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. A HISTÓRIA DA IMPRENSA JORNALÍSTICA	26
2.1 POR UMA CONCEPÇÃO DE JORNALISMO	26
2.2 A CRÔNICA NUMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA.....	29
2.3 A CRÔNICA COMO GÊNERO TEXTUAL-DISCURSIVO-OPINATIVO.....	33
2.3.1 Superestrutura, macroestrutura e microestrutura textual-discursiva da crônica do cotidiano	38
2.4 O DISCURSO JORNALÍSTICO.....	51
2.5.1 O jornal impresso	56
2.5.2 O Jornal A Tribuna	57
3. DISCURSO ANDROCÊNTRICO E MACROESTRUTURA	64
3.1 DA MITOLOGIA À ATUALIDADE.....	64
4. OS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO E A VERTENTE SOCIOCOGNITIVA	90
4.1 PERCURSO CONSTITUTIVO DOS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO	90
4.2 CONCEITO DE IDEOLOGIA E PODER.....	91
4.3 A INTERFACE SOCIOCOGNITIVA “DISCURSO-COGNIÇÃO E SOCIEDADE”	92
4.4 DISCURSO	94
4.5 COGNIÇÃO.....	95
4.5.1 Representação Social	96
4.6 SOCIEDADE	99
4.7 CONTEXTO COMO MODELO MENTAL	100
5. PARÂMETROS METODOLÓGICOS	106
5.1 METODOLOGIA.....	106
5.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE	108
6. ANÁLISE E DISCUSSÃO	115
6.1 ANÁLISE DAS CRÔNICAS: AUDÁCIA DAS MULHERES, DOCES FORTALEZAS E UM VIVA ÀS SOGRAS!!!.....	116
7. CONCLUSÃO	163
REFERÊNCIAS	169
ANEXOS	178
ANEXO A – KIT INFORMATIVO SOBRE O JORNAL A TRIBUNA.....	178
ANEXO B – TEXTO 1 – CRÔNICA DO COTIDIANO “UM EXEMPLO DE COMPETÊNCIA” – 14/03/2004	182

ANEXO C – TEXTO 2 – CRÔNICA DO COTIDIANO “AUDÁCIA DAS MULHERES” - 09/05/2002	182
ANEXO D – TEXTO 3 – CRÔNICA DO COTIDIANO “DOCES FORTALEZAS” – 08/03/2005	183
ANEXO E – TEXTO 4 – CRÔNICA DO COTIDIANO “UM VIVA ÀS SOGRAS” - 08/03/2009	183

1. INTRODUÇÃO

A construção do processo sócio-histórico do gênero masculino e feminino envolveu lutas e embates discursivos pelo poder. Enquanto o grupo social masculino alcançou a hegemonia, o feminino foi silenciado. Alves & Pitanguy (2003), ao examinarem esse processo, notaram que, desde os tempos mais remotos, as mulheres foram inferiorizadas pelo homem.

Na história, observamos, nos textos mitológicos, traços discursivos que revelam a representação social das mulheres. Na mitologia grega, mais especificamente, no mito de Pandora, a protagonista foi criada por Zeus para servir de objeto de vingança a Prometeu e aos homens. No texto bíblico, o mito adâmico relata Eva, junto de Adão, e como ambos desobedeceram às ordens de Deus ao serem enganados pela serpente. Com base nesses fatos, Nader (2014) observa que, ao longo da história, as mulheres são representadas como objeto de desejo ao lado de imperadores, como figuras suplantadoras e com a índole deturpada.

Segundo Nader (2014), o discurso “universal”, de cunho dominante, legitima a inferioridade das mulheres como algo natural. Para Bourdieu (2002), essa forma de pensar, tornou-se uma ordem social simbólica, tácita e neutra, que impregnou a sociedade, por intermédio de “esquemas cognitivos” (BOURDIEU, 2002, p. 22).

Da mesma maneira, subsiste em forma de modelos mentais e cognições sociais (VAN DIJK, 2009, 2012). Notamos que a expressão “esquemas cognitivos”, de Bourdieu (2002, p. 22), é semelhante ao conceito de Modelos Mentais e Cognição social, de van Dijk (2009, 2012). Para este autor, os modelos mentais são representações únicas e subjetivas, que adquirimos nas nossas interações discursivas em eventos comunicativos. Em conformidade com este postulado, expomos que, no contexto social, interativo e cultural, vivemos inúmeras experiências interpretadas de forma pessoal. Essas experiências são acumuladas ao longo de nossa vida, formando uma “autobiografia mental”, segundo van Dijk (2012, p. 94). É essa autobiografia que são os modelos mentais.

A expressão Cognição social, por outro lado, diz respeito aos conhecimentos, atitudes e ideologias partilhadas coletivamente por um determinado grupo social. A respeito da separação desses dois conceitos, van Dijk (2009, 2012) esclarece que

são processos mentais que acontecem de forma integrada, uma vez que, quando um ator social utiliza algum Modelo mental, precisa adequá-lo para que o discurso seja aceito coletivamente. Em vista disso, Nader (2014) e Louro (1997) afirmam que essa visão construiu estereótipos pelos quais as mulheres são representadas atualmente. Assim, a história relatada, ao longo do tempo, é a que privilegia o homem, isto é, de orientação androcêntrica (BOURDIEU, 2002).

O termo “Androcentrismo” foi empregado pela primeira vez por Ward (1903), um sociólogo. Em *The androcentric Theory*, conceitua o androcentrismo como um ponto de vista formado a partir de parâmetros filosóficos, biológico, sociológico e antropológico no estudo da natureza do sexo masculino e feminino. Ao término do estudo, conclui que o homem é superior às mulheres tanto em atributos físicos quanto cognitivos.

A noção empregada pelo autor é reducionista e excludente, porque os paradigmas sociais se resumem, apenas, naquilo que o grupo social masculino admite como verdade, ou seja, o homem é o centro de todas as decisões. Visto assim, o androcentrismo é uma ideologia científica que descende diretamente do sistema patriarcal. O androcentrismo é uma visão já ultrapassada e, por esse motivo, é criticado por Bourdieu (2002). Apesar disso, julgamos que o androcentrismo está em voga no cognitivo social em forma de conhecimentos, atitudes e ideologias (VAN DIJK, 2009, 2012).

Recorrendo a van Dijk (2009), entendemos que o discurso androcêntrico, abordado por Bourdieu (2002), está organizado em uma macroestrutura discursiva. Em outras palavras, os autores se referem às múltiplas instâncias que abusam do poder social para silenciar e apagar identidades. van Dijk (2009, 2017), ao discorrer sobre as estruturas sociais, define-as em microestrutura como o nível das interações cotidianas por interferência do uso da linguagem verbal entre os membros da sociedade. Por outro lado, conceitua as macroestruturas como relações de poder, desigualdade e dominância entre os grupos sociais.

Esta pesquisa se justifica, porque embora Pedro Maia reconheça em suas crônicas que as mulheres alcançaram direitos na sociedade, a forma de representação social que ele se utiliza em seu texto é androcêntrica. Nas crônicas, as atitudes

androcêntricas são resultados de modelos mentais e de cognições sociais presentes na macroestrutura discursiva.

Nas obras de van Dijk (1978), van Dijk e Kintsch (1983) e van Dijk (2012, 2017) a expressão “Macroestrutura discursiva” é conceituada como sequências textuais que correspondem ao conteúdo global de um texto, encontra-se no plano semântico, abstrato e coerente. A partir dessa contextualização, indagamos: de que maneira as mulheres são representadas, discursivamente, nas crônicas jornalísticas de Pedro Maia?

Nesta Dissertação, o objetivo geral é verificar a representação social das mulheres nas crônicas capixabas escritas por Pedro Maia. Para tanto, o conceito de Representação social (RS) adotado foi o exposto por van Dijk (1988, 2017), da Psicologia Social, refere-se às: crenças, imagens, autoimagem e ideologias socialmente partilhadas por grupos sociais. Em outros termos, é a maneira ou a forma como esses grupos se identificam ou se reconhecem e como se identificam e reconhecem o outro.

Para alcançar essa meta, os objetivos específicos são: identificar, por meio de análises de estruturas e estratégias discursivas, como o ponto de vista androcêntrico emerge nas crônicas de Pedro Maia; descrever a maneira pela qual o discurso jornalístico nas crônicas contribui com as desigualdades entre os gêneros masculino e feminino; explicar as bases do discurso androcêntrico no material de base e sua permanência em forma de modelos mentais.

Vivemos na era da informação e, apesar de o jornal ser oferecido em meio digital, o formato impresso, tradicionalmente, ainda é bem aceito. O discurso jornalístico exerce um poder institucionalizado e legitimado pela ideologia de grupos dominantes. Para van Dijk (1988), ideologia é um conjunto de crenças compartilhadas por grupos sociais, são representações sociais de grupos, tais como: os socialistas, os neoliberais, os ecologistas, as feministas, os machistas, etc.

Os grupos supracitados estão em constantes embates sociais com os seus respectivos opositores. Logo, as ideologias produzem representações sociais de um grupo com o outro e isso, na maioria das vezes, é consolidado de modo estereotipado (VAN DIJK, 2016).

Desse modo, no jornal impresso, o conteúdo é produzido e reproduzido “pelas elites simbólicas” (VAN DIJK, 2009, p. 85), a partir de representações sociais que permeiam o cognitivo social. As “elites simbólicas”, por sua vez, são compostas por atores sociais, como professores, jornalistas e advogados. Devido aos seus conhecimentos de parte do discurso público, exercem influência sobre as pessoas, modificam as formas de pensamento e podem influenciar na construção de crenças.

O exercício central do poder discursivo das elites simbólicas visa promover ações sociais para manter o controle sobre os membros de grupos dominados. Esse controle, por intermédio do poder simbólico, objetiva a manutenção do poder político e econômico, de forma global; promove a desigualdade e causa a exclusão social. Isso quer dizer que enquanto alguns alcançam riqueza, *status* e o *Know how*, outros vivem a miséria e perdem, paulatinamente, os valores e a identidade (VAN DIJK, 2017).

A crônica, objeto central de análise, situa-se entre os gêneros opinativos. Comumente, em seu corpo textual, há relatos acerca de acontecimentos, é responsável pela produção e reprodução das representações sociais circulantes na vida cotidiana, que se inscrevem na memória social. O cronista, ao opinar sobre algum assunto, constrói circunstâncias para conhecimentos sociais ou representações mentais contidas no marco de cognição social. Dentre as inúmeras temáticas sociais que emergem na crônica, estudamos o discurso androcêntrico (BOURDIEU, 2002).

Sendo a crônica um gênero textual jornalístico, assume o papel intermediário entre “o noticiário das coisas sérias e a descrição dos assuntos leves, cuja finalidade seria o entretenimento e o experimento estético” (CARDOSO, 2008, p. 20). Nesse sentido, Melo (2002) defende que a crônica jornalística luso-brasileira é um gênero opinativo e híbrido, mostrando que se confunde com o artigo, o editorial ou o comentário.

Nesta Dissertação, frisamos o carácter opinativo da crônica do cotidiano. Esse tipo de crônica é escrito com base em fatos do dia a dia e nas experiências e vivências do cronista. Por isso, dispõe de carácter permanente. A terminologia e a conceituação da crônica do cotidiano foram introduzidas por Scafuro (1999). Porém, estudamos tendo como base a obra de Gabriel Jr. (2010) e Corrêa (2015). Para estes autores, para se escrever a crônica do cotidiano, o escritor deve se utilizar de representações

mentais, inscritas na crônica. Com isso, é possível o analista do discurso identificá-las e analisá-las na materialidade discursiva.

van Dijk (1978) propõe um diagrama para a estrutura argumentativa, apresentado na Figura 1. Nesse diagrama, elenca categorias como: “Marco de cognição social”; “circunstâncias”, que são encaixadas na categoria canônica “justificativa”. O autor, mais uma vez, considera a sociedade como composta por grupos sociais variados, que apresentam pontos de vista, de acordo com a ideologia. Essas opiniões propiciam a formação dos grupos (VAN DIJK, 1988; 2009). Por terem seu “marco de cognição” diferenciado, vivem em constante embate social. Da mesma forma, a representação social que um grupo faz do outro é discriminatória e estereotipada.

O esquema argumentativo, de van Dijk (1978), é basilar, pois embasa a concepção de que o cronista faz parte de um determinado grupo social, que possui um “marco de cognição social” e corresponde ao ponto de vista próprio desse grupo. Sendo assim, o escritor focaliza algum fato, no contexto social, e o representa mediante a cognição social, movida por seus interesses, objetivos e propósitos.

O referencial teórico de base desta pesquisa se situa nos Estudos Críticos do Discurso, vertente sociocognitiva de van Dijk (2009). Por isso, adotamos o triângulo discurso-cognição-sociedade. Baseados nessa escolha, conceituamos o discurso como uma prática social e a cognição como um conjunto de crenças, conhecimentos, atitudes, normas e valores e ideologias, denominados de “modelos mentais”, com os quais representamos imagetivamente o mundo.

Os modelos mentais são individuais (modelos mentais pessoais e situações específicas) enquanto a cognição é social (conhecimento sociocultural, normas e valores) (VAN DIJK, 2009); são construídos culturalmente, por intermédio das experiências adquiridas, quando o indivíduo estabelece relações com outros indivíduos no meio social. De geração em geração, são compartilhados crenças, comportamentos e experiências, que são reproduzidos. Contudo, à medida que ocorrem essas interações sociais, os atores sociais podem adquirir outros modelos mentais de resistência. Nesse caso, as mídias jornalísticas se enquadram nesse tipo de instância, uma vez que o discurso jornalístico contribui para produzir e reproduzir a representação de “conhecimentos, atitudes, ideologias etc.” (VAN DIJK, 1999, p. 69).

O jornal é o espaço de divulgação de grandes conflitos, afeta diretamente o comportamento social, político e econômico. Em relação às mulheres, é fato que a mídia, em especial os jornais impressos, ao noticiarem ocorrências relacionadas à violência contra as mulheres, seja física ou psicológica, acabam por reproduzir atitudes androcêntricas. Diversos são os estudos que tiveram esse objeto de estudo, tais como as dissertações e teses defendidas por integrantes do Grupo de Estudos sobre Discursos da Mídia (GEDIM), no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da UFES, sob orientação da Dra. Micheline Mattedi Tomazi e contribuem com as pesquisas de van Dijk (2012, 2016).

Como resultado da pesquisa do GEDIM/UFES, citamos trabalhos como o de: Carriço (2018), que analisa a construção discursiva do gênero notícia e comentário, a respeito da representação social de uma adolescente vítima de estupro coletivo no Rio de Janeiro. Para isso, utiliza notícias sobre o assunto no jornal *Extra*. Os resultados mostram que o discurso jornalístico está baseado em “crenças patriarcais e machistas ao representar socialmente a adolescente estuprada” (CARRIÇO, 2018, p. 07). O discurso jornalístico minimiza a culpabilidade do agressor, transferindo a responsabilidade do ato para a vítima.

Demoner (2018) analisa a construção discursiva sobre a vítima e o agressor nos comentários do *post* da página *Não me Kahlo*, em que identifica as estratégias de polarização discursiva nos comentários entre os internautas e como elas se manifestam discursivamente na descrição desses atores sociais. As postagens nessa página foram motivadas por uma notícia do jornal *A Tribuna*, que foi publicada no dia primeiro de maio de 2016: “Mulher nega sexo e mata marido”. Como resultado, a autora constata que “os comentários analisados [...] descrevem os atores sociais, reforçando a construção de uma cultura capixaba machista e patriarcal voltada para uma ideologia sexista, que objetifica e menospreza a mulher” (DEMONER, 2018, p. 08).

Natale (2015) realiza uma análise acerca de como os meios de comunicação ajudam a construir a representação social da violência de gênero contra a mulher no Espírito Santo. Para isso, utiliza como *corpus* notícias dos jornais *A Gazeta* e *A Tribuna*. O resultado da pesquisa mostra a presença de um discurso que reforça os estereótipos de vítima e de agressor. A culpabilidade pelos casos de violência não é

atribuída ao agressor. Mas, sim, à vítima ou aos vícios (álcool ou droga), demonstrando que a atitude da mídia é proveniente de uma estrutura patriarcal.

Natale (2020) pesquisa sobre o fenômeno do femirracídio, violência contra as mulheres negras no Espírito Santo e a forma como esses crimes são representados nas notícias. Como resultado, o discurso jornalístico desconsidera a violência contra as mulheres negras como crime de gênero. Além disso, casos de violência como esses são atribuídos ao comportamento dos envolvidos.

Não obstante, artigos de Tomazi (2019, 2020), tais como: *(DES)Construção da face da mulher nos títulos de notícias sobre feminicídio*, 2019; e *A agentividade nas manchetes sobre violência de homens contra mulheres*, de 2020. Diariamente, são noticiados casos de feminicídios, sexismo, misoginia e estereótipos. Tomazi (2020) estuda esse fenômeno social na mídia capixaba e evidencia que o problema da violência contra a mulher, no Espírito Santo, não é tratado como problema social. Mas, figura como conflitos individualizados e naturalizados. Segundo a autora, isso se deve ao fato de que há uma preocupação maior em vender a notícia, ao em vez de preservar positivamente a imagem da mulher. Ademais, assinala que o jornalista, ao escrever as matérias, faz as escolhas lexicais e sintáticas, manipulando as informações, com o objetivo de influenciar a interpretação do leitor.

Tomazi (2019) ressalta que as escolhas linguísticas feitas pelos jornalistas para descreverem os atores sociais – mulher (vítima) e homem (opressor) – estão alicerçados sobre uma teoria ideológica arcaica. Entendemos o uso do termo “arcaico” pela autora como uma ideologia alicerçada em nossa sociedade, que é reflexo de tempos passados, ainda pré-científicos, em que a mitologia era aceita como verdade. Esse período “arcaico” constitui a base para a construção do androcentrismo, que faz parte de uma macroestrutura discursiva de poder.

Alicerçado nesse pensamento, compreendemos que o jornalista não deseja oprimir o grupo social feminino. Contudo, o faz porque o androcentrismo é parte de uma macroestrutura discursiva. Além disso, as escolhas lexicais e sintáticas são orientadas por manuais de correção, incorporados por eles. Então, como diz a autora: “Ao trabalhar as notícias com estereótipos de dominação masculina, de machismo e de sexismo a partir do título, contribuem para a permanência de

modelos mentais que estão longe das leis de proteção às mulheres [...]” (TOMAZI, 2019, p. 2014).

Esses trabalhos são investigações com base em notícias e reportagens jornalísticas, cujo tema é a violência contra a mulher. Por esse motivo, como participante também do Grupo de Estudo sobre os Discursos da Mídia/UFES, embasam-nos, previamente, com evidências do teor que há nos textos jornalísticos, quando se trata de informar casos de violência: o discurso reforça crenças patriarcais e machistas vistas mediante expressões machistas, estereotipadas. Normalmente, o discurso não enfoca o agressor. Mas, sim, a vítima. A responsabilidade pelo crime é da vítima, do ato de traição ou do vício, dentre outras.

O discurso midiático contém formas linguísticas ligadas ao discurso androcêntrico, conforme observamos nos trabalhos realizados por membros do GEDIM/UFES. Essas constatações colaboraram com as pesquisas na vertente sociocognitiva, de van Dijk (2009, 2012), que entende a mídia como responsável por compartilhar conhecimentos, atitudes e ideologias.

Nos trabalhos realizados pelo GEDIM/UFES, observamos que os estudos versam análise, sobretudo, em notícias da mídia. Todavia, esta Dissertação se diferencia das pesquisas dos demais membros do GEDIM/UFES, na medida em que se propõe estudar o gênero crônica jornalística.

Neste trabalho, a representação social das mulheres será estudada com base em crônicas jornalísticas, gênero opinativo, capixabas, escritas pelo jornalista Pedro Maia, na coluna do Jornal *A Tribuna*, “Cidade Aberta”. Encontramos, frequentemente, representações sociais androcêntricas sobre as mulheres em textos desse tipo.

O discurso hegemônico segrega cada grupo de acordo com suas próprias convicções. Isso restringe e delimita os debates sociais, que contribuem para a construção de uma sociedade igualitária e mais justa. Contra essa visão reducionista, Ribeiro (2017), ao discutir o conceito da expressão “lugar de fala”, por um lado, mostra que, quando ocupamos um lugar socialmente diferente do nosso, obtemos além de experiências distintas também outras perspectivas; por outro lado,

é preciso analisar as vozes entrecruzadas nos discursos para conhecer de que lugar elas descendem.

Esta Dissertação dispõe de seis capítulos, sendo o primeiro esta parte introdutória. No segundo capítulo, apresentamos a história do jornalismo e seus aspectos discursivos, mostrando que a crônica é um gênero opinativo e se constitui no âmbito do discurso jornalístico. Além disso, mostramos a importância do jornal impresso, em especial, a relevância que o jornal *A Tribuna* exerce no Estado do Espírito Santo, como veículo de informação.

No terceiro, ressaltamos que o androcentrismo é um processo discursivo em nossa sociedade, praticados por grupos sociais que abusam do poder que exercem para silenciar e apagar identidades. Para isso, propomos um diálogo entre Bourdieu (2002), crítico do androcentrismo, e entre van Dijk (2009), que organiza o discurso em micro e macroestrutura discursiva. Em um segundo momento, questionamos o androcentrismo em nossa sociedade, já que essa ideologia está intimamente ligada à noção de patriarcado nos tempos míticos e pré-científicos. Neste ínterim, trazemos a definição de Delphy (2013) sobre o patriarcado como um sistema social e econômico, que subordina as mulheres aos homens, em um modo de produção doméstica.

Atualmente, o androcentrismo perdura em forma de costumes, crenças e opiniões. Essas informações podem ser notadas, por exemplo, na educação da mulher brasileira (LOURO, 1997) e em relatos de casos contemporâneos como, por exemplo, da ex-presidenta Dilma Rousseff, da vereadora Marielle Franco e das vereadoras de Vitória/ES Camila Valadão e Karla Coser, em que a mídia motivou reações machistas e estereotipadas. Essas ações contra as mulheres estão relacionadas com modelos mentais androcêntricos presentes no discurso cronístico, de Pedro Maia.

A expressão “ator social” será bastante abordada neste estudo e designa falante, escritor/ouvinte e leitor, inscritos em um grupo social. Nesse sentido, quando utilizamos esse termo, não tratamos de simples indivíduos. Mas, sim, de participantes inscritos em grupos sociais (VAN DIJK, 2016). Isso implica que fazem parte de distintos grupos na sociedade, dos quais van Dijk (2016, p. 14) aponta:

“linguísticos, epistêmicos e comunidades sociais, grupos sociais, instituições e organizações”.

No quarto capítulo, expomos o quadro teórico de referência que guia e baseia esta pesquisa, ou seja, a vertente sociocognitiva da Análise Crítica do Discurso, com base em van Dijk (1988, 1996, 1999, 2000, 2001, 2009, 2012, 2016, 2017). Ademais, abordamos a história da Linguística Crítica, poder e ideologia, especialmente a interface sociocognitiva Discurso-Cognição-Sociedade.

O quinto capítulo versa sobre a metodologia e a apresentação do *corpus*. Para isso, será delineado o percurso metodológico, assim como os procedimentos adotados para as análises qualitativas e interpretativas.

No sexto capítulo, procedemos à análise do *corpus*, em que são apresentados, concomitantemente, os resultados obtidos.

2. A HISTÓRIA DA IMPRENSA JORNALÍSTICA

Este capítulo trata da história e do conceito de jornalismo; dos aspectos discursivos, de acordo com a vertente sociocognitiva dos Estudos Críticos do Discurso (VAN DIJK, 2009; 2017). Ademais, mostramos que a crônica é um gênero opinativo (MELO, 2002; GABRIEL JR., 2010; CORRÊA, 2015; PACHECO, 2014), pertencente ao discurso jornalístico (MEDEIROS, 2004), apresenta grande importância no jornal impresso, especialmente no jornal *A Tribuna*, objeto deste estudo.

2.1 POR UMA CONCEPÇÃO DE JORNALISMO

Diversos autores entendem o jornalismo de pontos de vista diferentes. Quando pensamos em jornalismo, imediatamente associamos esse termo a duas partes que compõem o jornal: a parte escrita e a parte impressa. No entanto, ultimamente, somos obrigados a diferenciar esses elementos, devido ao advento das tecnologias.

Para entendermos o momento atual, Bussarello (2005) explica o que é jornalismo:

O jornalismo é, digamos assim, uma espécie de “espírito” que se manifesta num corpo chamado jornal. Esse corpo pode assumir diversas formas, como, por exemplo, por escrito em papel, oral radiofônico, tele-audiovisual, virtual. Essas formas são conhecidas como mídias ou suportes (p. 60).

O jornalismo, portanto, é uma atividade exercida, diariamente, para informar a sociedade as ocorrências sociais, caracteriza-se pela efemeridade. As formas e os meios que a informação chega ao leitor se diversificaram, isto é, há inúmeros suportes mais sofisticados além do papel escrito. Mesmo assim, é comum associar o jornalismo ao jornal impresso, dado que esse meio foi o precursor da atividade.

Traquina (2005, p. 19) salienta que é um absurdo tentar responder o que é o jornalismo em “uma frase ou até mesmo em um livro”. A opinião do autor se refere à amplitude do jornalismo, na função que representa socialmente. Tal amplitude, é referida pelo autor de forma poética como “a vida”, uma vez que o jornalismo é responsável por dar a informação sobre as dimensões dos acontecimentos sociais, de forma que isso se torna uma espécie de “enciclopédia da vida humana”.

Um exemplo fornecido pelo estudioso está no jornal impresso diariamente, cuja divisão em seções compreende sociedade, economia, ciência, educação, cultura, artes, livros, as mídias, televisão. Dessa forma, abrange o cenário nacional e internacional e mundial. Outra possibilidade posta, advém da ideologia profissional do jornalista, que define o jornalismo como realidade, no sentido de ser um veículo que apresenta credibilidade de responder, de maneira coerente e objetiva, aos anseios da população sobre os acontecimentos sociais, por intermédio da notícia. A definição envolve saber técnico, procedimentos e linguagem própria para a transmissão da informação.

Para Traquina (2005), o jornalismo vai além da técnica utilizada pelo jornalista para produzir um jornal, pois é, antes de tudo, uma profissão, que envolve uma responsabilidade social. Além disso, requer uma atividade intelectual, na medida que trata de temas relevantes, por exemplo, sobre profissões, tecnologias, ciência, traduzindo-as para que a sociedade compreenda.

A acepção trabalhada neste estudo, não aceita, passivamente, as expressões utilizadas por Traquina (2005) para conceber o que é jornalismo, tais como: “a vida”, abrange “todo o cenário nacional e internacional e o planeta” e forma uma “enciclopédia da vida humana”. Para nós, essas ideias demonstram uma lógica de poder político e econômico, que visa o controle social.

As duas formas de poder se valem da mídia, considerada um quarto poder e um suporte que congrega a informação e a comunicação. Por isso, mostram que detém o conhecimento e a explicação dos fatos sociais com exatidão. Ao focar nessa importância da mídia, os grupos hegemônicos tornam a sociedade dependente dos conteúdos midiáticos, como se o texto e a imagem, neles contidos, estivessem de acordo com a realidade e fossem imparciais.

Charaudeau (2013) afirma que “a mídia é um potente produtor de imagens deformantes” (p.16), isso quer dizer que o discurso, produzido pelos jornalistas, é editado; e a forma simbólica como são escritas as notícias, o espaço reservado nas páginas e a ideologia não permitem que os acontecimentos sociais sejam abrangidos em sua totalidade. Por esse motivo, na preparação do jornal, muitos fatos são apagados e omitidos para dar enfoque ao que interessa o poder econômico e político, que manipula a mídia.

Imbuída desse mesmo pensamento, Lopes (2010) acrescenta que:

[...] o jornalismo como um processo de transmissão de informação através dos Mídia (comunicação de massa midiática e mediatizada), ancorado em valores como a atualidade, a novidade, a periodicidade, a difusão/recepção coletiva e o interesse (público e do público). É uma construção narrativa apoiada na linguagem, na palavra, uma construção narrativa da realidade, submetida a determinada técnica e sujeita a determinadas regras e gramática (LOPES, 2010, p. 01).

Assim como Charaudeau (2013), a autora entende a mídia como um suporte das informações. Nesse sentido, a definição de jornalismo, como difusor da informação, engloba valores como: a atualidade, a novidade, a periodicidade, a difusão/recepção coletiva e o interesse (público e do público). Dessa forma, os acontecimentos corriqueiros são o material usufruído pelo jornalista que, ao escrever as matérias, utiliza o poder simbólico, conhecimentos pessoais e formais, obedecendo ideologias próprias e do jornal para transformá-los no texto que é divulgado todo dia. Esses aspectos por si só ensejam que, no jornalismo, ocorram práticas de manipulação dos fatos que são noticiados.

Rossi (1980), que é jornalista, salienta, de forma politizada: “Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores e ouvintes” (p.03). Em outras palavras, o jornalismo é uma instituição que detém o poder que compreendemos, de acordo com van Dijk (2017), como o conhecimento e o acesso ao discurso público.

Consoante ao conceito de Rossi (1980) sobre o jornalismo, van Dijk (2017) expõe que um dos objetivos das mídias é manipular as informações. Para isso, apresenta uma ideologia dominante, com o objetivo de controlar as mentes. Entendemos a expressão “controlar mentes” como uma prática objetiva ampla, porque, se um grupo hegemônico consegue controlar a mente da maioria da população, esse grupo dita comportamentos e tendências sociais e, com isso, obtém vantagens, prestígio e alta condição financeira.

Se buscarmos mais definições para o termo jornalismo, certamente encontraremos outras que nos levarão a diversas reflexões. Contudo, para esta Dissertação,

procuramos uma que se aproxime da vertente sociocognitiva dos Estudos Críticos do Discurso. Por esse motivo, o pensamento de Rossi (1980), Lopes (2010) e de Charaudeau (2013) estão em consonância com a proposta de van Dijk (2017), dado que exprimem a existência de grupos sociais dominantes, que objetivam influenciar, oprimir e manter autoridade sob outros grupos dominados.

2.2 A CRÔNICA NUMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA

A etimologia do termo “crônica” vem do grego “*cronos*”, que significa tempo. Conforme o significado advindo dessa etimologia, atualmente entendemos, no fazer jornalístico, a crônica como um gênero textual escrito e endossado por um cronista a uma coluna de jornais ou revistas (SOUSA, 2001). Contudo, nem sempre foi assim. A crônica como gênero jornalístico, embora seja contemporânea, dispõe de uma base, tipicamente, histórica, usada primeiramente para relatar os feitos heróicos e as viagens de navegação (MELO, 2002; SOUSA, 2008; CARDOSO, 2008; COSTA, 2014).

Sumarizamos o processo histórico de constituição da crônica, obedecendo a seguinte trajetória: a literatura > a história > a crônica jornalística. Se inicialmente a crônica objetivava descrever os acontecimentos, conforme ocorriam, com as mudanças no decorrer do tempo, ganhou uma aparência mais perspicaz (MELO, 2002; CARDOSO, 2005; SOUSA, 2008). Logo, com o nascimento da imprensa no século XVII, e, mais precisamente a partir do século XIX, passa a figurar entre as colunas dos jornais diários, dos periódicos, e, mais tarde, em outros meios de comunicação, como o rádio (MELO, 2002).

Segundo Melo (2002), a crônica luso-brasileira é um gênero opinativo, semelhante ao editorial, artigo ou comentário, são textos jornalísticos parciais e escritos sob o ponto de vista/opinião de quem os escreve ou do jornal. Acrescentamos ainda: a crônica jornalística é um gênero marcado pelo hibridismo, constitui-se pelo conteúdo noticioso que o jornal apresenta em sua composição.

Embora exista similaridade entre a crônica e os gêneros opinativos, há diferenças. No Brasil do século XIX, segundo Melo (2002), a crônica apresentava características que a diferenciava dos outros gêneros jornalísticos:

- 1) uma diferença era o modo descontraído que o cronista fazia uso, dando ao texto um tempero em relação aos outros fatos e ocorrências diárias noticiadas pelos jornais impressos. Por esse motivo, eram escritas com a finalidade de entreter;
- 2) a linguagem acessível a todos leitores e ao mundo feminino. Contendo tais predicativos, foi responsável por ajudar a promover processos de construção da vida social brasileira. Dois escritores que se destacam nesse período são Machado de Assis e José Lins de Alencar.

De acordo com Cardoso (2008), no século XIX, as crônicas que os jornais publicaram eram notas de rodapés, intituladas folhetins. À época, foram editados muitos clássicos da atualidade, como os romances *Senhora* e *O Guarani*, de José de Alencar, que atingiram a popularidade. Com o sucesso do folhetim, a autora assinala o nascimento da crônica com as seguintes palavras: “[...] a crônica nasceu com o intuito de assumir o papel intermediador entre o noticiário das coisas sérias e a descrição dos assuntos leves, cuja finalidade seria o entretenimento e o experimento estético” (CARDOSO, 2008, p. 20).

No Brasil, vários escritores que compõem o cânone brasileiro tiveram suas crônicas publicadas nos jornais. Contudo, isso só passou a ter a feição de gênero brasileiro, tipicamente nacional, a partir da década de trinta (MELO, 2002). Sendo assim, antes da geração de 30, os cronistas fizeram parte de uma fase conhecida como “crônica de costume”, em que relatava os fatos do cotidiano, através de uma linguagem mais literária.

Após a década de 30, os cronistas são parte do período “crônica moderna”. O gênero textual passa a ser mais utilizado e integra a matéria noticiada no jornal. Com essa nova configuração, os escritores conquistam seus leitores, devido a maneira descontraída de escrever que se une aos acontecimentos sérios e à crítica, revelando nuances que não são possíveis de serem percebidas pelos repórteres (MELO, 2002).

Costa (2014) assinala a crônica como um gênero jornalístico criativo, mais próximo à literatura, é o único gênero literário incorporado pelo jornalismo. O texto é leve e rápido, o cronista se utiliza do discurso indireto e de perguntas retóricas, mescla o relato informal e o causo.

A forma do cronista se expressar cativa o leitor, ensejando um relacionamento entre ambos. Isso posto, a crônica dispõe de uma utilidade pré-determinada: é elaborada com o intuito de agradar o leitor sempre no mesmo espaço e localização. Os assuntos, que são compartilhados com os leitores, advêm do cotidiano, do “instante” que é captado e registrado pelo cronista.

Em nossa pesquisa, constatamos que, para grande parte dos pesquisadores, a crônica é um gênero híbrido, flutua entre a literatura e o jornalismo. A linguagem subjetiva, poética e de palavras e frases bem escolhidas, para recriar a realidade, marca a fronteira da literatura; enquanto a linguagem jornalística é a que se aproxima dos gêneros opinativos – o artigo de opinião, o editorial e a crítica -, nos quais predominam a objetividade. A partir desses apontamentos, caracterizamos a crônica como um gênero jornalístico opinativo, volátil e impreciso.

Medeiros (2004) ao tratar sobre o percurso sócio-histórico da crônica até se tornar um gênero jornalístico, constata uma ruptura no processo. Antes do nascimento do jornalismo, os relatos cronísticos se baseavam na tradição oral e na escrita. Nessa época, o tempo tinha outras significâncias e, em consequência, a crônica tinha um caráter permanente. No entanto, esse período sucumbiu quando “o tempo passa a significar produção” (MEDEIROS, 2004, p. 93) ou, melhor, quando surge o jornalismo de informação ou a industrialização da notícia, como salienta Lopes (2010).

A nova condição do jornalismo, como um negócio lucrativo, tornou o fazer jornalístico diário e “apressado”. Dessa forma, a crônica se tornou um gênero “efêmero” e “urgente” (SÁ, 2005; LOPES, 2010). Certamente, a globalização e as novas tecnologias que fazem o jornalismo acirram, cada vez mais, esse processo.

Nesta Dissertação, analisamos o discurso jornalístico, com base na vertente sociocognitiva dos Estudos Críticos do Discurso. O gênero utilizado para este estudo não é o que van Dijk (2017) se baseia em seus estudos. Por isso, recorremo-nos a três abordagens teóricas para estudar a crônica.

A primeira, é a obra de Medeiros (2004), que elaborou uma teoria sobre o discurso cronístico. Esse discurso foi constituído, no âmbito do discurso jornalístico, tendo uma identidade com a notícia, produzida no dia a dia, com sua efemeridade. Surgiu,

historicamente e culturalmente, com o desenvolvimento da imprensa jornalística. Além disso, crônica, por fazer parte de jornais, segue, também um discurso jornalístico. van Dijk (1999, p. 69) salienta que esse tipo de discurso exerce um poder simbólico e contribui para produzir e reproduzir crenças, “conhecimentos, atitudes, ideologias etc.” de grupos hegemônicos. Sendo assim, utilizaremos ambos os discursos para a análise dos dados linguísticos.

A segunda obra basilar deste estudo é a de van Dijk (1978; 2012), que introduz a superestrutura argumentativa como uma ferramenta para o estudo de textos dessa tipologia. Nesse sentido, sendo a crônica um gênero textual-discursivo-opinativo, a superestrutura se enquadra muito bem no estudo desse gênero.

A terceira está na obra de duas autoras e um autor. A primeira, é Pacheco (2014), que estuda a representação social da mulher nas crônicas musicais de Chico Buarque de Hollanda. A tese da autora está situada na Análise Crítica do Discurso, de vertente sociocognitiva, contribui com os estudos linguísticos discursivos do feminismo no Brasil. Nos estudos das crônicas, a partir do diagrama proposto por Scafuro (1999), fez sua análise. Os resultados indicam que “há valores positivos e valores negativos que avaliam o feminino enquanto gênero na sociedade e esses valores vinculam-se a uma sociedade cujo modelo é masculino, o que gera preconceitos” (PACHECO, 2014, p. 07).

A segunda é o estudo de Corrêa (2015) sobre a representação social da mulher nas crônicas escritas por Marina Colasanti, tendo como amparo os Estudos Críticos do Discurso, de abordagem sociocognitiva e a linguística Textual-discursiva. A autora contribui com os estudos críticos feministas. Utilizou, também, o diagrama da crônica do cotidiano, proposto por Scafuro (1999). Como resultado, evidenciou que Marina Colasanti indica a representação social da mulher de forma paradoxal, confrontando a ideologia machista com a opinião da cronista. Além disso, indica que houve mudanças na sociedade brasileira nos anos setenta e oitenta, em decorrência da pílula e da profissionalização da mulher.

Outro autor relevante para o estudo que desenvolvemos é Gabriel Jr. (2010), que pesquisa a estrutura textual-discursiva das crônicas, com base nos Estudos Críticos do Discurso, de vertente sociocognitiva. Dentre os tipos de crônicas jornalísticas estudadas, focamos na do cotidiano, em que o autor, para sua análise, baseia-se,

assim como as demais, no diagrama proposto por Scafuro (1999). Os resultados mostraram que a opinião do cronista apresenta similitude com a ideologia do jornal. Mas, dissimilitude com a notícia; a opinião do cronista se constrói através da Cognição Social pelo cotidiano ou pelo fato; as categorias textuais estabelecem uma relação entre o inusitado da notícia, o conhecido da notícia publicada e o Marco de cognição social.

Assim como apontado, Pacheco (2014) e Corrêa (2015) pesquisam em crônicas a representação social da mulher e, para isso, baseiam-se nos Estudos Críticos do Discurso, de vertente sociocognitiva. As crônicas escolhidas como *corpus* foram as do Cotidiano, cuja nomenclatura e diagrama foi desenvolvido por Scafuro (1999).

Segundo Corrêa (2015), a Crônica do Cotidiano é escrita a partir de fatos do cotidiano, baseados nas experiências do cronista. Por isso, dispõe de caráter permanente. No mesmo sentido, Gabriel Jr. (2010), embora não tenha estudado a representação social da mulher, analisa a superestrutura da crônica do cotidiano a partir do trabalho de Scafuro (1999) e conclui, em suas análises, ao realizar alterações no diagrama, elaborado pela autora.

A superestrutura elaborada por Gabriel Jr. (2010) é o enfoque inovador, dentre as demais. Por isso, a utilizaremos em nossa análise de *corpus*. Todavia, é válido ressaltar que a superestrutura argumentativa da crônica do Cotidiano foi pensada por Scafuro (1999), a partir do esquema argumentativo proposto inicialmente por van Dijk (1978), descrito na Figura 1. Não obstante, van Dijk (2012), atualmente, apresenta uma nova ênfase para a superestrutura argumentativa.

Este estudo segue a orientação de diversos pesquisadores. Porém, a base é a abordagem sociocognitiva dos Estudos Críticos do Discurso, de van Dijk (2009, 2012, 2017), dentre outros.

2.3 A CRÔNICA COMO GÊNERO TEXTUAL-DISCURSIVO-OPINATIVO

Para situarmos a crônica como um gênero textual-discursivo, baseamo-nos a: Bakhtin (1992), a partir da teoria dos gêneros discursivos; e a Marcuschi (2008)¹

¹ Rojo (2005, p. 186) explica a diferença entre a terminologia “gêneros discursivos” utilizado por Bakhtin (1992) e “gêneros textuais” utilizado por Marcuschi (2008). Segundo a autora, gêneros

que, partindo dos estudos de Bakhtin (1992), realiza trabalhos sobre os gêneros textuais. Por fim, discutimos acerca dos gêneros textuais na proposta sociocognitiva dos ECD. Para isso, utilizamos as acepções de van Dijk (2012).

O ser humano, em sua essência, necessita da comunicação com o outro. A partir dela, travamos relações complexas, que se realizam com o auxílio dos gêneros discursivos. Para Bakhtin (1992), a interação comunicativa, através da linguagem, obrigatoriamente, pressupõe, pelo menos, duas pessoas envolvidas. Além disso, só pode ocorrer por intermédio de enunciados concretos, a partir de algum campo da atividade humana.

Os enunciados, por sua vez, refletem as condições e as finalidades nas situações. De acordo com Bakhtin (1992), existem três elementos indissociáveis, vinculados a quaisquer enunciados e são definidos pelo campo de atividade específico: 1) o conteúdo temático – diz respeito ao domínio do sentido, ocupado pelo gênero do discurso; 2) o estilo – está ligado à seleção dos recursos linguísticos, recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais pelo enunciador para produção do enunciado; 3) a construção composicional – refere-se à estrutura formal do enunciado.

A partir da acepção de Bakhtin (1992), cada campo da atividade humana gera um gênero específico, formado por elementos culturalmente construídos, dominados pelos usuários da língua.

No campo jornalístico, o gênero crônica jornalística é um “tipo relativamente estável” de enunciado, se o considerarmos em seu conteúdo temático, cujo domínio é privado, apesar de cada crônica apresentar assunto específico. O estilo desse gênero é marcado pela seleção de elementos próximos e uma linguagem objetiva, subjetiva e introspectiva. A construção composicional é formada por: título, corpo do texto e o nome do cronista que assina.

Bakhtin (1992), ao discutir sobre o estilo, mostra a importância desse elemento para a formação dos enunciados, que dão origem a um gênero do discurso em situação específica. Destarte, diante de situações de interação formais ou informais, um enunciador sabe quais elementos linguísticos utilizar. Com efeito, como usuários de

discursivos é a descrição das situações de enunciação em seus aspectos sócio-históricos, enquanto gêneros textuais é a descrição da composição e da materialidade linguística dos textos no gênero.

uma língua, adequamos o conteúdo a uma estrutura formal ou informal, mas com um toque de personalidade.

O autor, ainda, classifica os gêneros do discurso como primários e secundários. Os gêneros são modelos fixos, elementos culturais e instrumentos que estão à disposição dos participantes de uma determinada comunidade linguística. Posto isso, o estudioso acrescenta:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 1992, p. 292).

O teórico aponta a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso. Esses elementos mostram que os gêneros do discurso não são fixos. No cenário atual, portanto, é latente a realização de estudos que possam dar conta de explicar as características e o funcionamento desse tipo de material em contexto de uso.

Bakhtin (1997) traz contribuições relevantes ao resgatar a constituição histórica da crônica jornalística. Moraes (2018), ao estudar a obra de Bakhtin (1997), traça as origens da crônica como gênero textual-discursivo. Para a autora, a crônica descende dos gêneros sério-cômicos, utilizados na antiguidade clássica. Mais especificamente, refere-se ao gênero intercalado Menipeia carnavalizado, que se formou a partir da fragmentação dos “diálogos socráticos”.

O parentesco desse gênero da antiguidade com a crônica jornalística surge pois os gêneros sério-cômicos, em geral, focam a realidade dos acontecimentos, ou seja, o dia a dia era o ponto de partida para a escritura do texto. Em particular, a “menipeia” é a publicística atualizada (BAKHTIN, 1997).

No âmbito dos estudos linguísticos, Marcuschi (2008) vislumbra na teoria dos gêneros do discurso um meio ambiente propício para a realização de pesquisas. Segundo o autor, os gêneros são “[...] altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” (MARCUSCHI, 2008, p. 19). Além dessas características, os gêneros dos discursos não são opostos, mas complementares.

Os gêneros do discurso carregam uma configuração, dado que os seres humanos que os utilizam dispõem de uma grande criatividade para produzir enunciados em contextos que envolvem situações adversas. Sendo assim, as complexas atividades humanas dizem respeito à produção de gêneros discursivos, na perspectiva sócio-histórica, de Bakhtin (1992). Entretanto, para Marcuschi (2008), se a produção de enunciados está ligada à complexidade; a de gêneros do discurso também está. Com isso, precisam ser estudados na sua composição e materialidade linguística.

O autor, a partir da teoria bakhtiniana dos gêneros do discurso, foca no estudo da materialidade linguística e na construção composicional, classifica-os como orais ou escritos e os denomina de gêneros textuais. Algumas das contribuições do autor foram: as pesquisas com intergenericidade, a imbricação dos gêneros textuais, os seus controles sobre os indivíduos e a questão do suporte do gênero.

Reconhecemos as perspectivas de Bakhtin (1992) e de Marcuschi (2008) como importantes, porque introduzem conceitos que auxiliam a abordagem dos ECD de vertente sociocognitiva. Portanto, para analisar o gênero textual/discursivo, consideramo-nos como um tipo de texto ou de fala, de atividade verbal ou de evento comunicativo, funciona como um elemento que faz a mediação entre o discurso e o contexto.

Conceitualmente, o gênero como “tipo de discurso” aparece em contextos mais específicos, não é definido pelas propriedades discursivas que contém, como a gramática, o estilo, a retórica e os formatos, porque são insuficientes para caracterizá-lo. Contudo, o gênero pode ser mais bem definido quando o enquadrarmos em categorias contextuais, como os participantes, o tipo de atividade e as bases cognitivas. Por ser apreendido mais pelas propriedades do contexto, van Dijk (2012, p. 208) denomina esses gêneros de “gêneros contextuais”, uma vez que se definem pelos “tipos de atividades ou práticas sociais”.

Ao contrário, o gênero como “tipos de texto” como a conversação, a história, a reunião, a argumentação, o manual, o relatório não se definem a partir de contextos específicos, porque ocorre em situações diversas, envolvendo a fala e a escrita. Nesse caso, devido ao teor discursivo desses gêneros, é mais pertinente defini-los a partir da estrutura discursiva específica, qual seja: a semântica, a pragmática e as estruturas interacionais (VAN DIJK, 2012).

Os gêneros contextuais e discursivos não funcionam isolados, porque, nas estruturas discursivas, não há um limite definido dos eventos em que são empregados os gêneros formados por estruturas argumentativas e narrativas. As conversas cotidianas são um exemplo disso. Diante desse problema, a maneira mais eficaz de diferenciar o gênero é verificar, numa análise, se ele se define mais em termo de estrutura ou de atividade. Diferentemente, um gênero como o debate parlamentar se define mais em termo de atividade, visto que não ocorre em uma conversa cotidiana. Mas, em situações de linguagem formal.

O estilo é parte do conceito de gênero textual/discursivo, uma vez que cada um apresenta características. Contudo, um ator social pode se apropriar dos recursos que a língua oferece e adequá-los ao contexto para cumprir objetivos discursivos, com a finalidade de controlar o outro. Para van Dijk (2012), um ator social, ao dominar o conhecimento linguístico e o discurso público em determinadas situações contextuais, utiliza-se de um estilo como uma expressão de poder, a fim de influenciar os receptores. Segundo o autor:

Trivialmente, se quisermos passar por amigáveis (cultos, etc.) recorreremos a um estilo amigável (culto, etc.); se queremos ameaçar alguém, usamos um estilo agressivo; e se queremos evitar que nos classifiquem como racistas, usamos desmentidos [disclaimers] (“Não sou racista, mas...”) (VAN DIJK, 2012, p. 206).

Como o estilo sugere as situações sociais como estratégia discursiva, van Dijk (2012) assinala como um ator social causa falsas impressões ou influencia o outro. Ao usar um estilo polido, em certas circunstâncias, simula, no contexto, uma face positiva para o outro, demonstrando compreender bem a situação.

Refletindo sobre as noções de gênero textual/discursivo, apontadas por van Dijk (2012), concluímos que essa noção se define na medida em que se manifesta e é reconhecida nas estruturas discursivas. Observamos, a partir das análises de van Dijk (2012), como as estruturas discursivas se repetem em muitos gêneros. Usamos como exemplo a crônica jornalística, que comporta uma estrutura argumentativa, mas também uma função narrativa. A crônica, ao mesmo tempo que possui a estrutura de texto formal (retóricas), como as do debate parlamentar que se repetem em artigos e editoriais, dispõe, também, da estrutura de texto informal da narrativa,

como as da conversa cotidiana, que se repete no caso e no conto. Por fim, caracteriza-se por um estilo próprio, que a torna imprecisa e difusa de definição.

Na crônica jornalística, o cronista, uma elite simbólica, utiliza os recursos discursivos da língua em favor da defesa de ideologias próprias e as que estão em consenso com a instituição jornalística. Para isso, em seu estilo, vale-se da linguagem formal e informal para construir o discurso, a partir da observação de fatos do contexto.

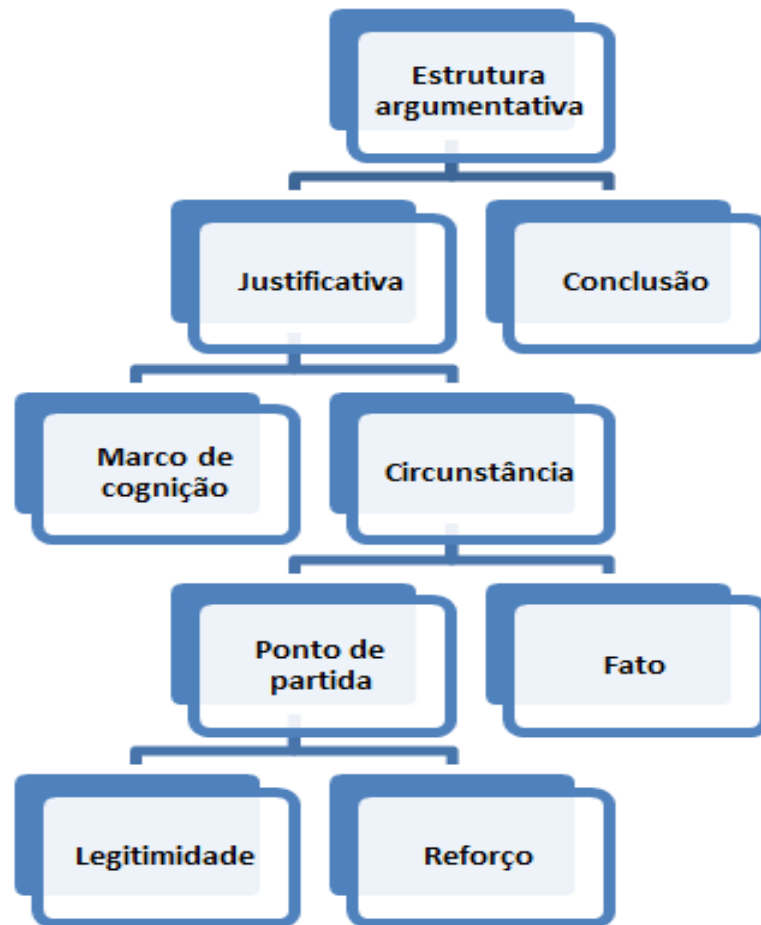
2.3.1 Superestrutura, macroestrutura e microestrutura textual-discursiva da crônica do cotidiano

van Dijk (1978), van Dijk e Kintsch (1983) e van Dijk (2012, 2017) estudam a micro e macroestrutura textual. Nos textos, é possível observar proposições que vão de um nível inferior até se constituírem em um nível superior semântico e abstrato, estabelecendo, assim, uma coerência ou um significado global do texto. Além disso, em termos de macroestrutura, os textos são compostos por uma superestrutura, que constitui esquemas convencionais, contendo características próprias de cada discurso (VAN DIJK, 1978; VAN DIJK e KINTSCH, 1983).

Esses esquemas ordenam o texto e a fala e atribuem funções específicas às sequências textuais. A precisão permite que os interlocutores memorizem as estruturas, facilitando a construção e a compreensão dos vários tipos textuais, como o narrativo, argumentativo e o científico. Por intermédio de van Dijk (2012), enquadrámos a crônica jornalística como pertencente a um esquema argumentativo, com uma função persuasiva. O cronista se utiliza da superestrutura, com o objetivo de atacar posicionamentos ao incidir sua opinião ou atitudes acerca de assuntos polêmicos e inusitados de relevância social.

Pacheco (2014), Corrêa (2015) e Gabriel Jr. (2010) são autores que, além de van Dijk (2012), ajudam-nos a definir a crônica jornalística como um gênero de estrutura argumentativo-opinativo. Com base neste esquema argumentativo, proposto por van Dijk (1978),

Figura 1 – Superestrutura do texto argumentativo



Fonte: van Dijk (1978, p. 160).

Esta superestrutura é um esquema composto por categorias, que van Dijk (1978, p. 161 – Tradução nossa) admite como provisórias: “Os nomes das diferentes categorias são provisórios e provavelmente podem ser substituídos por outros, especialmente dependendo do tipo de argumento. O tipo de argumentação também depende do contexto institucional da demonstração”².

As categorias da superestrutura são: argumentação, justificativa, conclusão, marco cognitivo, circunstância, ponto de partida, fatos, legitimidade e reforço, as quais são organizadas de forma hierárquica, relacionando uma justificativa a uma conclusão.

² Texto conforme o original: Las denominaciones de las diferentes categorías son provisionales y probablemente puedan ser sustituidas por otras, en especial según el tipo de argumentación. El tipo de argumentación también depende del contexto institucional de la demostración. Puesto que en la vida cotidiana y el lenguaje familiar, como en los (VAN DIJK, 1978, p. 161).

A superestrutura argumentativa deriva do silogismo filosófico, em que as premissas maiores e menores (hipóteses) indicam uma conclusão precisa. Entretanto, para o autor, isso funciona se for aplicado em contextos formais de exigência lógico-semânticos. Porém, em situações argumentativas do dia a dia ou mesmo científicas, de domínio pragmático, tais premissas ou hipóteses se figuram de maneira implícita. Nesse caso, na visão de van Dijk (1978), para além da estrutura canônica do silogismo, desdobram-se várias outras categorias que, por conseguinte, modificam o nome, de acordo com as exigências do contexto.

van Dijk (1978; 2012) apresenta a “argumentação” como um componente discursivo utilizado pelos atores sociais para persuadir ou convencer o outro sobre as crenças deles. A superestrutura argumentativa se manifesta não somente em textos formais, mas também nos textos informais.

A categoria “justificativa” visa confirmar determinada assertiva no processo discursivo. Esta categoria se subdivide em várias outras. A “conclusão” indica que uma assertiva passou por um processo de avaliação, tendo como resultado um julgamento de valor ou uma opinião sobre o assunto. O “marco de cognição” dispõe de um caráter genérico, serve de parâmetro para que as avaliações sejam feitas, de acordo com aquilo que é aceito pelo grupo social, reflete representações mentais dos grupos sociais, que são adquiridas culturalmente e regula a maneira como essas representações se manifestam na sociedade.

A “circunstância” é uma categoria mais individual, um modelo mental, de cunho avaliativo. Dessa forma, diante de determinadas situações discursivas é comum um ator social ter posicionamentos ou representações mentais individuais sobre um assunto. Elas são postas em avaliação diretamente com o “marco de cognição”. O “ponto de partida” é aquilo que se toma como marco inicial para começar a análise do fato que, por sua vez, é um acontecimento ou uma ocorrência social, por meio do qual os atores sociais levantarão argumentos, a fim de legitimá-los. A “legitimidade” funciona como uma regra, que garante a veracidade da assertiva. O “reforço” é formado por argumentos que servem de apoio para legitimar uma afirmação.

Para Pacheco (2014), a superestrutura é o “marco de cognição”, porque diz respeito aos pontos de vista dos grupos sociais. Dessa maneira, quando um membro do grupo focaliza algum fato no contexto social, o representa utilizando desse ponto de

vista grupal, mas, ao mesmo tempo, motivado pelos seus interesses, objetivos e propósitos. Posto isso, acrescenta que é pelas representações mentais que “os marcos de cognição social organizam e monitoram as crenças dos membros de seus grupos bem como de suas práticas em seus discursos sociais” (PACHECO, p.32).

Nesta citação, a autora remete à interface sociocognitiva de van Dijk (2009): discurso-cognição-sociedade. Sendo assim, considera a inter-relação entre as categorias dessa interface, ou seja, a visão argumentativa, de van Dijk (2012), que focaliza a opinião no seguinte excerto:

Observações parecidas podem ser feitas para as *superestruturas* específicas que organizam o texto e a fala, como as da argumentação, que também têm funções persuasivas. Usada para defender ou atacar ‘posições’ como as opiniões ou atitudes acerca de problemas sociais relevantes, é típico da argumentação apresentar de maneira implícita ou explícita, passagens cognitivas que sugerem (ou forçam as pessoas a tirar) conclusões de argumentos que são aceitos na interação racional e na comunicação (VAN DIJK, 2012, p. 268).

Seguindo a declaração de van Dijk (2012), diante dos mais diferentes eventos discursivos, os atores sociais se valem do uso da argumentação e o fazem com o auxílio de modelos mentais e cognições sociais. Como a crônica é um gênero argumentativo-opinativo, não foge dessa regra.

A crônica do cotidiano, objeto de estudo, está no cotidiano. Entendemos “do cotidiano” como uma expressão que caracteriza as experiências vivenciadas pelo cronista no dia a dia, que servem de base para a escrita do texto. O cronista do cotidiano ao mesmo tempo em que é uma elite simbólica, como profissional do jornalismo que vive em busca de fatos e acontecimentos; é, também, um ator social, que interage discursivamente com a sociedade, emitindo sua opinião sobre os fatos.

A focalização é uma atitude inicial do cronista e, segundo Gabriel Jr. (2010), para a Análise Crítica do Discurso e vertente sociocognitiva, o termo focalização significa ponto de vista que constitui uma forma de representação da informação, de acordo com os modelos mentais do cronista. Mas esse ponto de vista, considerado o polo 2, é confrontado e passa por uma avaliação dos fatos, no momento que o cronista recorre ao “marco de cognição”, o polo 1.

Essa categoria concentra as opiniões e representações mentais da sociedade e, mais especificamente, do grupo em que o cronista se identifica. Assim, cria-se um paradoxo entre os dois polos, surgindo os argumentos de comparação. Em seguida, o cronista busca uma similaridade entre os argumentos, resultando na opinião dele, mediante uma avaliação por julgamento (GABRIEL JR., 2010). Em outras palavras, para os Estudos Críticos do Discurso, de vertente sociocognitiva, o cronista, ao opinar sobre fatos sociais polêmicos, produz crenças e opiniões, que são repassados ao leitor como possibilidades de afetar a opinião dele (VAN DIJK, 2009; 2012).

A partir da exposição dessas ideias, explicamos o esquema textual da focalização da crônica do cotidiano, elaborado por Gabriel Jr. (2010). Nosso objetivo é mostrar que esse esquema textual se completa no funcionamento da superestrutura argumentativa da crônica do cotidiano. A Figura 2, contendo o processo que esclarecemos, pode ser visualizada a seguir:

Figura 2 – Estrutura textual da focalização da crônica do



Fonte: Elaborado a partir do trabalho de Gabriel Jr. (2010).

A figura nos auxilia a compreender o que acontece na estrutura textual, quando o cronista do cotidiano focaliza um acontecimento; é útil para percebermos que o mesmo ocorre na superestrutura argumentativa da crônica do cotidiano, reelaborada por Gabriel Jr. (2010), que utilizamos a fim de analisar o *corpus* desta pesquisa.

Para entendermos a importância da superestrutura argumentativa da crônica do cotidiano exposta, levamos em conta que, anteriormente na superestrutura da crônica do cotidiano, proposta por Scafuro (1999), a autora defende que os argumentos de legitimidade reforçam e justificam a opinião do cronista, resultando em uma resolução.

Partindo dessa visão da autora, analisamos que “reforçar” significa que esses argumentos sustentam a opinião, enquanto “justificar” é garantir a veracidade daquilo que foi afirmado sobre a opinião do cronista. Da mesma maneira, ao derivar desse processo avaliativo, uma resolução significa que se obteve um resultado seguro ou uma opinião aceitável do cronista. Pensando nisso, caso em nossas pesquisas os argumentos e as opiniões do cronista contiverem ou resultarem em crenças, opiniões e preconceitos androcêntricos, como refutaremos essas ideias na hipótese de serem verdadeiras, seguras e aceitáveis?

Diferente de Scafuro (1999), após a realização das novas análises, Gabriel Jr. (2010) conclui que são os argumentos de comparação (a comparação é uma Figura intertextual), que estabelecem zonas de similitude entre as cognições sociais e o fato estabelecido pelo cronista, resultando em uma forma de avaliação como julgamento. Na visão de Gabriel Jr. (2010), a avaliação como julgamento do cronista não apresenta caráter definitivo, uma vez que, na sociedade, não existe um discurso acabado.

Essa proposta é a utilizada como base, porque é aberta para questionamentos da opinião do cronista. Adiante, na Figura 3, apresentamos a superestrutura argumentativa da crônica do cotidiano, reelaborada por Gabriel Jr. (2010):

Figura 3 – Superestrutura da crônica do cotidiano



Fonte: Gabriel Jr. (2010, p. 103).

A superestrutura da crônica do cotidiano segue uma hierarquia, organizada pela estrutura argumentativa: premissa, justificativa e conclusão.

A categoria *justificativa* contém as circunstâncias, uma espécie de modelo mental (individual), arquitetada pelo cronista. Isso quer dizer que, primeiramente, precisa focalizar um evento no cotidiano. Esse evento permite que o cronista, com base em modelos mentais (individual), conceba sua opinião com o auxílio de argumentos.

Gabriel Jr. (2010) expõe que os fatos novos ou que ainda não sejam de conhecimento social permitem que o cronista estruture argumentos com a capacidade de prender a atenção do leitor. Além disso, admite também que elabore a premissa que o permite levantar opiniões, baseadas em julgamentos avaliativos.

Na justificativa está contida, também, o Marco de cognição social (coletiva), ou seja, as representações mentais dos grupos sociais e a ideologia que o cronista se identifica. Apontamos, pelo menos, dois grupos sociais em que o cronista poderia

buscar argumentos para construir sua opinião: o grupo social masculino e o grupo dos jornalistas. van Dijk (2017) mostra que ambos são de orientação androcêntrica. Assim, no Marco da cognição social, a partir da Representação social que a instância masculina faz acerca das mulheres, vemos a formação de vários argumentos.

Entre as circunstâncias criadas pelo cronista e entre aquilo que um grupo social admite em torno de um acontecimento, cria-se um paradoxo e uma zona de similitude, que conduz as opiniões a uma avaliação por julgamento. Logo, van Dijk (2012) acrescenta que, embora os Modelos mentais (individuais) e as Cognições sociais (coletivas) sejam explicados separadamente, no processo discursivo se realizam conjuntamente.

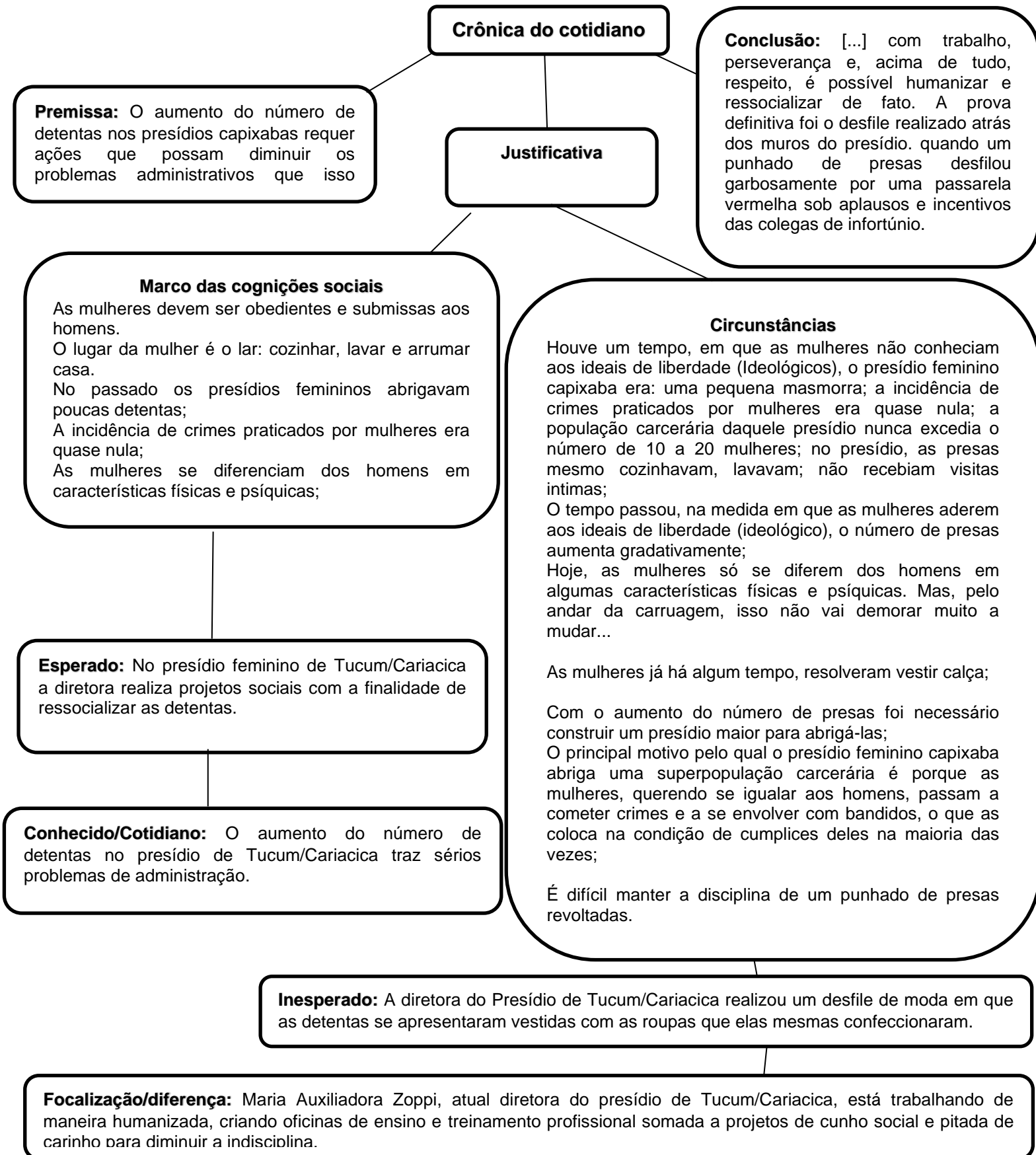
Dessa forma, entendemos como se cria a zona de similitude, dado que, sendo o cronista uma elite simbólica e, ao mesmo tempo, um ator social, ao recuperar um modelo mental (individual) androcêntrico para usá-lo na crônica, precisa adequá-lo a um nível que satisfaça as expectativas da sociedade e do grupo social masculino. Por esse motivo, é importante para o cronista realizar a avaliação por julgamento. Nesse sentido, uma vez que Pedro Maia pertence ao grupo social masculino, nas análises realizadas nas crônicas, encontramos termos e expressões que indicam traços de androcentrismo.

Uma observação que fazemos é que o fato recuperado pelo cronista, a partir do cotidiano, é algo novo, isto é, no sentido de causar uma surpresa aos leitores. Sendo assim, observamos, no Marco de cognição da superestrutura argumentativa da crônica do cotidiano, de Gabriel Jr. (2010), a existência das categorias “Esperado” e “Conhecido/Cotidiano”, mostrando que coletivamente o fato é comum. Entretanto, nessa superestrutura, em relação às circunstâncias criadas pelo cronista, notamos as categorias “Inesperado” e “Focalização/Diferença”, revelando que, a partir do fato comum no cotidiano, ele focalizará o diferente e o inusitado, com objetivo de surpreender o leitor.

A conclusão é justificada quando o cronista a legítima, enquanto a legitimação acontece somente quando o cronista, em posse dos modelos mentais androcêntricos, recorre ao marco de cognição social, de onde seleciona os argumentos que, ao se repetirem, dão sustentação às opiniões dele.

Com o auxílio de Gabriel Jr. (2010), analisamos uma crônica que compõe o *corpus* de pesquisa. Para isso, utilizamos a superestrutura argumentativa do texto, que servirá de exemplo para as análises posteriores. Na crônica a seguir, Pedro Maia realizou a seleção temática, a partir de fatos usuais e frequentes da sociedade. Participa do Marco de cognição social o grupo social masculino, que no mês de março, dedicado às mulheres, destaca o trabalho realizado pela diretora do presídio feminino de Tucum/Cariacica.

Figura 4 – Análise da superestrutura da crônica “Um exemplo de competência”.



A crônica focaliza o trabalho social realizado no presídio de Tucum/Cariacica-ES pela diretora Maria Auxiliadora Zoppi. Esse é um fato do cotidiano diferente, de acordo com o ponto de vista do cronista. O trabalho desenvolvido pela diretora objetiva manter as detentas disciplinadas e, por conseguinte, conter as rebeliões.

Ao relatar esse fato na crônica, assume um ponto de vista, a fim de surpreender o leitor com algo inesperado: não é, simplesmente, um projeto social, mas um desfile de moda, na penitenciária, organizado com a ajuda das detentas. Elas fizeram o curso de corte e costura e confeccionaram os vestidos para o desfile. A partir da focalização desse acontecimento, buscam-se razões para mostrar o profissionalismo da diretora do presídio e homenageá-la no mês dedicado às mulheres.

Nesse sentido, ao criar as circunstâncias, recupera modelos mentais, confronta diferenças entre a penitenciária feminina no passado e na atualidade. No passado, era, apenas, uma masmorra que abrigava de dez a vinte presas, não davam nenhum trabalho ao Estado, pois cozinhavam, lavavam e arrumavam a sela. Contudo, hoje, os presídios femininos superlotaram. Com isso, geram-se problemas administrativos para a diretoria e para o Estado.

Ao descrever a quantidade de mulheres nos presídios femininos capixabas, notamos a utilização de argumentos para mostrar que isso se deve a ideologias feministas de liberdade, no trecho: “[...] na trajetória do sexo feminino para a sua “independência e liberdade [...]”. Ademais, acrescenta que: as mulheres resolveram “vestir calça”, ou seja, se igualar aos homens; desse jeito, não há mais limites, pois somente se distinguem dos homens em algumas diferenças físicas e psíquicas, mas isso, em breve, mudará; na medida que aderem a esses ideais, aumenta o quantitativo no submundo do crime “vertiginosamente” e, em consequência disso, “o contingente de apenadas”. Mais adiante, pondera ao falar que grande parte delas é vítima de suas próprias escolhas, porque se tornam amantes de bandidos e, por esse motivo, acabam presas como cúmplices.

Esses argumentos são crenças androcêntricas, recuperadas e analisadas a partir das cognições sociais, isto é, são ideologias do grupo social masculino. Analogamente, quando se trata das diferenças físicas e psíquicas entre as mulheres e os homens, recupera crenças, opiniões e preconceitos de que as mulheres são inferiores ao homem nesses quesitos. Da mesma forma, quanto ao argumento de

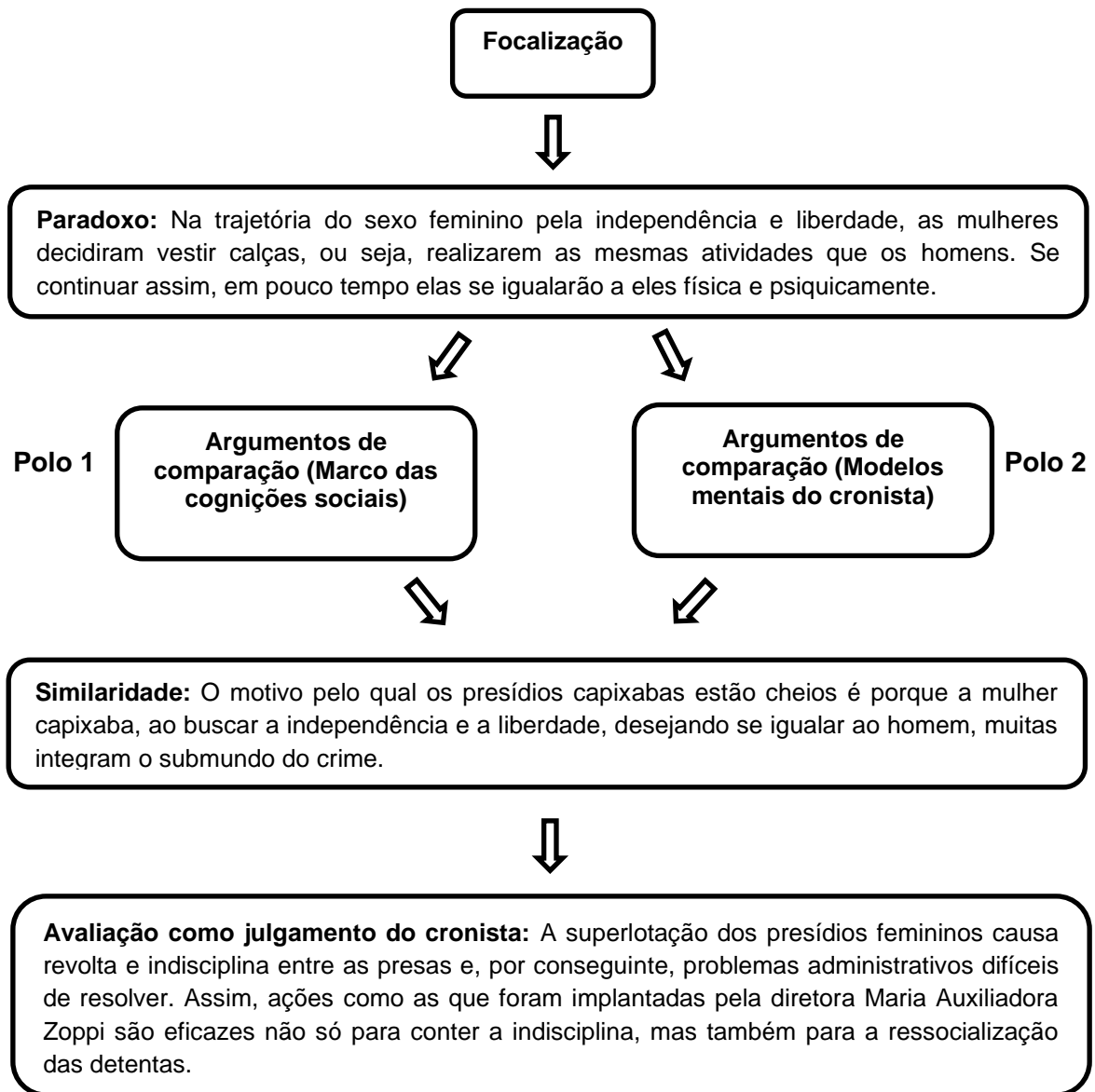
que o presídio feminino capixaba era apenas uma masmorra com dez a vinte presas, porque as mulheres cometiam poucos crimes, a crença central é a de que, à época, eram donas de casa, obedientes e submissas ao homem, sendo, portanto, representadas socialmente por esse estereótipo. No entanto, hoje, por quererem a independência e a liberdade, essa atitude subverte o sistema androcêntrico, pondo em risco a autoridade do homem. Como consequência disso, ocorrem graves problemas sociais, haja vista o aumento do número de crimes cometidos por mulheres, causando a superlotação dos presídios capixabas.

O pensamento trazido pelo cronista, ora analisado, é machista, pois não podemos culpar as mulheres, muito menos inquirir seus direitos pelos problemas sociais da atualidade. No passado, a população da Grande Vitória/ES era menor do que a atual. Com a expansão e o crescimento econômico e populacional nos anos que se seguiram, esse fenômeno acarretou problemas sociais, como: a falta de infraestrutura urbana, a pobreza, a baixa escolarização e a falta de segurança.

Entre as Cognições sociais e os modelos mentais, estabelece-se um paradoxo ou uma confrontação de argumentos. Os modelos mentais androcêntricos do cronista (circunstâncias), na proporção em que passam pelo crivo da cognição social, é feita uma conferência e uma similitude para que os argumentos formados, por meio dessas duas categorias, tornem-se uma opinião aceita socialmente. Após esse processo, o resultado é uma avaliação por julgamento, que justifica a premissa e a conclusão.

A seguir, pela estrutura textual da focalização da crônica do cotidiano, apresentamos como acontece o processo na superestrutura argumentativa desse gênero do discurso:

Figura 5 – Estrutura textual da focalização da crônica “Um exemplo de competência”



Fonte: Elaborado a partir dos estudos de Gabriel Jr. (2010).

Na Figura 5, observamos que o ponto de vista do cronista sobre o acontecimento, leva-o a criar argumentos de comparação no polo 1 e no polo 2, que estabelecem um paradoxo. Nessa categoria, lembramos que o cronista faz menção à independência feminina, à liberdade de gênero e à igualdade de direitos com os homens. Notamos que essa queixa do cronista se relaciona com a divisão social do trabalho, que estabelece, culturalmente, as atividades de homens e de mulheres, criticada por Bourdieu (2002).

Dessa forma, conforme o cronista, se hoje elas querem assumir as atividades que os homens realizam. Logo, querem se igualar ao homem ou “vestir calça”. Assim, há, nesse argumento, uma crença machista e preconceituosa contra as mulheres, naturalizada na sociedade e que carece de uma desconstrução.

Reparamos que, quando os argumentos de comparação sofrem a similitude, nos modelos mentais do cronista, fica explícito que discorda das conquistas alcançadas pelas mulheres na sociedade, uma vez que coloca isso como a causa de se envolverem no submundo do crime e, por conseguinte, superlotam os presídios femininos capixabas.

Nesse processo, o cronista avalia e julga que, diante do quadro problemático, as ações implementadas pela diretora são eficazes tanto para acalmar o clima de revolta quanto para ressocializar as detentas. Essa opinião do cronista justifica a premissa e a conclusão, tornando-a aceitável pela sociedade, pois, no mês dedicado às mulheres, não seria benquista uma opinião contrária.

Apesar disso, avaliamos que existe uma culpabilidade atribuída às mulheres pelos problemas sociais, uma conduta claramente machista. Ao tomar essa atitude, exclui a responsabilidade do Estado de promover políticas públicas para evitar a marginalização do ser humano. Embora concorde com as ações da diretora e mostre o trabalho eficiente realizado, os argumentos criados para comprovar a premissa e chegar à conclusão são atravessados por estereótipos, como o da dona de casa; além disso, em virtude da busca pela independência e liberdade, o autor usa expressões machistas e desrespeitosas para inferiorizá-la.

2.4 O DISCURSO JORNALÍSTICO

Ao tratar da existência do discurso jornalístico, estabelecemos um marco entre os fenômenos pré-jornalísticos e o nascimento da imprensa no século XVII. A partir desse marco, identificamos, no processo histórico, acontecimentos que envolvem embates entre grupos ideológicos, tendo o jornal como lugar de autoridade em que são publicadas as decisões dos grupos dominantes (SOUSA, 2008). Nesse sentido, Medeiros (2004, p. 94), ao tratar do nascimento da imprensa, assinala que ela “foi

um instrumento decisivo na consolidação da burguesia”, uma vez que a comunicação e a informação passaram a representar uma forma de poder.

Lopes (2010), por outro lado, reconhece essa condição do jornalismo, iniciada no passado, mas que se amplia a partir da institucionalização da informação como forma de lucro. Com o advento da globalização e das tecnologias, Bussarello (2004) comenta que esse modelo continua a se acirrar, tornando o jornalismo um comércio. Com isso, o jornal perde sua independência, não tendo mais como desvencilhar jornalismo, política e grandes corporações. Os grupos dominantes usufruem das páginas do jornal para dar seguimento aos seus interesses e, em contrapartida, ofuscam o objetivo primeiro do jornal: o de manter a população informada.

Diante do exposto, não há como negar que, pelas entrelinhas dos textos jornalísticos, não estejam inscritas ideologias que doutrinam ou influenciam o modo de vida da sociedade. Feita essa consideração, se o jornalismo como instituição se inscreve, segundo Medeiros (2004), Bussarello (2004) e Lopes (2010), no contexto do capitalismo globalizado, o discurso praticado no jornal, sem dúvida, é hegemônico.

Por esse motivo, situamos essa conclusão no âmbito da perspectiva sociocognitiva dos Estudos Críticos do Discurso. Para isso, recorreremos a van Dijk (1988), que expõe a ideologia como uma forma de cognição social, que nos conduz à reflexão de que há grupos sociais envolvidos na produção do discurso jornalístico, imbuídos de crenças, atitudes e *modus operandi* que os constituem. Contudo, ao mesmo tempo, a ideologia exerce e controla as relações de poder entre esses grupos.

Socialmente, a ideologia incide sobre os estratos e substratos sociais, equacionando, de forma negativa, as relações de poder entre grupos dominadores (ideologia de dominação de classes) e dominados (Ideologia de resistência). Compreendendo o processo ideológico e o poder exercido pelos grupos dominantes sob os dominados, refletimos sobre as representações mentais ou como o discurso jornalístico se constrói a partir das crenças ou dos modelos mentais do jornalista.

A respeito das representações mentais, enfatizamos que, no discurso jornalístico, encontramos modelos mentais advindos de conhecimentos, atitudes e ideologias compartilhadas, que contêm preconceitos contra grupos minoritários (VAN DIJK,

2016). Consideramos, então, que o discurso jornalístico contribui para que as representações sociais sejam produzidas e reproduzidas, suscitando um poder institucionalizado e legitimado pelas ideologias dos grupos dominantes (VAN DIJK, 1999).

Para isso, os grupos sociais utilizam dois dispositivos: um material e um simbólico. Dessa forma, montam uma estrutura capitalista. Contudo, o poder simbólico é exercido pelo jornalista, um profissional que é considerado uma “elite simbólica”, que detém o conhecimento de parte do discurso público (VAN DIJK, 2016)³. Em consequência disso, o jornalista ao escrever exerce um poder social capaz de influenciar atores sociais, que não detêm o mesmo nível de conhecimento. Diante disso, van Dijk (2016) caracteriza os atores como cidadãos comuns, condição de uma grande parcela da sociedade, que não teve acesso aprofundado na vida escolar e acadêmica.

Ressaltamos que a escolaridade não quer dizer que o cidadão tenha capacidade de realizar uma leitura proficiente, dado que, na sociedade brasileira, há muitos analfabetos funcionais⁴. Em outras palavras, isto é, as pessoas podem até cursarem o ensino básico e superior completo, mas não adquirirem capacidade técnica de interpretar algo lido (LOURENÇO, 2020). Devido a esses dados, os leitores podem receber as notícias jornalísticas sem analisá-las de forma crítica e, por conseguinte, participam da representação social que o jornalista produz de um acontecimento público.

Na crônica “Audácia das mulheres”⁵, Pedro Maia expõe: “A mulher não precisa mais ser a **eterna dona de casa** onde a vida do marido ‘da porta pra fora’ não lhe interessa”. Nesta passagem, evidenciamos o compartilhamento de um preconceito

³ Ressaltamos que esse não é um conhecimento qualquer. Queremos dizer com isso que a linguagem é um poder e, por isso, saber utilizar uma técnica discursivo-textual ou outra faz uma grande diferença no momento de comunicar um fato. Assim, dependendo do vocabulário, pode-se estereotipar um grupo ou um ator social; a partir da escolha sintática, pode-se colocar um ator social em evidência em detrimento a outro.

⁴ Lourenço (2020) ao escrever a matéria *Escolas brasileiras ainda formam analfabetos funcionais*, no jornal da USP, faz a seguinte declaração: Cerca de 29% da população brasileira tem dificuldades para ler textos e aplicar conceitos de matemática; para especialistas, dados refletem a falta de investimentos na educação.

⁵ A referida crônica foi analisada no Capítulo 6 desta Dissertação, página 113.

acerca das mulheres como donas de casa. Esta é uma condição pelo sistema patriarcal no processo sócio-histórico.

O jornalista, como uma elite simbólica, não produz os textos com o objetivo de oprimir um ator social. Todavia, o faz porque o machismo é naturalizado nas instâncias sociais. Assim, os escritos são de acordo com os modelos mentais dele, com base na ideologia das instituições ou reguladas pelos manuais de correção.

Na proposta sociocognitiva, van Dijk (2009, 2012) salienta que uma das noções mais importantes para se entender o discurso jornalístico é a de modelos mentais, isto é, se o leitor compreende o conteúdo do texto jornalístico, significa que construiu em sua mente um modelo do acontecimento abordado pelo jornal (VAN DIJK, 2017). Embora nesse modelo esteja incluída a opinião e a subjetividade do leitor sobre o assunto, também integram uma instância maior de conhecimentos e opiniões socialmente partilhadas.

Os leitores pertencem a grupos sociais e, nesse sentido, são as experiências pessoais, as opiniões e as emoções dos indivíduos deles, que determinam os modelos mentais, formados a partir da leitura (VAN DIJK, 2012). O objetivo do texto jornalístico é formar modelos mentais. Contudo, são aqueles de orientação do jornal. van Dijk (2017) denomina isso de “significado preferencial”, “compreensão preferencial” ou de “modelos preferenciais”. Segundo o autor, a maneira de compartilhar crenças, opiniões e preconceitos é uma das formas mais sutis da imprensa persuadir, desinformar e controlar o público.

A manipulação da informação para formar “modelos preferenciais” nasce por interferência ou por alterações estruturais no texto jornalístico, tais como na informação principal, nos títulos, nos *leads* e nas fotografias. Para que isso aconteça, os jornalistas participam desse processo, no instante em que desviam a atenção dos leitores para determinados aspectos do texto jornalístico, tornando-os mais evidentes ou não. De igual modo, enfatizam, depreciam as causas e as consequências do acontecimento ou as características de atores sociais, arrolados no jornal. No setor de redação, o conteúdo jornalístico é revisado com a finalidade de manter o nível de ideologia e o poder dos grupos dominantes. Nesse caso, o

redator utiliza manuais⁶ para formatar o texto, deixando as informações que vão ao encontro das ideias do jornal.

Diante do exposto, entendemos o jornalismo como atividade inteiramente cognitiva (VAN DIJK, 2017); seu objetivo é fazer com que o leitor conheça os fatos sociais, de acordo com as representações sociais de grupos dominantes. Nesse jogo discursivo, a intenção da imprensa, ao propor a representação social ao leitor, é o controle mental (VAN DIJK, 2017). A necessidade requerida pelo leitor do conteúdo jornalístico extrapola o ato de compra e venda, tanto no formato impresso quanto no formato digital, torna-se uma convenção estabelecida entre o meio jornalístico e o leitor.

O texto jornalístico contém informações que interessam e são importantes para os leitores, porque servem para orientar e entreter⁷. van Dijk (2017), ao tratar sobre a dependência do jornalismo, discorre:

A maior parte do nosso conhecimento social e político e das nossas crenças sobre o mundo deriva das dúzias de relatos noticiosos que lemos ou vemos todos os dias. Talvez não haja prática discursiva para além da convenção cotidiana que seja tão frequentemente exercida e por tantas pessoas como o são as notícias da imprensa e da televisão (VAN DIJK, 2017, p. 63).

Se grande parte dos conhecimentos adquiridos pela sociedade deriva dos relatos noticiosos. Então, é dirigida pela ideologia de grupos dominantes e, em consequência disso, reproduzem representações sociais preconceituosas, geradas pela imprensa jornalística. Observamos que a prática jornalística vai além desse ato, ao disseminar conhecimentos e crenças sociais que destoam da realidade. Os inconvenientes do discurso jornalístico de instância social, política e ideológica estão presentes na micro e na macroestrutura textual e discursiva, sendo identificáveis pelo analista do discurso.

⁶ Um exemplo disso é o jornal *O Estado de São Paulo* que possui o *Manual de redação e estilo* editado por Eduardo Martins há cerca de 40 anos e com mais de 500.000 exemplares vendidos. Esse manual não é restrito a apenas a redação do *Estadão*, mas exerce influência sobre outras redações de jornais e de revistas. Atualmente, pode também ser encontrado online já na sua terceira edição.

⁷ Segundo van Dijk (2017) nenhum outro gênero jornalístico como a notícia despertou tanto interesse de investigação nos últimos anos. Isso se justifica a partir do momento em que pensamos a importância da notícia na vida cotidiana.

O poder que os grupos dominantes exercem, através do jornalismo, nunca é exercido plenamente, por causa da limitação imposta à imprensa e, também, porque muitos leitores dispõem de ideologias de resistência. Portanto, o que determina o poder das elites é o grau de acesso que as pessoas detêm do discurso da imprensa.

2.5 JORNAL A *TRIBUNA*: A HISTÓRIA E A IMPORTÂNCIA DESSE VEÍCULO NA COMUNIDADE CAPIXABA

2.5.1 O jornal impresso

O jornalismo impresso existe há vários séculos, contudo, sua consolidação, desde a modernidade até o momento atual, conta pouco mais de cem anos. Desde os primórdios, a notícia teve um papel decisivo para a construção do conhecimento na sociedade, que se formou mediante acordos. Isso motivou grupos interessados a averiguar meios, cada vez mais, eficazes para difundir a notícia que, de oralizada, passa a ser escrita.

A imprensa firmou-se, na sociedade, mostrando sua utilidade. Um fator importante, que caminha junto com o jornalismo, é a ciência, que visa atingir a eficácia da disseminação da informação, mediante a evolução tecnológica. Quando tratamos sobre a importância do jornalismo para a construção de ideias, destacamos o seu papel de traduzir, para o leitor, algo dito por um médico, por um jurista, por um político etc. Nesse sentido, não deixamos de acrescentar que o poder discursivo do jornalismo é utilizado para influenciar a opinião do leitor e, porque não dizer, aliená-lo.

Murta (2005), ao observar o cenário atual sobre o jornalismo, salienta:

Mas, nesse frenesi midiático que se tornou a vida atual, pouco se reflete acerca dessa máquina de produzir relatos sobre o cotidiano. É tudo tão “normal” que nem paramos para pensar sobre as especificidades do jornalismo e suas artimanhas para influenciar de modo tão marcante as mentes contemporâneas (MURTA, 2005, p. 12).

Com o advento das tecnologias, as instituições jornalísticas produzem as informações de acordo com a ideologia dominante. Assim, se o leitor não analisa os textos, nem apresenta uma ideologia de resistência, é facilmente influenciado.

No Brasil, o que marcou o funcionamento do jornal impresso foi a vinda da família real para a colônia (MURTA, 2005). Mesmo no Brasil-colônia, o comércio entre as localidades, a política exercida pelos políticos, fazendeiros e comerciantes, bem como as questões sociais exigiam que a elite conhecesse o que se passava na colônia e no entorno. Nesse cenário, percebemos a importância da notícia para exercer as atividades e tomar decisões. Destarte, Murta (2005) acrescenta que, antes da família real se estabelecer, não existia jornal, os informes eram realizados pelos tropeiros, que viajavam para o interior da colônia e, ao retornarem, traziam as notícias.

Hartung (2005) expõe que o jornal impresso capixaba fez e continua fazendo história no Estado. Uma das razões para a popularização foram os ideais republicanos na segunda metade do século XIX. Com esse intuito, Muniz Freire, que trabalhou na imprensa no Recife, estudou direito em São Paulo e com Cleto Nunes e Afonso Cláudio fundou o primeiro jornal do Espírito Santo, *A Província do Espírito Santo*.

O primeiro jornal capixaba objetivava defender a causa republicana e os interesses capixabas. No decorrer do século XX, o jornalismo impresso continuou com relevante atuação no cenário político, econômico e cultural. Outro jornal de cunho político foi o *Posição*, que teve o papel de mobilizador político no período da ditadura militar. Hartung (2005) discorre que fez a distribuição desse jornal, quando era integrante do movimento de resistência estudantil.

Não obstante, outros jornais que marcaram a vida cotidiana dos capixabas foram: *Folha Capixaba*, *O Diário*, *A Gazeta*, *A Tribuna*, dentre outros.

2.5.2 O Jornal A Tribuna

O mundo globalizado e as tecnologias fizeram com que vários veículos de comunicação se adequassem para que não fossem encerrados. Exemplos desse fenômeno são: a rádio web, que pode ser ouvida em qualquer lugar, com o auxílio

de um aparelho de celular; os jornais impressos também foram adequados para o meio eletrônico. Apesar desses novos ajustes, o jornal impresso continua importante, pois constitui uma tradição na vida dos leitores.

Murta (2005), ao abordar essa temática, faz o seguinte comentário:

[...] o decantado jornalismo impresso foi o precursor de tudo, de todas as modalidades jornalísticas, tendo desempenhado, ao longo dos séculos XIX e XX, um importante papel na constituição do modelo de sociabilidade que compartilhamos atualmente, qual seja, um regime dramaticamente dependente dos conteúdos da mídia, incluindo os informativos (MURTA, 2005, p. 12).

A autora evidencia a atuação do jornalismo há quase três séculos, tendo o jornal impresso como precursor da mídia atual. Desse modo, se considerarmos que um veículo de comunicação funciona há tanto tempo, sem dúvida, concluiremos que contribui para consolidar a cultura de uma sociedade.

Para os ECD, isso é pertinente, dado que o jornalismo é controlado por grupos hegemônicos que se utilizam desse recurso como forma de manutenção do poder. Tais grupos difundem a informação, de acordo com uma ideologia própria, com a finalidade de se beneficiar das vantagens que a política, a economia e a educação proporcionam a eles.

Nesta seara, o Jornal *A Tribuna*, objeto de estudo, é um veículo de comunicação pioneiro e tradicional em terras capixabas. Iniciou e continua as atividades produzindo o jornal impresso, mesmo com o advento das tecnologias.

Em 22 de setembro de 1938⁸, o jornal *A Tribuna* foi fundado pelo jornalista paulistano Reis Vidal. Inicialmente, funcionou na Esplanada Capixaba, atual Avenida Jerônimo Monteiro. A trajetória desse jornal foi marcada por vários acontecimentos mundiais e capixabas, alguns deles, inclusive, o impediram de atuar.

Próximo a segunda Guerra Mundial, quando exemplares do jornal eram distribuídos à população, militantes de esquerda invadiram a redação e quase a destroem, porque desconfiavam que Reis Vidal apoiava os alemães na guerra e recebia

⁸ A partir dessa data, mensuramos a importância desse jornal para o Espírito Santo e outros estados, uma vez que por mais de oitenta anos este veículo de comunicação notícia os vários momentos sociais, políticos e econômicos vividos pela população desse Estado.

investimento de uma empresa alemã para funcionar o Jornal *A Tribuna*. Por esse motivo, o jornal ficou fechado por vários meses (VIANNA, TETE e NUNES, 2005).

Em 1964, uma grave situação financeira privou Reis Vidal de manter o Jornal *A Tribuna*. Em razão disso, o veículo de comunicação foi vendido para Djalma Juarez Magalhães e deixa o cenário capixaba.

Não muito tempo depois, Djalma Juarez Magalhães vende, novamente, o Jornal para João Santos, empresário estabelecido no Estado. A compra realizada teve o aval do governo estadual, o qual lhe concede a isenção de impostos. Porém, com a posse do governo de Cristiano Dias Lopes Filho, o acordo é desfeito. Contudo, esse impasse não impede o desenvolvimento da empresa, pois uma das atitudes de João Santos foi fortalecê-la politicamente no cenário capixaba e expandir seus investimentos para tornar o jornal *A Tribuna* não apenas um veículo, mas uma rede de comunicação. Com os investimentos empregados ao jornal, anos depois, João Santos lança também a rádio e a TV *A Tribuna*.

Por causa da expansão dos negócios, *A Tribuna* mudou de endereço duas vezes. Em 1971, saiu da Avenida Jerônimo Monteiro, onde estava desde a fundação, para a Rua Néelson Monteiro, no centro de Vitória. Todavia, sua sede foi estabelecida onde está atualmente: Rua Joaquim Plácido da Silva, 225, na Ilha de Santa Maria.

Segundo Vianna, Tete e Nunes (2005), no ano de 1981, o Jornal *A Tribuna* alcança um *status* político e social no Estado. No entanto, devido a essa popularidade, no dia 25 de maio do mesmo ano, entre 2h10 e 2h30 da madrugada, o setor de imprensa do Jornal *A Tribuna* sofreu um atentado, que não teve uma explicação coerente. Depoimentos, colhidos pela polícia, apontaram que uma pessoa que passava na rua atirou um coquetel *Molotov*, com objetivo de incendiar a impressora para que a produção parasse. Apesar de o fogo destruir boa parte do setor, não houve vítimas e não afetou a impressora e a produção. O poder público investigou o caso, porém, só descobriu que o atentado poderia ser de autoria de uma rede de prostituição, que o jornalismo investigativo do jornal *A Tribuna* averiguava. Outra explicação para o ocorrido era o fato de muitas pessoas, que trabalhavam no Jornal *A Tribuna*, pertencerem ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), isso poderia ser uma reação dos partidos de direita.

Em 1982, ocorre outro problema grave que leva os diretores a cogitar o fechamento do Jornal *A Tribuna*, João Santos Filho sofreu um acidente de avião no Uruguai e faleceu. Embora houvesse a hipótese de fechamento do Jornal, por causa da importância do empresário, os diretores decidiram continuar em razão da luta empreendida e da preservação da memória dele.

Ainda nos anos 80, problemas relacionados a acordos entre *A Tribuna* e os jornalistas causaram o fechamento da rede de comunicação por três anos. Durante o período militar, nos anos 70, apesar do governo dessa época exigir a diminuição do quadro de jornalistas, o jornal assina um acordo de que não faria isso. Todavia, nos anos 80, com a pressão dos jornalistas e dos sindicatos por melhorias trabalhistas e de condições de trabalho, o jornal diminui o quadro de jornalistas, causando a paralisação das atividades e greve de fome, realizada por funcionários da instituição. Entretanto, não obtiveram êxito com essa atitude. Diante da pressão, o jornal *A Tribuna* não teve alternativa senão fechar as portas.

Na década de 1980, várias entidades, políticos e atores se reuniram para discutir a situação provocada com o fechamento do jornal. A comoção mobilizou a esfera municipal, estadual e federal, além de artistas. Ressaltamos com isso, a importância do Jornal *A Tribuna* para a sociedade capixaba.

Naquele cenário, não se tratava de menos um veículo de comunicação, era o fim do Jornal *A Tribuna*, um jornal fundado em 1938, participante da luta e da cultura do povo capixaba e, portanto, tradicional no Estado. Não se tratava, também, apenas da questão de duzentos funcionários estarem sem emprego no Estado. Mas, pelo tempo em que o Jornal opera na região e os serviços que a rede *Tribuna* presta, tais como: a notícia e a utilidade pública que se torna essencial para a sociedade.

Audálio Dantas, à época, presidente nacional da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), em entrevista declara: “Além da gravidade do desemprego, existe também o fato de que, com a extinção de mais um meio de comunicação e informação, toda a comunidade capixaba seria prejudicada” (VIANNA, TETE e NUNES, 2005, p. 86).

Somente em 2 de fevereiro, de 1987, reabre em um novo formato: o tabloide. A visão editorial muda e se volta mais à prestação de serviços à população. Para isso, é empregada uma linguagem mais simples e acessível para se aproximar do leitor.

As mudanças tiveram a aprovação popular (VIANNA, TETE e NUNES, 2005). Essas alterações, de início, chamam a atenção do povo, porque os leitores percebem que o jornal contribui para orientá-los no dia a dia.

Em 1995, a publicação, com as páginas coloridas, dá ao Jornal *A Tribuna* nova aparência, ajudando a popularizá-lo e firmá-lo no mercado. Esse projeto, organizado por João Luiz Caser, incorpora, na redação, a técnica usada pela Universidade de Navarra, na Espanha. Nos anos seguintes, como em 1996, 1997, 1999, 2000, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007 alcança diversas vezes a liderança pela circulação de exemplares no Espírito Santo, medida pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC). Além disso, conquista o Prêmio Mérito Lojista, concedido pela Confederação Nacional dos Dirigentes Lojistas (CNDL).

Atualmente, em 2022, está com mais de 80 anos de atuação no cenário capixaba, além de cidades do norte do Rio de Janeiro, sul da Bahia, leste de Minas Gerais e em Brasília. O jornal se constitui líder no Espírito Santo, é reconhecido mediante as premiações: eleito duas vezes “O melhor Jornal Regional do Brasil” pela editora Referência/Prêmio Veículo de Comunicação; eleito dez vezes “Melhor Veículo do Espírito Santo” pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL).

A abrangência do jornal, que é distribuído tanto no formato impresso quanto no digital, é medida por meio do perfil dos leitores, conforme os quadros abaixo

Quadro 1 – Classe social dos leitores de A Tribuna

CLASSE SOCIAL	PORCENTAGEM (%)
A/B	40
C	50
D/E	10

Fonte: kit informativo A Tribuna/ES - 01/07/2021⁹

⁹ Informações fornecidas pelo Jornal *A Tribuna* em um kit informativo no dia 01/07/2021, postado no anexo A.

Quadro 2 – Faixa etária dos leitores de A Tribuna

FAIXA ETÁRIA	PORCENTAGEM (%)
10 a 19	10
20 a 49	68
Com mais de 50	20

Fonte: kit informativo A Tribuna/ES - 01/07/2021

Quadro 3 – Sexo/Gênero dos leitores de A Tribuna

SEXO/ GÊNERO	PORCENTAGEM (%)
Masculino	55
Feminino	45

Fonte: kit informativo A Tribuna/ES - 01/07/2021

Na composição atual, dispõe de nove editoriais: Cidades, Economia, Polícia, Política, Internacional, Opinião, Regional, AT2 e Esportes. Além desses editoriais, são configurados dez cadernos temáticos: Classifácil, Informática, Sobre Rodas, AT2, AT2 Fim de Semana, Mulher, Minha Casa, Imóveis, TV Tudo e Jornal da Família.

Cada um dos editoriais e cadernos temáticos conta com a publicação de vários colunistas locais e renomados internacionalmente. Ademais, há a seção de utilidade pública “A Tribuna com você”, em que o leitor escreve para o jornal. Os moradores dos bairros fazem reivindicações e o Jornal procura o poder público para resolvê-las. Outra seção com o mesmo intuito, é a “Qual é a bronca?” Nela, o leitor reclama sobre várias questões. Por fim, há a página de religião, que é a ecumênica.

A coluna “Cidade aberta”, de Pedro Maia, está entre: a página de Opinião “Qual é a bronca?”; as cartas de solicitação enviadas pelos leitores; a charge do dia e a “A Tribuna nas ruas”. A Figura 4, a seguir, mostra a localização dessa coluna na página de opinião:

Figura 6 – Página de opinião de A Tribuna onde está situada a coluna “Cidade Aberta”

27

QUAL A BRONCA?

VERA CRUZ
Extrato detalhado

A verididade lacrada da Silva, de Vera Cruz, Carolina, reclama da CAZ Modas. Aluga que a fábrica que produz roupas masculinas em um ambiente de saúde e segurança não tem condições para trabalhar. Ela diz que não recebe salário e não tem acesso a benefícios. Ela também reclama que não recebe salário e não tem acesso a benefícios. Ela também reclama que não recebe salário e não tem acesso a benefícios.

A Chaveiros do bairro Bli, da Vila Velha, reclamam contra a limpeza e o estado das ruas.

Acrescenta, ainda, que há um problema de saneamento básico no bairro, com falta de coleta de lixo e de tratamento de esgoto.

PONTA DA FRUTA
Água vazando

“Moros no habilitado da Ponta da Fruta e reclamação de água vazando no bairro, deixando toda a rua e causando grande transtorno para os moradores. Na rua Sagui tem mais de 30 dias que a água não para de pingar e já chegou na casa particular.”

Castelinho abandonado

“Saldo em um prédio a ligação de água e esgoto em Castelinho, que fica na Vila Velha, próximo ao centro de Vitória, que não pode ser visto por quem transita pela estrada.”

GRANDE VITÓRIA
Marcação de exame

“No mês de novembro, quando estava aguardando a marcação de um exame de sangue, fui informado que não poderia fazer o exame na Unidade de Saúde de Vila Velha, pois o exame só é realizado na Grande Vitória.”

ALTO BOA VISTA
Lampada queimada

“No mês de novembro, quando estava aguardando a marcação de um exame de sangue, fui informado que não poderia fazer o exame na Unidade de Saúde de Vila Velha, pois o exame só é realizado na Grande Vitória.”

RIO MARINHO
Rede vazando

“Um vazamento de água no bairro de Rio Marinho, causando transtorno para os moradores e risco de contaminação da água potável.”

JARDIM LINDO
Travessia perigosa

“Um acidente de trânsito no bairro de Jardim Lindo, causado por uma travessia não sinalizada e falta de iluminação adequada.”

RECLAME

Telefone: 3331-9161
Fax: 3232-3340
e-mail: br@redetribuna.com.br

28

PATER

Assista agora no nosso telejornal! Mais de 30 mil pessoas já contrairam dengue no Estado. Brasil já tem 30 casos suspeitos de gripe suína e a violência e insegurança que assolam os moradores de Caracas, Veneza.

RESISTÊNCIA
Esgoto entupido

“As ruas de Vila Velha estão com o esgoto entupido e o cheiro é insuportável. Já há mais de uma semana que o esgoto não é coletado e isso está causando um grande transtorno para os moradores do bairro.”

EM ALTA / **EM BAIXA**

EM ALTA: A situação de segurança pública no Estado, com o aumento dos casos de violência urbana.

EM BAIXA: A situação econômica do Brasil, com o aumento da inflação e a queda do valor do dólar.

28

TRIBUNA NAS RUAS

Você aprova castração química de pedófilo?

EDSON LUIZ ARAÚJO MOTA, 32 anos, gerente de vendas, Diapal, Vila Velha

ADRIANO NOBRE, 26 anos, servidor público, Prato de Carne, Vitória

FREDERICO DE CARVALHO, 25 anos, universitário, Jardim Cambiar, Vitória

EDSON LUIZ ARAÚJO MOTA, 32 anos, gerente de vendas, Diapal, Vila Velha

ADRIANO NOBRE, 26 anos, servidor público, Prato de Carne, Vitória

FREDERICO DE CARVALHO, 25 anos, universitário, Jardim Cambiar, Vitória

EDSON LUIZ ARAÚJO MOTA, 32 anos, gerente de vendas, Diapal, Vila Velha

ADRIANO NOBRE, 26 anos, servidor público, Prato de Carne, Vitória

FREDERICO DE CARVALHO, 25 anos, universitário, Jardim Cambiar, Vitória

CIDADE ABERTA

PEDRO MAIA

Padecendo em um inferno

“O Brasil é um país que sofre com muitos problemas sociais e econômicos. A situação de segurança pública é preocupante, com o aumento dos casos de violência urbana. Além disso, a situação econômica é crítica, com o aumento da inflação e a queda do valor do dólar. Isso está causando um grande transtorno para os brasileiros e está afetando a qualidade de vida de todos. É preciso que o governo tome medidas urgentes para resolver esses problemas e melhorar a situação do país.”

RECLAME

Telefone: 3331-9161
Fax: 3232-3340
e-mail: br@redetribuna.com.br

Fonte: <http://pdf.redetribuna.com.br/>

3. DISCURSO ANDROCÊNTRICO E MACROESTRUTURA

Este capítulo apresenta um diálogo entre os conceitos de Androcentrismo e Macroestrutura discursiva. O pensamento androcêntrico subsiste, na sociedade, em forma de modelos mentais e de cognição social. Para tratar disso, recorreremos à origem mitológica do sistema patriarcal, na qual são forjados conceitos para atestar inferioridade das mulheres como algo natural. O androcentrismo é um instrumento sofisticado, realizado para manipular. Dessa forma, serve de base para confirmar a crença de que as mulheres são inferiores ao homem, tal como ocorre na estruturação da versão científica do patriarcado.

O objetivo, ao abordar essas questões, é trazê-las para a atualidade, por meio de exemplificações, com dados estatísticos do IBGE e do PNUD. Ademais, pesquisamos como as brasileiras são educadas de forma androcêntrica; e como isso é atual, sobretudo em decorrência de casos como os que aconteceram com a ex-presidenta Dilma Rousseff, a vereadora Marielle Franco e as vereadoras de Vitória/ES Camila Valadão e Karla Coser.

3.1 DA MITOLOGIA À ATUALIDADE

Segundo Magalhães (1980), ao tratar sobre “mulher”, devemos se embrenhar por um assunto controverso e mal interpretado. Nesse sentido, se fôssemos retroceder às sociedades de cinco mil anos, não observaríamos muitas diferenças. Ao retroceder a história, verificamos o fenômeno que levou o androcentrismo a legá-las um lugar de inferioridade, que ainda voga atualmente. Porém, em menor intensidade.

De acordo com a autora, hoje, a mulher desempenha vários papéis, tais como: dona de casa, esposa, mãe de família e profissional. Isso as leva a uma jornada dupla: uma em casa e outra fora do lar. Dessa forma, buscam participar de maneira mais efetiva na sociedade.

A estudiosa acrescenta, ainda, o cerne principal que norteia as mulheres: ao almejarem participação na sociedade, significa, na mesma medida, lutar pela ocupação do espaço social que o homem, historicamente, é o centro. Sendo assim,

há uma disputa tácita, tal como uma “guerra fria”, para vislumbrar a “igualdade social, política e econômica, respeito às características e as tendências naturais de cada sexo, oportunidades sociais e iguais para todos e sem discriminações de espécie alguma” (MAGALHÃES, 1980, p. 123).

A partir de reivindicações, diante o quadro de terem seus direitos cerceados, é que se conseguiram algumas vitórias. Há algum tempo, muitos países reconheceram o erro e, a partir disso, inseriram em suas constituições a igualdade de direitos. Em outras palavras, passaram a não tolerar qualquer tipo de discriminação. No Brasil, isso ocorreu, mais precisamente, com a promulgação da Constituição Federal de 1988, como conferimos abaixo:

CAPÍTULO I –

Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: (EC no 45/2004)

I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição; (BRASIL, 1988, p. 13).

O trecho da constituição estabelece igualdade de direitos, deveres e obrigações aos brasileiros, residentes no Brasil. Mas, especialmente a homens e a mulheres, o que possibilitou a criação da Lei Maria da Penha, nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Essa lei foi importante, porque ampliou o texto constitucional, protegendo-as em casos de discriminação e de violência.

Essas leis são conquistas da luta feminista, que veio para corrigir erros históricos cometidos contra as mulheres. Entretanto, ao serem aplicadas, entram em confronto com atitudes androcêntricas, heranças de uma sociedade patriarcal, cuja figura paterna é o centro do poder, isto é, tudo gira em torno de uma ordenação masculina.

van Dijk (1988) caracteriza as ideologias como um conjunto de crenças compartilhadas por grupos sociais. Os grupos sociais são formados por membros que compartilham conhecimentos, ideologias, opiniões, objetivos e assumem os mesmos interesses (VAN DIJK, 1999). Nesse sentido, devido as diferenças, a imagem que um grupo apresenta do outro é quase sempre estereotipada,

especialmente se um grupo exerce um poder hegemônico em relação a outro. Por esse motivo, há um constante atrito entre eles.

No processo de construção sócio-histórica do gênero masculino e feminino, houve uma proeminência do grupo social masculino sobre o feminino, por causa do discurso masculinizante (BOURDIEU, 2002; ALVES e PITANGUY, 2003). Portanto, assumindo uma postura sociocognitiva, uma vez que esse discurso masculino serviu de parâmetro na construção da sociedade, influenciando as instâncias, nela constituídas, é possível se reportar à história e identificá-lo nos modelos mentais. Esses modelos são utilizados nos discursos para representar o homem de forma positiva, em detrimento da representação negativa das mulheres.

Buscando os fundamentos do patriarcado, na Idade Clássica, em *A Política*, de Aristóteles (384-322 a. C.), há uma ideia da dimensão do patriarcado:

Reconhecemos três partes na administração da família: a autoridade do senhor (sobre os escravos), da qual já falamos, do pai, e a do esposo. Esta última autoridade se impõe sobre a mulher e os filhos, porém aquela e estes considerados como livre. E não se exerce de um modo único. Para a mulher é um poder político ou civil, para os filhos um poder real. Naturalmente o homem é mais destinado a mandar que a mulher (excluído, é claro, as exceções contra a natureza), como o ser mais velho e mais perfeito deve ter autoridade sobre o ser incompleto e mais jovem (ARISTÓTELES, 2007, p. 05).

A partir do trecho da constituição ateniense, compreendemos as origens da cultura patriarcal, uma vez que, grande parte do conhecimento exercido no ocidente, originou-se da cultura greco-romana. Nesses textos, há traços discursivos de tempos passados, que são a base do androcentrismo.

Por meio da mídia impressa ou digital, é comum haver notícias de violência e de discriminação que os homens praticam contra as mulheres. Por ser comum, habitual, torna-se uma cultura, a do patriarcado, que é estrutural na sociedade. Dessa forma, o androcentrismo é presente, apesar das leis criadas atualmente apontarem para o fim disso.

Fundamentado no trecho de *A Política*, de Aristóteles, podemos observar como o patriarcado se estruturou na sociedade, tornando as mulheres um ser inferior ao homem. Porém, precisamos aprofundar os conhecimentos para compreender, de

fato, a questão. Na mitologia grega, as passagens a respeito da criação de Pandora, a ancestral de todas as outras mulheres, é descrita pelo poeta grego Hesíodo nos textos *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*, ambos escritos no século VIII a. C. Embora sejam textos antigos, apresentam um valor real para a sociedade (POUZADOUX, 2001).

No relato grego, há um tom negativo pelos seguintes motivos: primeiramente, foi criada após os homens, quando os deuses masculinos e homens mortais estavam presentes; em segundo, os homens foram criados, coletivamente, e são relatados no plural, entretanto, na criação de Pandora, o relato está no singular; em terceiro, Zeus criou Pandora bela e Hefesto a preparou com joias e adornos, tornando-a sedutora. Ela serviu de objeto de desejo para Zeus se vingar de Prometeu e dos homens (POUZADOUX, 2001).

Em relação à mitologia grega, Schmitt-Pantel (2013) ressalta “a versão grega da criação vai muito além dos outros relatos do gênero em sua avaliação negativa, e isso de várias maneiras. Antes de tudo, a própria existência do mito sublinha a radical disparidade entre os gêneros masculino e feminino” (p.130-131). Como pudemos notar, o texto de Hesíodo apresenta controvérsias.

Posteriormente, os escritores, que escreveram sobre as mulheres, utilizam como base o *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias* sem fazer modificações (SCHMITT-PANTEL, 2013). Em vista disso, a fidelidade que tiveram com o texto de Hesíodo enseja a criação de uma prática política que as exclui da vida pública na Grécia antiga (SCHMITT-PANTEL, 2013).

Em *A Política*, de Aristóteles, fica exposto que, para exercer a vida política e cultural, é preciso dominar o uso da razão e do diálogo. No texto dessa constituição ateniense, o filósofo trata de definir quem detém o poder do *logos*: “O homem é por natureza um animal político” (ARISTÓTELES, 2007, p. 11). Isso significa que, entre todos, o homem é o único que adquire o conhecimento para usar a palavra. Em consequência, mulheres, estrangeiros e escravos não detinham o *logos*, ou seja, estavam excluídos.

A respeito disso, Tedeschi (2012) expõe:

[...] a filosofia - primeiro sistema de representação simbólica que pretende dar uma explicação racional do mundo - nega as mulheres de uma das características específicas da humanidade, a capacidade da palavra, a possibilidade de ter um discurso próprio e de nomear o mundo a partir de si mesma, não podendo mais do que repetir, no melhor dos casos a palavra, como havia sido interpretado pelos homens, por um sistema de pensamento que nega a diferença sexual (TEDESCHI, 2012, p. 47).

Quando observamos esse excerto, entendemos que o olhar masculino do filósofo recupera uma crença compartilhada socialmente na obra de Hesíodo, ao ensejar a imagem da mulher como um objeto e um ser inferior, uma vez que a apresenta como “criaturas irracionais, sem pensar próprio, pouco criativas, sem espírito estético, dependentes do seu corpo [...]” (TEDESCHI, 2012, p. 45).

Nas palavras de Tedeschi (2012), não é difícil identificar tais práticas estruturadas na atualidade. Isso acontece, pois herdamos da cultura clássica funções, princípios morais e costumes que constituem a matriz do pensamento Ocidental.

Na Bíblia Sagrada, no mito adâmico, Eva, como a primeira mulher e mãe da humanidade, junto a Adão desobedecem a Deus ao serem enganados pela serpente. Contrariamente, os evangelistas citam Maria, mãe de Jesus Cristo, representam-na como resignada e um ideal de mãe (MACEDO, 1990).

Nos relatos sobre as duas personagens bíblicas, observamos uma complementação, pois enquanto Eva representa uma imagem profana; Maria é apontada como alguém que se santificou, como uma segunda Eva que cumprirá fielmente a vontade de Deus. De acordo com Schmitt-Pantel (2013), os relatos de origem bíblicas foram observadas ao longo dos séculos, influenciando o pensamento ocidental.

Como reflexo das impressões míticas, há o surgimento de um modelo de sociedade, denominada patriarcal. Nas instituições dessa sociedade e das posteriores, o homem ocupa o centro, posição de destaque que concede a ele o controle, sobretudo do que está ao seu redor e, nela, as mulheres são representadas de forma subalterna. Semelhantemente, Tomazi e Sodré (2016) sustentam que os:

Aspectos ideológicos próprios de uma sociedade patriarcal contribuem para a construção dessa hegemonia, caracterizando uma memória de gênero social feminino ligada a aspectos de submissão e dominação masculina que foi construída ao longo da história [...] (TOMAZI e SODRÉ, 2016, p. 46).

Ao tratar dos aspectos ideológicos sobre o regime patriarcal, os autores recuperam as contribuições de van Dijk (1998), mostrando que esse regime configura modelos mentais próprios, repassados socialmente e pelo qual representam a mulher como inferior, dependente e frágil. Adiante, veremos que as sociedades constituídas serão pautadas por esses valores.

Na Grécia antiga, somente os homens eram considerados cidadãos, cabendo a eles o ofício da política, da filosofia e das artes; em contrapartida, as mulheres tinham quase os mesmos direitos e funções que um escravo, viviam isoladas no lar, na companhia dos escravos e familiares e tinham instrução coerciva, competindo a elas realizarem tarefas domésticas, tecerem, gerarem filhos e amamentarem (ALVES e PITANGUY, 2003; NADER, 2014).

Entretanto, segundo Macedo (1990), as prostitutas eram uma classe a quem era oferecido o direito de estudarem e de se envolverem com a arte para servirem de companhia agradável aos homens.

Os homens apesar de serem casados, passavam um longo tempo fora do lar, junto as meretrizes. Nesse sentido, percebemos um declínio quanto à importância do casamento e do papel que as mulheres representavam nele (BURNS, 1975). Por tudo isso, é possível inferir que os casamentos eram uma mera formalidade, não sendo pautados pelo amor entre os casais. Mas, arranjados para fortalecerem os laços políticos e econômicos entre as famílias (NADER, 2014).

Os casamentos naquela sociedade era um paradoxo: por um lado, precisavam se casar para preservarem a imagem perante a sociedade. Todavia, por outro lado, “os homens se casavam para assegurar a legitimidade ao menos a alguns de seus filhos e para adquirir propriedades por meio do dote” (BURNS, 1975, p. 90). Portanto, o casamento representava, apenas, um objeto de negociação.

Na Idade Média, inicia-se a queda do Império Romano do Ocidente, no século V, e termina com a conquista de Constantinopla pelo Império Turco-Otomano no século XV. Nesse período, as mulheres se distinguiam pela posição social, por aquilo que desenvolviam, pela idade, instrução ou, ainda, por opções e ideais de vida. Nessa época, as mulheres alcançaram notoriedade nas artes, na literatura e na administração pública.

Macedo (1990) relata que, nos primeiros anos da Idade Média, a Igreja Católica detinha o conhecimento, regulava a vida das pessoas desde o nascimento até a morte pelos sacramentos. O cristianismo está em voga, à época, e prega a igualdade. Contudo, sob o olhar masculino e religioso. Os autores da Igreja Católica conceituaram as mulheres como inferiores ao homem e inadequadas para assumirem funções de poder. Além disso, os monásticos, por serem avessos à sexualidade, rotularam-nas como fomentadora do pecado.

Neste ínterim, Eco (2010) expõe que essas ideias tiveram ênfase no contexto monástico pelos primeiros padres, segue-se na Idade Média, durou cerca de mil anos e muitas mudanças ocorreram fora dos mosteiros. Um desses fatos é que, nessa época, as mulheres foram intensamente aclamadas na poesia cortês. Além disso, segundo Valerio (2010), outro fato é que nas famílias aristocráticas, mães e esposas exerciam o poder econômico, social e político, quando eram nomeadas como regentes ou substitutas dos reis e imperadores.

Tanto na Idade Clássica e na Idade Média, o discurso patriarcal garante o poder homogeneamente masculino, enquanto às mulheres é legado o grau inferior, com algumas exceções. Ainda é possível observar situações semelhantes e com poucas variações vivenciadas.

Os apontamentos supracitados sustentam que o processo sócio-histórico, que formou o regime patriarcal, subordinou a mulher ao homem, sua construção se deu com base nas impressões deixadas pela mitologia. Contudo, Ward (1903), alicerçado na crença mitológica da inferioridade da mulher como algo natural, elaborou a *Teoria do Androcentrismo*, um instrumento científico para comprovar as ideias do senso comum.

O primeiro a utilizar o termo “Androcentrismo” foi o sociólogo Lester F. Ward. Em sua *Teoria do Androcentrismo*, Ward (1903) trata de defini-lo como um ponto de vista formado a partir de parâmetros da Filosofia, da Biologia, da Sociologia e da Antropologia no estudo da natureza do sexo masculino e feminino, no qual se conclui que os homens são superiores às mulheres. Nessa teoria, afirma-se que, dentro do esquema orgânico, tudo está centrado no homem, enquanto as mulheres são necessárias apenas para a reprodução. O esquema é uma estrutura social estável, inserido em outras estruturas sociais.

A teoria se apoia em parâmetros biológicos, em observação das diferenças físicas e na capacidade de raciocínio. Contudo, para legitimá-la, Ward (1903) se apoia em fatos. O primeiro é que, dos mamíferos e dos pássaros que conhecemos, os machos geralmente são maiores, mais fortes, mais variados em estruturas e órgãos e mais ornamentados ou adornados, se comparado às fêmeas. Essas comparações entre animais machos, fêmeas e os filhotes pelos zoologistas fez notar que como as fêmeas apresentam menos adornos e meios de defesa que os machos, então, o desenvolvimento delas é interrompido.

Desse estudo, suscitou a teoria de que “o sexo feminino representa um processo de ‘desenvolvimento interrompido’” ou, para mais cedo, se comparado ao desenvolvimento do homem (WARD, 1903, p. 292 - Tradução nossa)¹⁰. Dessa forma, seja no reino animal, seja entre os seres humanos, as fêmeas e as mulheres, tendo os machos e os homens como parâmetro, são consideradas incompletas, fazendo o autor concluir que fisicamente são inferiores. Essa teoria do campo da zoologia contribui para explicar e compreender a *Teoria Androcêntrica*.

No mesmo sentido, o autor detalha a construção da inferioridade das mulheres. Para isso, o sociólogo, ao comparar as várias etnias, faz as seguintes observações: as mulheres são menores do que os homens em tamanho e tem menos força física. Concernente a outras partes do corpo, “[...] a cabeça e o tórax são relativamente menores, a pelve mais larga, os ossos mais delgados e os músculos menos poderosos” (WARD, 1903, p. 293 – Tradução nossa)¹¹; os homens são mais belos e

¹⁰ Texto conforme o original: “[...] the female sex represents [...] a process of ‘arrested development’ [...]” (WARD, 1903, p. 292).

¹¹ Texto conforme o original: “[...] the head and the thorax are relatively smaller, the pelvis broader, the bones slighter, and the muscles less powerful [...]” (WARD, 1903, p. 293).

a barba funciona como um adorno, assim como nos animais machos; e a medição de cérebro entre todas as etnias mostrou que da mulher é, consideravelmente, menor que do homem, levando-o a considerar, também, que a capacidade de raciocínio delas seja menor.

Conforme o teórico, a afirmação do raciocínio é comprovada, quando se nota o pouco poder inventivo e criativo das mulheres. Explica que a capacidade de raciocínio é algo vantajoso na sociedade, uma vez que é o que leva às descobertas científicas. Sendo assim, era notório que as descobertas são realizadas, em maior número, pelos homens. Imbuído desse pensamento, acrescenta que isso ocorre não porque as academias de ciência ignoram ou não admitam mulheres cientistas. Mas, porque muito poucas se interessaram pelo trabalho científico: há poucas arquitetas, escultoras, pintoras ou compositoras musicais de renome. Além do mais, afirma que das mulheres que tiveram esse interesse, nenhuma foi capaz de produzir um trabalho original, que destacasse um nome importante.

Para Ward (1903), o pouco poder inventivo e criativo das mulheres se deve ao desenvolvimento interrompido, teoria do campo da Zoologia, ao pouco estudo escolar; à mente superficial e ao pensamento intuitivo. Isso permite constatar que são lentas na observação e no cálculo. Afirma, ainda: a baixa capacidade de raciocínio bloqueia o estado de espírito científico de questionamento e de dúvida necessários para começar e terminar uma investigação.

As mulheres se preocupam muito pouco com a verdade por si mesma, têm muito pouco interesse no abstrato, e mesmo os fatos concretos deixam de chamar sua atenção, a menos que estejam mais ou menos diretamente ligados às pessoas e com alguma vantagem pessoal, não necessariamente consigo mesmas, mas com elas mesmas ou outros. Em suma, elas não têm o poder de ver as coisas objetivamente e exigem que sejam apresentados subjetivamente. Os interesses inatos estão sempre presentes em suas mentes, e tudo o que não agrada de forma alguma aos seus interesses está além de seu alcance (WARD, 1903, p. 296 - Tradução nossa)¹².

¹² Texto conforme o original: Women care very little for truth for its own sake, take very little interest in the abstract, and even concrete facts fail to win their attention unless connected more or less directly with persons and with some personal advantage, not necessarily to self, but to self or others. In short, they lack the power to see things objectively, and require that they be presented subjectively. Innate interests are ever present to their minds, and anything that does not appeal in any way to their interests is beyond their grasp (WARD, 1903, p. 296).

A partir dessas afirmações, o autor conclui que as mulheres dispõem de baixa capacidade cognitiva, pois não se interessam por questões abstratas, são distraídas, em relação aos fatos objetivos, e só os compreendem melhor, quando se apresentam subjetivamente. Em outras palavras, significa que a mente não vai além dos conhecimentos inatos.

Por fim, Ward (1903) comenta que, para constatar a inferioridade, basta consultar o processo sócio-histórico da humanidade para notar que tiveram pouca participação nos fatos mais importantes. Por exemplo, nunca chefiaram os grandes interesses comerciais; na política, exceto por direito hereditário, nunca foram coroadas. Portanto, do ponto de vista de Ward (1903), tudo foi realizado pelos homens e as mulheres são, apenas, um meio para que essas realizações masculinas não parem.

Como notamos, a *Teoria do Androcentrismo*, postulada por Ward (1903), por ser uma teoria científica, fortaleceu os ideais estabelecidos pelo regime patriarcal ao apresentá-los como uma verdade. No entanto, na atualidade, a caracterizamos como claramente machista e ultrapassada, ao considerarmos os direitos conquistados pelas mulheres, que as deram notoriedade socialmente.

Mesmo que rejeitemos a teoria apresentada, segundo a abordagem de van Dijk (2009), ela contribuiu para o compartilhamento de crenças, opiniões e preconceitos em relação às mulheres. No mesmo sentido, Bourdieu (2002) mostra que a “dominação masculina”, na sociedade, é norteadada pelo androcentrismo, que persiste nas instâncias sociais em forma de “esquemas mentais”. Esse sociólogo é crítico dessa ideologia, por excluir e inferiorizar as mulheres.

Grosso modo, nesse estudo arqueológico sobre a dominação masculina, observamos que, nos vários estágios históricos da humanidade, existe a formação de um discurso universal, que legitima a inferioridade das mulheres como algo natural. Com isso, o patriarcado constitui uma força imposta pela sociedade culturalmente, subordinando as mulheres aos homens. A razão disso é que, desde os primórdios, as comunidades tratam de fazer a distinção homem/mulher, por meio do comportamento de cada um, da divisão do trabalho e do sexo. Essa forma de pensar impregna o cognitivo desse binômio, tornando uma ordem social simbólica, tácita e neutra, isto é, fazendo com que os seres humanos, em geral, não percebam que agem ainda conforme o modelo androcêntrico.

Corroborando com essa afirmação, segundo Saffioti (2015, p. 35), “[...] há um número incalculável de mulheres machistas”. Em outras palavras, aquelas que agem de acordo com a ideologia dominante e pouco questionam a inferioridade lhes atribuída. Essa tendência se confirma, recorrendo a pesquisas recentes realizadas pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)¹³. Os estudos apontam que noventa por cento de homens e mulheres apresentam algum tipo de preconceito contra as mulheres. Segundo a pesquisa,

De acordo com o índice, cerca de metade dos homens e mulheres do mundo sentem que os homens são melhores líderes políticos, e mais de 40% acham que os homens são melhores executivos de negócios e que os homens têm mais direito a um emprego quando os empregos são escassos. 28% acham que é justificado um homem bater em sua esposa (PNUD, 2020, p. 01 – Tradução Nossa)¹⁴.

Nas citações de Saffioti (2015) e do PNUD (2020), observamos que tanto homens como mulheres tendem a contribuir para a desigualdade de gênero, na medida em que agem de acordo com os modelos mentais, conforme van Dijk (2009), ou esquemas mentais androcêntricos, segundo Bourdieu (2002).

Para Bourdieu (2002), o androcentrismo é uma visão baseada na mitologia, mas que perdura atualmente, constitui-se em uma ordem social, que funciona como uma máquina simbólica. Dessa forma, aprova a dominação masculina e, ao mesmo tempo, serve de base.

A ordem social ou máquina simbólica, utilizada por Bourdieu (2002), compreende a organização dos grupos sociais em torno dos parâmetros androcêntricos, que regem a sociedade. Essa visão se assemelha ao conceito de Macroestrutura social, de van Dijk (2009), na medida em que a sociedade é formada por comunidades, grupos e organizações, que detém e compartilham conhecimentos, atitudes, ideologias, normas e valores.

¹³ A pesquisa pode ser lida integralmente no link: http://hdr.undp.org/sites/default/files/hd_perspectives_gsni.pdf

¹⁴ Texto conforme o original: “According to the index, about *half* of the world’s men and women feel that men make better political leaders, and over 40 percent feel that men make better business executives and that men have more right to a job when jobs are scarce. 28 percent think it is justified for a man to beat his wife”.

O androcentrismo é a base da dominação masculina. Sendo assim, as atitudes dos grupos que se identificam com essa orientação, influenciam e dominam outros grupos sociais e, por conseguinte, causam a desigualdade social. Esses aspectos são observados, com mais clareza, na divisão social do trabalho, por exemplo:

[...] a divisão social do trabalho, divisão bastante estrita das atividades distribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar na assembleia ou de mercado, reservado aos homens e a casa reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo da vida, com momentos de ruptura, masculinos, e o longo período de gestação, femininos (BOURDIEU, 2002, p. 09).

O autor expõe essa divisão, cuja causa é a dominação masculina ou o androcentrismo, que sustenta a máquina simbólica. Sob essa dominação, é inevitável para as mulheres nascerem em meio ao sistema em pleno funcionamento, uma vez que está impregnado no cognitivo social, fazendo com que se produza e reproduza as ideologias androcêntricas, que retroalimentam esse sistema, com a finalidade de reduzir, silenciar e apagar as contribuições delas na construção histórica.

Esses apontamentos do conceito de androcentrismo, criticado por Bourdieu (2002), são concebidos como esquemas mentais. Em outras palavras, é um sistema estruturado socialmente e identificável. Quando a mídia noticia os vários tipos de violência contra as mulheres, por exemplo, os reproduz.

Para van Dijk (2009, 2017), a reprodução do sistema opressor é percebida na micro e na macroestrutura dos discursos produzidos pelos atores sociais e relatados pela mídia. Ao abordar as estruturas sociais, as define microestrutura como o nível das interações cotidianas, por meio do uso da linguagem verbal entre os membros da sociedade. Por outro lado, conceitua as macroestruturas como relações de poder, desigualdade e dominância entre grupos sociais. Esses níveis foram conceituados separadamente, mas se realizam concomitantemente.

Os indivíduos adquirem modelos mentais ou representações sociais ao interagir com outros. Contudo, é necessário adequá-las a um nível que satisfaça o discurso social. Por conseguinte, as representações sociais acabam se inscrevendo, diretamente, na

ideologia de um grupo que compartilha, de forma coletiva, os conhecimentos e as atitudes.

Com base no conceito de Androcentrismo e de Macroestrutura social, o Androcentrismo é como uma cognição social macroestruturada é institucionalizada. Por exemplo, de forma microestrutural, no discurso jornalístico, a preparação e a edição do jornal impresso passam por uma organização interna, que depende do diálogo entre os vários setores, para depois ser distribuído. Em consonância com a macroestrutura discursiva, o compartilhamento das formas linguísticas colabora com o pensamento androcêntrico, ou seja, passa pela relação e pelo consenso entre os vários grupos da sociedade como as empresas, o governo, os políticos, dentre outros, eles legitimam esse pensamento.

Dentre as várias interpretações masculinas de mundo exercidas em civilizações diversas, apresentamos a mitologia grega e a medieval, em que se fundamentam muitas ideias patriarcais, que contribuíram para a formação do pensamento androcêntrico. Contudo, nosso intuito principal é trazer essas discussões para nosso contexto atual.

Além do jornalismo, a educação é uma área da sociedade que domina o conhecimento público. Por isso, exerce um poder social, além de produzir e reproduzir crenças de origem androcêntrica. Nesse sentido, o processo de educação começa com o preparo do currículo, um documento que é elaborado, por meio do embate ideológico entre grupos sociais e, por conseguinte, indica o tipo de cidadão que se quer preparar. O legado androcêntrico é possível de ser percebido na educação brasileira em muitos dos procedimentos e símbolos convencionados, usados nas escolas.

De acordo com a vertente sociocognitiva, de van Dijk (2009, 2012), a educação é um campo que exerce um poder hegemônico, constitui-se pelo discurso social que domina, exerce poder, porque é responsável por controlar o discurso público, metrificando os parâmetros sociais.

De acordo com Louro (1997), o objetivo da escola não é, apenas, transmitir conhecimentos, mas, sim, educar sujeitos, produzindo identidades étnicas, de

gênero e de classe. Sendo assim, representa poder simbólico. Por isso, o Estado controla o processo de escolarização tanto pública quanto privada.

Louro (1997), Nader (2016) e Knapp (2021) acrescentam que, no século XIX, no curso de magistério, eram incluídas matérias para a aprendizagem dos deveres domésticos. Portanto, o currículo se adequava ao paradigma androcêntrico, pois adquiriam, além da educação formal, as condições para ser dona de casa.

Os aspectos que marcaram a educação no Brasil, desde os tempos coloniais e de ordem patriarcal, são apontados por Louro (1997), frisamos só os que dizem respeito à educação das mulheres, no sentido de discriminá-la negativamente. A autora entende a escola no Brasil como produtora e reprodutora das diferenças, da exclusão e da inferiorização na sociedade. Reconhecemos esses aspectos a partir do relato da própria autora: “A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e de códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ [...] dos meninos e das meninas” (LOURO, 1997, p. 58).

Na citação, constatamos como a ideologia do currículo escolar brasileiro cria, no decorrer da história, uma “pedagogia das diferenças”. Desse modo, quando a escola institui os espaços que os grupos masculino e feminino ocupam, ao fornecer símbolos, códigos e modelos, sem dúvida, contribui para a formação de modelos mentais, base para a construção de estigmas, de estereótipos e de discriminação (VAN DIJK, 2009; 2012).

Os modelos mentais, por sua vez, conforme apontado, são repassados culturalmente de pais para filhos e de geração em geração entre os membros dos grupos sociais. Logo, se a ideologia androcêntrica se institucionalizou na escola, tais diferenças tendem a privilegiar o homem.

Ao longo da história, a escola se encarregou de internalizar, no cognitivo individual e social, a naturalização de atitudes androcêntricas, que contribuem para marcar o lugar do homem e das mulheres na sociedade (LOURO, 1997; BOURDIEU, 2002; VAN DIJK, 2009, 2012). No ambiente escolar, os meninos necessitam de mais espaço que as meninas para realizarem suas brincadeiras; portanto, é por esse motivo que, muitas vezes, cometem a violência de invadir o espaço restrito em que as meninas brincam para atrapalhá-las (LOURO, 1997).

No passado, em muitos internatos, as meninas cursaram apenas o magistério. Nesses cursos, era imposto a elas um comportamento feminino exemplar, como a maneira de andar, de falar e de agir. Embora as ideologias androcêntricas (BOURDIEU, 2002), condutoras da escola do passado, tenham sido superadas, Louro (1997) acrescenta que outras foram criados em razão dos novos tempos.

A autora aponta a linguagem como uma forma de causar desigualdade. Assim, em relação às mulheres, a linguagem contém elementos preconceituosos: a linguagem não ‘apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os *institui*; não apenas veicula, mas produz e pretende *fixar* diferenças” (LOURO, 1997, p. 65). Para esclarecer esse fato, a autora acrescenta que, apesar das gramáticas e dos dicionários tenham a fama de reger o bem falar, na materialidade dos conteúdos, há formas simbólicas que inferiorizam as mulheres. Bueno (2015), ao realizar uma pesquisa em dicionários online, evidencia que os vocabulários são muito masculinos.

No aprendizado de matemática, Louro (1997) aponta que, nos depoimentos de professores e professoras, há uma disparidade entre os alunos e as alunas. Na prática, Casagrande e Carvalho (2014) investigaram a relação de gêneros nas aulas de matemática entre alunos do 5º ao 8º ano e notaram que as meninas manifestam menos o conhecimento e dirigem perguntas aos docentes muito pouco. Compreendemos isso como uma consequência do pensamento androcêntrico, que silencia as mulheres, contribuindo para a permanência da desigualdade entre os gêneros.

Nas aulas de Educação Física, ainda que participem dos mais variados esportes, a maioria deles está associado à masculinidade e à virilidade do homem, como o futebol (LOURO, 1997). Isso acarreta que, nas aulas ministradas a alunos do nono ano, o preconceito contra ocorre não somente em relação às alunas, mas também em relação à professora (ROSA, SOUZA e BORGES, 2020).

Nas análises de livros didáticos e paradidáticos, é possível encontrar a representação dos papéis dos gêneros: o contexto público para os homens; e o contexto doméstico para as mulheres, além da indicação de atividades específicas para ambos. Nos livros, há a exaltação de figuras exclusivamente masculinas, tratadas como heróis, demonstrando a virilidade, a coragem e a força, como nos bandeirantes, que desbravaram o interior do Brasil. Em contrapartida, são

representadas, ao lado desses personagens épicos brasileiros, como seguidoras desses líderes (LOURO, 1997).

A pesquisa realizada por Lopes (2018) nos livros didáticos de história, utilizados entre 2017 e 2019, apresentou os mesmos aspectos relatados por Louro (1997). Apesar do uso do pretérito nos livros insinuar que a desigualdade foi superada, na análise de Lopes (2018) sobre as imagens presentes no livro didático, demonstram que: estão aquém da narrativa central masculina; há um sentimento de marginalidade feminina; e não participam dos principais saberes escolares.

Quando refletimos a respeito dos trabalhos de outros autores, em paralelo com a obra de Louro (1997), concluímos que o relato sobre a educação patriarcal ainda é praticado na atualidade. Certamente, os reflexos disso são visíveis quando lemos os dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2019:

- 1) **Mercado de trabalho:** no mercado de trabalho, houve uma média de mulheres acima dos 15 anos de 54,5% comparado aos homens com 73,7%;
- 2) **Cargos de chefia:** as que assumem cargos de chefia ganham menos, cerca de 61,9% a 63,6% do rendimento dos homens;
- 3) **Educação:** em relação à educação, entre a população com mais de 25 anos 37,1% das mulheres, têm menos escolaridade que os homens que representam 40,4%. Porém, 19,4% possuem nível superior, contra 15,1% dos homens. Apesar de alcançarem esse nível, como docentes de nível superior, ainda são a minoria, cerca de 46,8%; embora tenham maior índice de escolarização, representam a minoria na vida pública e privada. No Brasil, o número das que exercem função na câmara dos deputados aumentou em 2017, de 10,5%, para 14,8% em 2020. Esse índice coloca nosso país em 142^a entre os 190 países do *ranking*;

Os apontamentos atuais do IBGE mostram uma disparidade que é histórica de desprivilegio das mulheres. Corroborando com a afirmação, Saffioti (2015, p. 35) pondera o sexismo não, apenas, como uma ideologia, mas também como uma estrutura de poder que prejudica as relações de gêneros na sociedade. No entanto, são as mais prejudicadas, porque “são ‘amputadas’, sobretudo, no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder”. A autora justifica que isso se deve a

educação que é ofertada às mulheres, as quais “são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores”.

Após uma reflexão sobre os dados, focamos na imprensa jornalística. Não negamos a sua utilidade, pois foi uma das forças motrizes que ajudaram a formar a sociedade, fornecendo informação, debates, educação e entretenimento. Desde o nascimento da imprensa, no século XVII, o jornal é palco de discussão de ideias e de tomada de decisões. O conteúdo noticioso foi e é importante para a formação da consciência do cidadão (SOUSA, 2008).

No entanto, questionamos o porquê de o jornal reproduzir a imagem das mulheres de forma estereotipada. A resposta mais provável é que no âmbito midiático prevalece o discurso androcêntrico. Segundo van Dijk (2017), apesar de serem incluídas na área jornalística, é inegável a prevalência de homens e que, por muitos esforços, nem todas conseguem chegar a ocupar cargos elevados de editor: “como fontes são menos credíveis, e logo são menos citadas, e como atores das notícias têm menos ‘noticiabilidade’” (VAN DIJK, 2017, p. 90).

Corroborando com o autor, Lazar (2005), em seus estudos sobre a campanha política e publicitária de incentivo a paternidade, em Singapura, mostra uma mudança na imagem social dos homens contemporâneos ao assumirem funções do lar, que antes eram consideradas apenas femininas. Contudo, mesmo assim, tradicionalmente o discurso patriarcal ainda persiste:

A inter-discursividade, portanto, mostra como as relações hegemônicas de gênero - e, especificamente, as formas hegemônicas de identidade masculina - podem mudar e ainda permanecer dominantes pela incorporação reflexiva de discursos que desafiam sua hegemonia (LAZAR, 2005, p. 158 - Tradução nossa)¹⁵.

Historicamente, o discurso androcêntrico serviu de parâmetro para o compartilhamento de crenças e de opiniões, que contribuíram para a construção de instâncias sociais, políticas e econômicas. Essas instâncias da sociedade, por sua vez, com o poder que exercem, influenciam e regulam os órgãos de imprensa

¹⁵ Texto conforme o original: The interdiscursivity, therefore, shows how hegemonic gender relations – and, specifically, hegemonic forms of masculine identity – can change and still remain dominant by reflexively incorporating discourses that challenge their hegemony (LAZAR, 2005, p. 158).

jornalística, que produzem e reproduzem conhecimento, atitudes e ideologias. Nesse sentido, segundo van Dijk (2017), a área jornalística é extremamente machista, tanto que van Dijk (2012, p. 231) acrescenta: “Quer esses relatos sejam escritos por homens, quer sejam escritos por mulheres, é óbvio que eles são escritos com base em modelos mentais que adotam uma perspectiva masculina”.

De acordo com o autor, os tópicos maiores na editoração são orientados para os jornalistas. Nas matérias escritas, são ignorados assuntos relacionados a gênero, pois dispõe de noticiabilidade. A cobertura dos casos feministas é noticiada de maneira a mostrar muitas vezes solidariedade com a causa ou outras vezes voltada para formas abertas de conflito, para questões cômicas e irreverentes e espetacularizadas, como o assédio sexual, a fim de que a reputação dos homens não seja abalada.

O feminismo é um movimento ignorado, problematizado e marginalizado, pois a maioria dos leitores são homens. Notícias sobre a contribuição delas em campos dominados pelos homens, como na política e nas ciências, tendem a ser ignoradas. Diante disso, van Dijk (2017, p. 90) assinala que “o conteúdo e o estilo das notícias continuam a contribuir para atitudes estereotipadas sobre as mulheres”. Diante do exposto, a mídia é concebida como uma instância de poder norteadas pelo discurso androcêntrico.

Há casos em que a mídia investe na divulgação e, devido sua importância, repercutem ou se destacam tanto no cenário nacional quanto no internacional. Por exemplo, casos como o da ex-presidenta, Dilma Rousseff, são considerados um ato machista e um desrespeito à democracia e à conquista das mulheres. Por ser a primeira presidenta, certamente pesava sobre ela uma grande responsabilidade. Os opositores e a mídia a vigiavam e expunham quaisquer gafes.

Nunes (2020), ao tratar da mídia em relação à presidenta, aponta o caso como uma prática de misoginia no espaço público, além de desrespeito de gênero. Mesmo sendo a chefe do poder executivo do Brasil, foi desrespeitada em vários aspectos, mas, sobretudo por ser mulher.

Por esse motivo, Possenti (2018, p. 583) defende a tese de que, em meio à repercussão negativa dos atos presidenciais da ex-presidenta Dilma Rousseff, “a

misoginia foi um dos ingredientes que favoreceram o golpe parlamentar-midiático ocorrido no Brasil em 2016” que a destituiu do poder. Segundo o autor, apesar da Dilma ter sido acusada pelo Tribunal de Contas da União (TCU) de irregularidades, como as “pedaladas fiscais”, a câmara dos deputados não a julgara por esse fato, mas por outros, tais como: o desempenho do governo seria negativo; Dilma não tinha apoio parlamentar; acusada repetidamente (na mídia e, em especial, nas redes sociais), de ser “de esquerda” (bolivariana), por apoiar causas que desagradaram à porção mais conservadora da sociedade brasileira, como a política de cotas e dedicadas às minorias em geral, e a mudança da legislação trabalhista, relacionadas às empregadas domésticas; a falta de traquejo para negociar com os políticos. (POSSENTI, 2018). Esses foram os motivos que levaram os deputados a pedirem o *impeachment* da ex-presidenta. Nesse período, uma das expressões mais ouvidas foi: “Fora, Dilma”.

Tais fatos noticiados pela mídia mostraram as acusações dos deputados, bem como a defesa sem sucesso da ex-presidenta. Nesse sentido, contra ela foram tecidas inúmeras críticas: foi taxada, por vezes, de: “confusa”, “irritadiça”, “mandona” ou “autoritária”. Eventualmente, por parecer estar “fora de si”. Além disso, os comentários frequentes sobre suas roupas e aparência, o vestido de posse, o cabelo e os gastos com deslocamento (POSSENTI, 2008).

Os apontamentos mostrados são exemplos de práticas androcêntricas institucionalizadas. Homens e mulheres, diariamente, são expostos a esses modelos mentais, que colocam o posicionamento masculinizante como centro das decisões. As avaliações feitas sobre o comportamento de Dilma Rousseff puderam ser acompanhadas, evolutivamente, na mídia em geral, são banais¹⁶ e se repercutiram de forma negativa: primeiramente, pelo fato dela ser uma mulher que ascendeu à presidência da república, um cargo cativo dos homens.

Acerca disso, Tomazi (2020, p. 838) expõe: “[...] o poder dos meios de comunicação funciona não apenas no sentido de alavancar debates importantes para a sociedade, mas também para suprimi-los ou mesmo reforçar crenças sociais”. Além desse aspecto, os demais sugerem repulsa, desprezo e agressão psicológica, o que indica

¹⁶ Chamamos de banal o comportamento da ex-presidenta Dilma Rousseff porque são atitudes praticadas por muitas outras pessoas, mas não são destacadas por não serem figuras públicas.

que os deputados agiram imbuídos por modelos mentais androcêntricos, bem como a mídia, que deu ênfase e destacou o comportamento banal de Dilma Rousseff.

Assim, de acordo com Tomazi (2020), a mídia noticiar o comportamento da ex-presidenta não indica somente um discurso machista, mas também reforça as crenças sociais e os estereótipos “arcaicos”, que tinham como alvo não a Dilma Rousseff, mas as mulheres, numa tentativa de silenciá-las.

As crenças se traduziram em: o cargo de presidente da república não é para ser ocupado por mulheres, pois elas não dispõem de competência para gerirem o país. Isso denota estereótipos acerca da condição natural, que foi legada a elas, desde o início da humanidade: são mais frágeis, dependentes, menos inteligentes e menos capazes.

Outro caso foi o da vereadora Marielle Franco, que foi um atentado contra as desigualdades sociais e as questões de identidade, mas, acima de tudo, contra a mulher negra e homossexual. Marielle Francisco da Silva, chamada popularmente de Marielle Franco† (1979 – 2018), foi socióloga e mestra em Administração pública. Foi assessora parlamentar e coordenadora da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, tendo atuado em favor de vítimas de homicídios, incluindo de policiais. Eleita vereadora para o mandato 2017-2020 pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), no qual era filiada, sendo a quinta mais votada no Rio e a segunda no país.

As pautas de luta e de reivindicações da vereadora eram: o feminismo, os direitos humanos, os integrantes do LGBTQIA+, os negros e os moradores das favelas. A militante coletava dados dos residentes das favelas, com o objetivo de usá-los para fazer reivindicações em favor do fortalecimento dessa população. Devido ao que defendia, em 14 de março, de 2018, foi alvejada por tiros, acompanhada de seu motorista, Anderson Pedro Mathias Gomes, no Bairro Estácio, Região Central do Rio de Janeiro, ambos vieram a falecer.

O assassinato da vereadora foi tratado pela polícia como um caso de execução, teve repercussão nacional e internacional e causou reações adversas, dividindo opiniões entre os militantes políticos da esquerda e da direita. Se, por um lado, foram realizadas homenagens e se levantaram os protestos contra a morte de Marielle

Franco; por outro, elites simbólicas como os jornalistas de direita Reinaldo Azevedo (AZEVEDO, 2018)¹⁷ e Augusto Nunes (JOVEM PAN, 2018a)¹⁸ acusaram a esquerda de explorar politicamente o assassinato de Marielle.

Militantes de direita, como o deputado Alberto Fraga (DEM)¹⁹, fizeram *posts* no *Facebook* e no *YouTube*, questionando a idoneidade moral de Marielle, como, por exemplo, associando o trabalho da vereadora com a atuação de traficantes no Rio de Janeiro (G1, 2018). Semanas depois, a justiça determinou a retirada das postagens.

A atuação da justiça foi decisiva para desmentir as falácias que, além do assassinato de Marielle Franco, mais uma vez, tentaram apagar a verdade expressa pela luta da vereadora em prol dos direitos humanos.

Nas reações da direita, percebemos um discurso de ódio não contra a vereadora, mas contra a população fragilizada e excluída pela ausência do poder público ou pela falta de políticas públicas nas comunidades do Rio de Janeiro (CARNEIRO, 2018)²⁰.

As reações tanto de direita quanto de esquerda reforçam o fosso que existe entre as classes sociais. Sobre isso, Ferreira, Ferreira e Chaves (2018, p. 62) descrevem o assassinato de Marielle Franco como um atentado: “O atentado contra Marielle Franco revelou - ainda mais - a latente desigualdade socioeconômica no que tange às questões identitárias no Brasil”. Nesse caso, ao utilizarem o termo “atentado”, comparam os assassinos a terroristas, que atentaram contra a dignidade dos menos favorecidos. Além disso, mostram a persistência da desigualdade socioeconômica e das questões identitárias no país, assuntos defendidos por Marielle.

Os pesquisadores afirmam que as reações da direita nas redes sociais foram uma tentativa de deslegitimar políticas ideológicas, que notamos principalmente pelo fato

¹⁷ Matéria do portal da UOL: <https://reinaldoazevedo.blogosfera.uol.com.br/2018/03/15/a-morte-de-marielle-1-assassinato-interessa-ao-crime-organizado-que-se-opoe-a-intervencao-como-fazem-o-pt-e-o-psol/>

¹⁸ Debate exibido no canal da Jovem Pan no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=LqD0vw1O6CM>

¹⁹ Notícia no portal da G1 da globo: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/03/apos-assassinato-de-marielle-vereadora-e-atacada-na-internet.html>

²⁰ Matéria da BBC Brasil: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43423055>.

de a vereadora ser uma mulher, pela sua opção sexual e pelo fato de ser negra, uma representante legítima do povo no poder. Em seu artigo, Franco (2018) discorre sobre sua condição, mostrando que a derrocada da ex-presidenta Dilma Rousseff representa a situação de todas. Essas são questões identitárias e características serviram de ingrediente para causar o descontentamento da elite androcêntrica.

O discurso androcêntrico é tão macroestrutural na sociedade, que levou Marília Castro Neves, mulher e desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJ-RJ) a publicar em sua conta nas redes sociais declarações falsas contra Marielle Franco: “Qual outra coisa diversa é mimimi da esquerda tentando agregar valor a um cadáver tão comum quanto qualquer outro”, “ela estava engajada com bandidos” (VEJA, 2018)²¹.

Se pensarmos o que é um cadáver comum, tal expressão não está direcionada simplesmente a Marielle, mas a sua imagem perante a sociedade e o que representa, de forma microestrutural. De forma macroestrutural, incluímos as negras e anônimas, de forma geral, que sofrem violência e feminicídio todos os dias.

Bourdieu (2002) discorre sobre isso, mostrando que o discurso androcêntrico influencia tanto homens como mulheres, que acabam por agir passivamente em favor desse discurso. De outra maneira, em relação ao ato cometido pela juíza, van Dijk (2012), ao discutir as questões de diferença de gênero, apresenta duas formas de pensar o assunto: tradicionalmente, o gênero é definido a partir do que o indivíduo é; e, numa reflexão mais atual, a partir do exercício profissional do indivíduo. Nesse caso, o modelo de contexto motiva o comportamento e, por conseguinte, o discurso assumido pelo ator social. Por esse motivo, de acordo com os pressupostos de van Dijk (2012), compreendemos que, pelo fato de a juíza ocupar esse cargo no contexto do poder judiciário, teve influência no discurso androcêntrico e racista, proferido contra Marielle.

O assassinato de Marielle Franco ocorreu em um momento de fragilidade política e social. A ex-presidenta Dilma Rousseff, representante do Partido dos Trabalhadores (PT), sofreu ataques machistas pela mídia em geral, que espalhava *fake news*, deslegitimando seu governo. Dessa forma, no Fórum Social Mundial ocorrido em

²¹ Matéria publicada pela Revista Veja: <https://veja.abril.com.br/brasil/desembargadora-diz-que-marielle-estava-engajada-com-bandidos/>

Salvador, em 2018, Dilma Roussef afirmou que o assassinato de Marielle Franco fez parte do “golpe” ou *impeachment* que recebeu como condenação (JOVEM PAN, 2018b)²². Em parte, essa afirmação não se sustenta, pois são casos isolados, porém, fazendo um estreitamento entre eles, no sentido de que foram vítimas de ataques machistas, tendo a reputação manchada pela exposição nas redes sociais, palco de confrontos no campo virtual.

Nas sessões da Câmara da Prefeitura de Vitória/ES de 08/03/2021 e 09/03/2022, a vereadora Camila Valadão (PSOL-ES) sofreu violência política de gênero pelo vereador Gilvan da Federal (Patriota-ES), quando discursava, na tribuna, a convite do presidente da sessão. Naquele momento, o vereador a agrediu verbalmente, dizendo que ela não usava “roupas apropriadas para a câmara” (FLORES, 2021)²³. Recentemente, ao discursar na tribuna, Gilvan mandou que ela calasse a boca e ficasse quieta, porque estava atrapalhando a fala dele (FLORES, 2022)²⁴.

Reconhecemos que há uma disputa partidária envolvida nesse caso, mas, há também uma atitude machista. Por um lado, o comentário de Gilvan sobre os trajes de Camila foi um ato de desrespeito e de discriminação, que teve como objetivo desqualificá-la como mulher e autoridade, além de envergonhá-la perante o público. Entretanto, contrariando essa tentativa de desabonar a conduta dela, Camila Valadão foi a segunda política mais votada e a primeira negra a ser eleita como vereadora na capital.

Os dados apontados incomodam o grupo social masculino, o que faz Gilvan da Federal agir de acordo com os modelos mentais androcêntricos. Por exemplo, “ficar caladinha” ou “calar a boca” é uma ação machista, que visa a silenciar não só a vereadora Camila, mas as mulheres. No entanto, por outro lado, percebemos que a mídia não apresenta duas vezes esse mesmo caso no Dia Internacional da Mulher, por coincidência. Não há, portanto, um propósito da mídia em defendê-las, mas, sim,

²² A notícia pode ser visualizada na íntegra no link do canal do Youtube da Jovem Pan: <https://www.youtube.com/watch?v=olhMASL714s&t=32s>

²³ A notícia pode ser encontrada no link: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/03/09/chequei-a-minha-roupa-diz-vereadora-criticada-em-sessao-do-dia-da-mulher.htm?cmpid=copiaecola>

²⁴ A notícia pode ser encontrada no link: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/03/10/vereador-manda-colega-fechar-a-boca-e-ficar-caladinha-durante-sessao.htm?cmpid=copiaecola>

de criar um espetáculo, ou seja, mostrar atitudes androcêntricas praticadas justamente nessa data comemorativa.

Em 2021, a UOL apresenta a notícia com o seguinte título: “No Dia da Mulher, vereadora sofre ataque machista de colega no ES”. Em 2022, o título passa a ser “Vereador manda colega ‘fechar a boca’ e ‘ficar caladinha’ em sessão no ES”. Tanto no primeiro como no segundo título, a mulher é mencionada como vítima. Porém, no primeiro título, está na voz ativa, ou seja, a mulher é o sujeito da ação. Na expressão um “ataque machista”, demonstra que há questões ideológicas envolvidas. Não obstante, a jornalista acrescenta um adjunto adverbial de tempo, frisando que é “No Dia da Mulher”. O segundo título, está na voz ativa. Contudo, o vereador é o sujeito da ação, aquele que “manda” a vereadora “fechar a boca”, isto é, é colocado como um ator social, com a proeminência de controlar a situação.

Nos dois casos mostrados, a mulher é inferiorizada, enquanto o homem é colocado em posição de superioridade. Portanto, nos dois casos, há atitudes machistas e desrespeitosas contra a parlamentar, praticadas por Gilvan da Federal, mas também reproduzidas pela mídia.

Outra parlamentar sofre com a violência política de gênero é a vereadora de Vitória/ES Karla Coser (PT). No dia 16 de março de 2022, a câmara discutia um projeto de lei do Conselho da Mulher da cidade de Vitória, em que Karla Coser era a interlocutora. Uma vez que o projeto não teve aprovação, os demais parlamentares, opositores do Partido dos Trabalhadores (PT), atribuíram a derrota a ela. Nesse momento, foi hostilizada especialmente pelo vereador Gilvan da Federal (Patriota-ES), com as seguintes frases de cunho machista: “mimada” e disse que providenciaria “uma mamadeira e uma chupeta” para ela. De maneira desrespeitosa, o vereador teve o objetivo de descredibilizá-la, mostrando que o comportamento dela é infantil, imaturo e, portanto, o espaço da câmara não é seu lugar (PT, 2022)²⁵.

No decorrer deste capítulo, sob um ponto de vista da instância feminina, explicamos a evolução da “dominação masculina”, conforme Bourdieu (2002): a origem do patriarcado pode ser encontrada nos textos míticos e, por sua vez, o androcentrismo se originou no patriarcado. A Figura 7 abaixo mostra essa evolução:

²⁵ A notícia pode ser encontrada no link: <https://pt.org.br/violencia-politica-vereadora-do-pt-sofre-agressoes-verbais-machistas/>

Figura 7 – O processo da dominação masculina



Fonte: Elaborado pelo próprio autor com base em Bourdieu (2002).

Como a justificativa científica da inferioridade das mulheres, a *Teoria do Androcentrismo*, proposta por Ward (1903), tornou-se uma forma de opressão sem precedentes ao atestar que o lugar do homem é o centro e que o homem é o parâmetro para os rumos da sociedade. Desse modo, o androcentrismo está relacionado com as ascendências que as ações masculinas carregam socialmente, isto é, a atenção, a importância das ações e a capacidade de modificar atividades e/ou situações sociais.

Devido às ações de resistência dos movimentos feministas, essas ideias não são mais aceitas, nem admitidas em nossa sociedade. Contudo, perduram no imaginário social. Esse é o motivo pelo qual apontamos ocorrências atuais nos casos Dilma Rousseff, Marielle Franco, Camila Valadão e Karla Coser, que servem para demonstrar que o androcentrismo, embora não seja mais aceito, está em voga.

Esses casos que extrapolaram o limite do ódio e dos estereótipos, praticados não apenas contra essas mulheres, mas contra todas. Além desse aspecto, as práticas androcêntricas, como as mostradas, foram impulsionadas pela mídia, tendo como agentes atores sociais. Isso comprova o argumento de Bourdieu (2002, p. 22), quando mostra que a representação androcêntrica pela violência simbólica faz com que elas apliquem “a toda realidade, e particularmente, as relações de poder a que estão envolvidas [...]”.

O autor concebe esse assujeitamento como uma violência simbólica. Se homens e mulheres agem conforme um modelo androcêntrico de mundo, é fato que ele perdura em forma de modelos mentais e cognições sociais, de acordo com o pensamento de van Dijk (2009, 2012, 2017). Os casos das mulheres políticas corroboram para mostrar não somente que machismo é naturalizado na sociedade e que a mídia compartilha crenças, opiniões e preconceitos contra as mulheres.

Posto isso, mais a frente, estudaremos esses aspectos na mídia capixaba, mais especificamente, no jornal *A Tribuna*, as crônicas jornalísticas, escritas por Pedro Maia.

4. OS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO E A VERTENTE SOCIOCOGNITIVA

Este capítulo apresenta a abordagem teórica que norteia esta pesquisa, a vertente sociocognitiva dos Estudos Críticos do Discurso, cujo principal representante é van Dijk (1988, 2012). Nessa perspectiva, expusemos as noções de poder e de ideologia, bem como conceituamos as categorias Discurso, Cognição e Sociedade. Por fim, trazemos uma breve exposição de como van Dijk (1988, 2012) elabora a construção discursiva da imagem social, através do quadrado da polarização discursiva, com base em Goffman (1980, 2011), que admite a imagem social como uma construção positiva ou negativa das faces.

4.1 PERCURSO CONSTITUTIVO DOS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO

van Dijk (2012) aponta, nos anos 60, fatos que representam mudanças importantes para os estudos linguísticos. Antes, os métodos de análise linguística, empregadas pelos estruturalistas e gerativistas, eram realizados de maneira formal e sistemática, excluindo o contexto. Após, surgiram disciplinas como Pragmática, Psicolinguística, Sociolinguística etc., que priorizaram o estudo da língua no contexto situacional.

As correntes supracitadas possibilitaram ao analista estudar a língua sob outra ótica, captando, por exemplo, a ação, as emoções, as estratégias, os modismos, entre outros fatores, utilizados pelos participantes de uma interação. O analista pode, ainda, lançar o olhar sobre as ciências do texto e do discurso para identificar: as questões sociais, o poder hegemônico e as ideologias.

De acordo com van Dijk (1999, 2017), o teor crítico, no discurso por princípio, era encontrado desde as origens na Escola de Frankfurt, anterior à Segunda Guerra Mundial. Como resultado dessa escola de orientação da linguística funcionalista, no final de 1970, surge, no Reino Unido e na Austrália, a “linguística crítica (LC)”, proposta por Michel A. K. Halliday, também um dos fundadores da Linguística Sistêmico-Funcional. A LC, como precursora da ECD, foi uma espécie de efervescência e inquietação para a análise do discurso no campo social.

O nascimento da ACD ocorreu em janeiro de 1991, em um simpósio em Amsterdã, na Alemanha. Nele, estava presente um grupo de estudiosos, tais como Teun A. van

Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Teo van Leeuwen e Ruth Wodak. van Dijk (2017) define os Estudos Críticos do Discurso (ECD) da seguinte forma:

[...] é um tipo de investigação de análise do discurso que estuda, em primeiro lugar, o modo como o abuso de poder social, a dominância e a desigualdade são postos em prática, e igualmente o modo como são reproduzidos e o modo como se lhes resiste, pelo texto e pela fala, no contexto social e político (VAN DIJK, 2017, p. 19).

De acordo com o autor, a ECD é um método transdisciplinar, vale-se do desenvolvimento “crítico” de algumas disciplinas, como a Psicologia e as Ciências Sociais. Essas disciplinas surgiram como uma reação aos paradigmas formais no final dos anos 70. Acrescenta, ainda, que a ECD não é um direcionamento, escola ou especialidade, tal como outras vertentes do estudo do discurso, que emergiram nesse contexto para oferecer uma nova perspectiva de teorização, análise e aplicação através de um determinado campo de investigação.

Dentre as outras linhas do estudo do discurso, a ECD segue uma perspectiva de orientação mais crítica. A linha sociodiscursiva, proposta por Norman Fairclough, considera, apenas, a conexão entre as categorias Discurso e Sociedade; enquanto a sociocognitiva considera a inter-relação e a interdependência entre Sociedade, Cognição e Discurso.

Para van Dijk (2009, 2012), a abordagem de Norman Fairclough apresenta problema no método, pois não considera o componente cognitivo. Ademais, o autor ressalta que o termo ACD deve ser evitado, porque sugere que é um método de análise do discurso e não uma perspectiva crítica ou uma atitude no campo de estudos do discurso.

Neste cenário, o autor funda os Estudos Críticos do Discurso, doravante ECD.

4.2 CONCEITO DE IDEOLOGIA E PODER

Cada grupo social é definido por uma ideologia própria que os identifica (VAN DJIK, 2017). Sendo assim, a ideologia é um conjunto de crenças compartilhadas que orientam as atitudes e o comportamento dos grupos (VAN DIJK, 2016).

Nesse aspecto mais social sobre a ideologia, ela é compartilhada, produzida, reproduzida e ensinada por seus membros, conforme exposições religiosas, eventos partidários, conferências, hinos, canções de protesto etc. (VAN DIJK, 2016). As ideologias como representações sociais fazem com que cada grupo tenha uma autoimagem de si e dos outros.

As ideologias são, portanto, diferentes. Em outras palavras, a forma como um grupo vê o outro é diferente. Por isso, ao analisarmos criticamente os textos orais ou escritos produzidos, observamos que os atritos, no campo discursivo, são frequentes. A ideologia androcêntrica é um exemplo disso, pois dispõe de princípios que organizam e orientam as atitudes que os membros do grupo devem tomar em relação à educação, ao mercado de trabalho, à religião, à família etc.

O conhecimento compartilhado, mediante o discurso, está na base da constituição dos grupos sociais e compõe uma forma de poder que procuram impor como forma de controle dos membros do grupo e de outros grupos, a fim de limitá-los à liberdade. Fazer isso, constitui abuso de poder que os grupos hegemônicos realizam contra outros menos favorecidos.

van Dijk (2016) acrescenta: uma das formas usadas pelos grupos para exercer o poder, é manter o controle sobre as estruturas do discurso e do contexto, abalizando o que contribui para que a ideologia seja imposta.

4.3 A INTERFACE SOCIOCOGNITIVA “DISCURSO-COGNIÇÃO E SOCIEDADE”

Na estrutura dos Estudos Críticos do Discurso (ECD) a abordagem sociocognitiva é caracterizada pelo triângulo Discurso-Cognição-Sociedade (VAN DIJK, 2009). Essa tríade representa os aspectos importantes para a vida humana, pois vivemos em sociedade e utilizamos a língua para interagir, tudo isso é mediado por representações mentais (VAN DIJK, 2021).

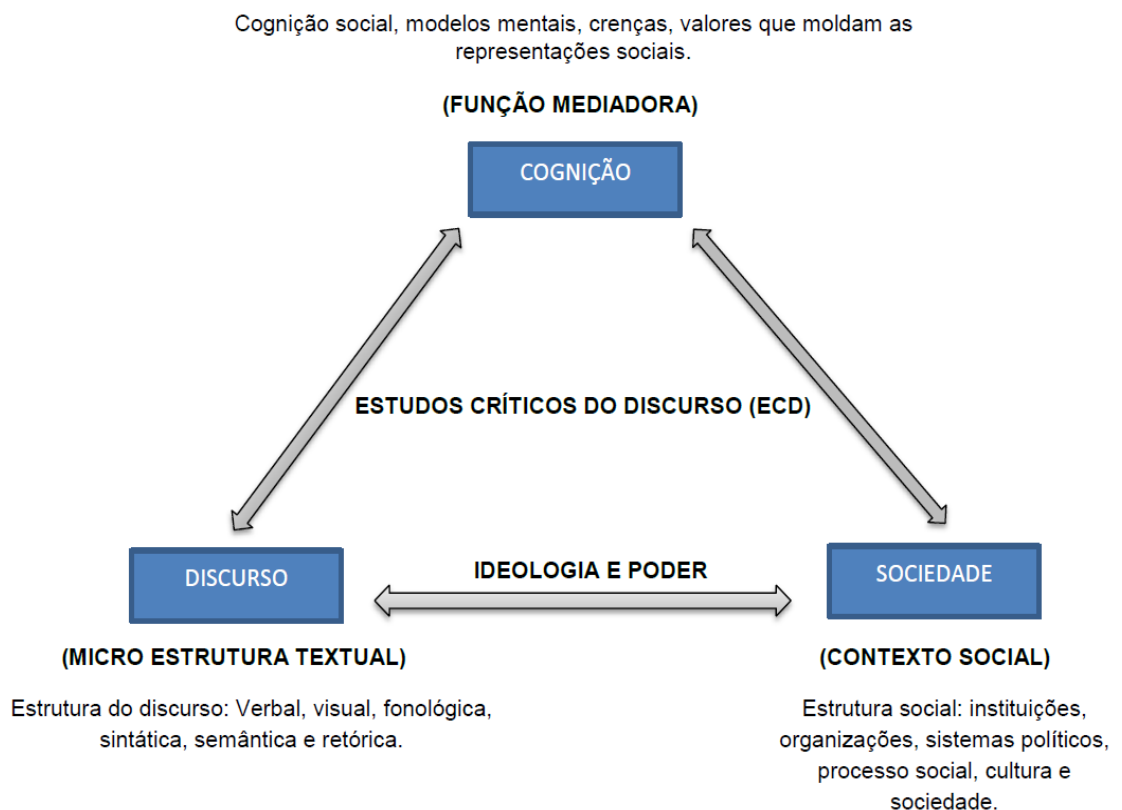
A principal tese dessa proposta é a que as categorias “Discurso e Sociedade” são mediadas pela interface cognitiva (VAN DIJK, 2016). Por ser um rótulo, não significa que os ECD devem ser reduzidos a isso, uma vez que, para van Dijk (2017), a

abordagem é transdisciplinar, multidisciplinar e interdisciplinar. Com isso, é associável a outros conhecimentos das análises críticas, de âmbito social.

De acordo com o autor, a abordagem deve ser como a exposta, porque uma disciplina apenas não consegue explicar determinados fenômenos sociais. Nesse sentido, van Dijk (2000) aponta três dimensões que compõem o sentido do termo “discurso”: a) o uso da linguagem; b) a comunicação de crenças (cognição); c) e a interação em situações de índole social.

Na proposta de van Dijk (2009), o componente cognitivo é essencial para que o discurso aconteça, pois fecha o triângulo, amarra as práticas de linguagem em sociedade. O esquema abaixo representa a proposta:

Figura 8 – Triângulo discurso-cognição-sociedade



Fonte: Elaborado por Danin (2020) a partir dos estudos de van Dijk (2008).

Conforme o autor, trabalhar a análise crítica, considerando apenas as categorias linguagem e sociedade, é uma visão estática dos processos discursivos. A partir desse posicionamento, admite que linguagem e vida social são constituídas por natureza diferente, sendo relacionadas somente por intermédio das representações mentais dos usuários de linguagem como indivíduos e como membros sociais.

O autor afirma, ainda: “[...] os usuários de idiomas não apenas agem (se comunicam, falam, escrevem, ouvem, leem etc.), mas também pensam quando o fazem” (VAN DIJK, 2009, p. 64). Os três elementos, discurso-cognição-sociedade, estão intimamente ligados e determinam as práticas discursivas na sociedade.

Assim, a interação social, as situações sociais e as estruturas sociais só podem influenciar o texto e falar através da interpretação das pessoas desses ambientes sociais. E, inversamente, o discurso só pode influenciar a interação social e as estruturas sociais através da mesma interface cognitiva dos modelos mentais, conhecimentos, atitudes e ideologias (VAN DIJK, 2009, p. 64).

Na proposta sociocognitiva, de van Dijk (2009), a cognição mantém influência sob as práticas sociais e a interpretação do discurso. Em outras palavras, do mesmo modo que interpretamos cognitivamente os ambientes sociais na construção de textos escritos ou dialogados, que são os discursos materializados, sua interpretação também depende das representações sociais, como conhecimentos, atitudes, ideologias etc.

4.4 DISCURSO

Para van Dijk (2000), o termo “discurso” não se aplica, somente, às estratégias de utilização da linguagem, como na teoria da comunicação de Jakobson (1969) ou da enunciação de Benveniste (1995). Segundo o autor, quando um ator social entra em um processo discursivo com o outro, faz muito mais do que se comunicar, pois, ao expressar suas ideias, crenças e emoções, envolve processos cognitivos complexos.

van Dijk (1988, 2001) afirma que o termo “discurso” é ambíguo, amplo, polissêmico e difuso, não havendo uma definição prática que dê conta de explicar tudo o que

sabemos sobre ele. O discurso seria um “evento comunicativo”, incluindo a interação convencional, texto escrito, bem como gestos associados, expressão facial, arranjos tipográficos, imagens e qualquer outra dimensão de significação ‘semiótica’ ou multimédia” (VAN DIJK, 2017, p. 37).

O tema é atravessado por várias definições. Contudo, conforme van Dijk (1988), na abordagem sociocognitiva, o termo “discurso” é parte integrante do “evento comunicativo” e inclui os seguintes elementos: atores sociais (falante, escritor/ouvinte e leitor), ambiente específico (tempo, local e circunstâncias), além de outras categorias que o envolvem.

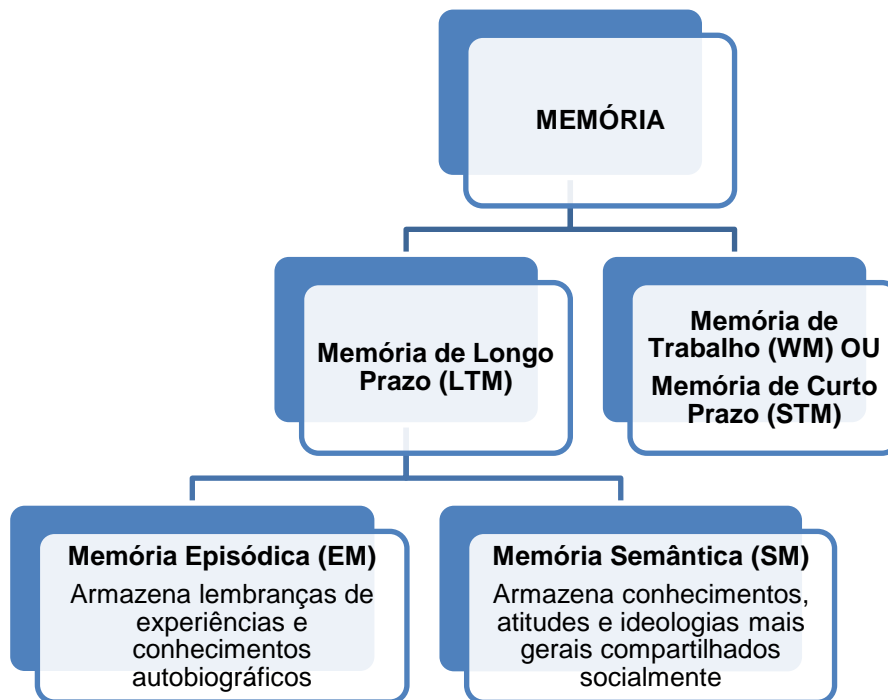
O conceito apresentado remete ao nível primário da estrutura textual: o micro. Nesse nível, analisamos a forma como os participantes da interação utiliza a linguagem para se comunicar em contexto de uso. As formas de interação remetem a um nível maior, a macroestrutura, em que se analisam as interações entre atores sociais e as representações sociais partilhadas por eles, que se inscrevem nas ideologias de grupos sociais distintos. Os dois níveis corroboram para revelar preconceitos existentes entre eles, uma vez que as ideologias se diferem.

4.5 COGNIÇÃO

A “Cognição”, como uma interface do Discurso e Sociedade, diz respeito à cognição pessoal e social, crenças, finalidades, avaliações, emoções e quaisquer estruturas mentais (VAN DIJK, 2017).

van Dijk (2009) apresenta o funcionamento das estruturas mentais para explicar o componente cognitivo. Nele, são trabalhadas categorias como a mente, a memória e os processos e representações cognitivos comprometidos na produção e na compreensão do discurso.

Figura 9 – Estruturas mentais



Fonte: De autoria própria a partir de van Dijk (2009).

A memória, segundo o autor, é dividida em duas: a de longo prazo (LTM), fornece as estruturas semânticas relacionadas a um modelo de situação subjacente no EM (Memória episódica); e a de trabalho (WM), denominada de curto prazo, contribui para que entendamos um texto ou uma conversa, apoiados na análise e na interpretação.

A LTM se divide em duas: 1) Memória Episódica (EM) em ficam armazenadas as lembranças de experiências e conhecimentos autobiográficos; 2) Memória Semântica (SM) armazenam-se os conhecimentos, atitudes e ideologias mais gerais, compartilhados socialmente.

4.5.1 Representação Social

Apesar de haver muitos trabalhos escritos sobre Representação social, pouco se sabe acerca do funcionamento das estruturas mentais, que regem a produção do discurso (VAN DJIK, 2017). A expressão “Representação social” foi incorporada da Psicologia Social pelos Estudos Críticos do Discurso, de vertente sociocognitiva.

O termo foi conceituado como um modelo mental e cognição social, é apreendido culturalmente, por meio da interação social. Em suma, é forma pelo qual individual ou coletivamente se concebe aquilo que o outro grupo é (VAN DJIK, 2017). Os conhecimentos formam a base para que um ator social ou um grupo represente. O outro é, na maioria das vezes, diferente daquele que tem de si. Por esse motivo, é coerente afirmar que as representações sociais de um grupo social são divergentes e estereotipadas em relação aos demais grupos. Por isso, frequentemente observamos pessoas ou grupos em atitude de enfrentamento entre si.

A representação social é comparada a uma imagem sociocognitiva-discursiva, que um ator social ou grupo tem de si e do outro. Essa é uma condição imprescindível para que um indivíduo seja aceito por um grupo e permaneça nele.

Tomazi e Natale (2018) e Tomazi (2019) fazem uma relação pragmático-discursiva que para explicar como as representações sociais acontecem. As autoras buscam um estreitamento entre as teorias de Goffman (1980, 2011), que introduziu os conceitos de face positiva e negativa; e van Dijk (2012) que apresenta as diferenças do uso da linguagem polida como modelos de contexto ou modelos mentais, fruto de uma construção sociocognitiva e adquirida por meio da interação.

Nesse sentido, Goffman (1980) salienta que o termo “face” está relacionado à autoimagem que os indivíduos fazem de si ou o “Valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser uma linha por ela tomada durante um contato específico” (p.77).

A imagem que o indivíduo constrói de si mesmo será associada a diversas situações de interação na vida cotidiana, manifesta-se nas habilidades que desempenha e nas condutas, tais como o tato, a polidez e a diplomacia. Goffman (2011), ao estudar os rituais de interação, quando um indivíduo está diante do outro, emprega um esforço para preservar sua face ou a imagem positiva que faz de si. Segundo o autor, essa é uma condição primordial para que a interação aconteça e, ao mesmo tempo, sirva como elemento de autorregulação que a equilibra. Um dos elementos que promove isso é a polidez, que ajuda a evitar ou a contornar a ameaça à face.

Goffman (2011) apresenta seis aspectos que mantêm ou ameaça a face, são eles: ofensas, insultos, gafes, dignidade, honra e orgulho. Tais elementos, por estarem

ligados a convenções sociais de cada sociedade, diferenciam-se de uma para a outra. Nessa perspectiva, a fim de preservar a face, observa-se uma dupla orientação, que é uma via de mão dupla: a primeira é a face defensiva, ação empregada pelo indivíduo como uma forma de defender sua própria face; a segunda é a face protetora, ação empregada pelo indivíduo para defender a face do outro, utilizando, para isso, o respeito, à polidez, à discrição e à cortesia.

O estudo da face seguiu desse percurso, com as primeiras pesquisas microsociológicas das interações sociais, de Goffman (1980), e, mais recentemente, com van Dijk (2012), nos Estudos Críticos do Discurso.

van Dijk (2012) propõe uma abordagem sociocognitiva, mostra que, no processo de interação social, os atores sociais fazem muito mais do que se comunicar. Portanto, ao produzir textos orais ou escritos, pensam, atribuem sentimentos, posicionamentos ideológicos etc., de modo que mobilizam um complexo aparato cognitivo. Nesse sentido, se admitirmos que o contexto influencia a produção dos discursos, no sentido de indicar aos participantes as condições socioculturais ideais para que os produzam com eficiência, tratamos, então, de em uma pragmática do discurso.

Ao ensejar uma proposição do contexto multidisciplinar, estabelece as funções pragmáticas como modelo de contexto “uma teoria do contexto vem a ser um dos objetos de uma abordagem pragmática do discurso” (VAN DIJK, 2012, p. 37). Nesse ponto vista sobre a pragmática do discurso, mostra que, nas interações sociais, a defesa da face (imagem social) varia em relação à cultura, à idade, ao gênero e à etnia.

Nesse caso, não há um padrão quanto ao uso da polidez e, por isso, dependendo de parâmetros contextuais, ou seja, homens e mulheres sejam jovens, adultos ou idosos utilizam expressões mais ou menos polidas para protegerem as suas faces ou quando são ameaçadas pelo outro. Da mesma forma, dependendo da profissão, ambos os gêneros aproveitam atitudes e discursos um tanto parecidos.

Alicerçado nesses estudos sobre a face, van Dijk (2012) a aproximou dos Estudos Críticos do Discurso, mostrando que, nas interações sociais, os participantes ou

atores sociais protegem a suas faces em detrimento com a do outro. Isso, revela abusos de poder.

Os discursos dos atores sociais fazem parte de uma macroestrutura social, cuja ideologia se constitui como um tipo de representação social. Nesse sentido, a ideologia compõe um conjunto de crenças, socialmente partilhadas, que controlam o discurso e as práticas sociais. Para van Dijk (1988), representa o que somos, o que acreditamos, nossos valores, nossas relações com outros grupos contrários ao que defendemos, produzindo, assim, um esquema opositivo entre o NÓS *versus* ELES.

O conflito discursivo entre grupos dispõe de uma base fundamental, que é a representação social que um faz em relação ao outro: enquanto um (auto-apresentação positiva do NÓS) é representado positivamente o outro (outra-apresentação negativa do ELES) negativamente.

Independentemente da cognição pessoal e social pareçam processos distintos, estão interligadas em seu funcionamento. Sendo assim, a cognição pessoal está diretamente ligada à forma como os membros da sociedade, individualmente, produzem e, ao mesmo tempo, compreendem o discurso.

A produção discursiva individual, como processo cognitivo, baseia-se em representações sociais compartilhadas pelos indivíduos, inseridos em grupos sociais, ou seja, na coletividade. Isso ocorre porque as representações sociais, quando são ativadas e utilizadas por um ator social, precisam ser adequadas e adaptadas por ele às situações que, frequentemente, modificam-se a um nível de interação praticada coletivamente. Por conseguinte, as representações sociais de um indivíduo, quando posta nas interações sociais, são adquiridas e tendem a se modificar e a serem reproduzidas.

4.6 SOCIEDADE

O termo “Sociedade” inclui as microestruturas locais de interação face a face e as macroestruturas globais sociais, políticas, definidas em termo de grupos e as relações de poder entre eles – dominação e desigualdade –, movimentos instituições, organizações, processos sociais, sistemas políticos, propriedades mais

abstratas das sociedades e cultura (VAN DIJK, 2017). Em outras palavras, na sociedade, os indivíduos e membros de grupos interagem, travando relações de poder, por meio da interface cognitiva, com o qual organizam o discurso e o interpretam ao mesmo tempo.

As relações entre atores sociais e grupos sociais acontecem no contexto social em que os conhecimentos, as crenças, os valores e as atitudes são compartilhados e apreendidos culturalmente. Ademais, são repassados de pai para filho, que moldam seus discursos e comportamentos a grupos específicos e passam a agir de acordo com a ideologia que professam.

4.7 CONTEXTO COMO MODELO MENTAL

Acerca da concepção de contexto no ECD, Charaudeau e Maingueneau (2016) assinalam que Teun A. van Dijk deixou pouco a pouco uma concepção estática de contexto, em favor de uma concepção mais dinâmica. Nesse sentido, Koch, Morato e Bentes (2011), estudiosas da Linguística Textual, detalham como isso ocorreu. Segundo as autoras, os estudos sobre contexto, publicados por Malinowski (1923), são o fio condutor para vários estudiosos da linguagem.

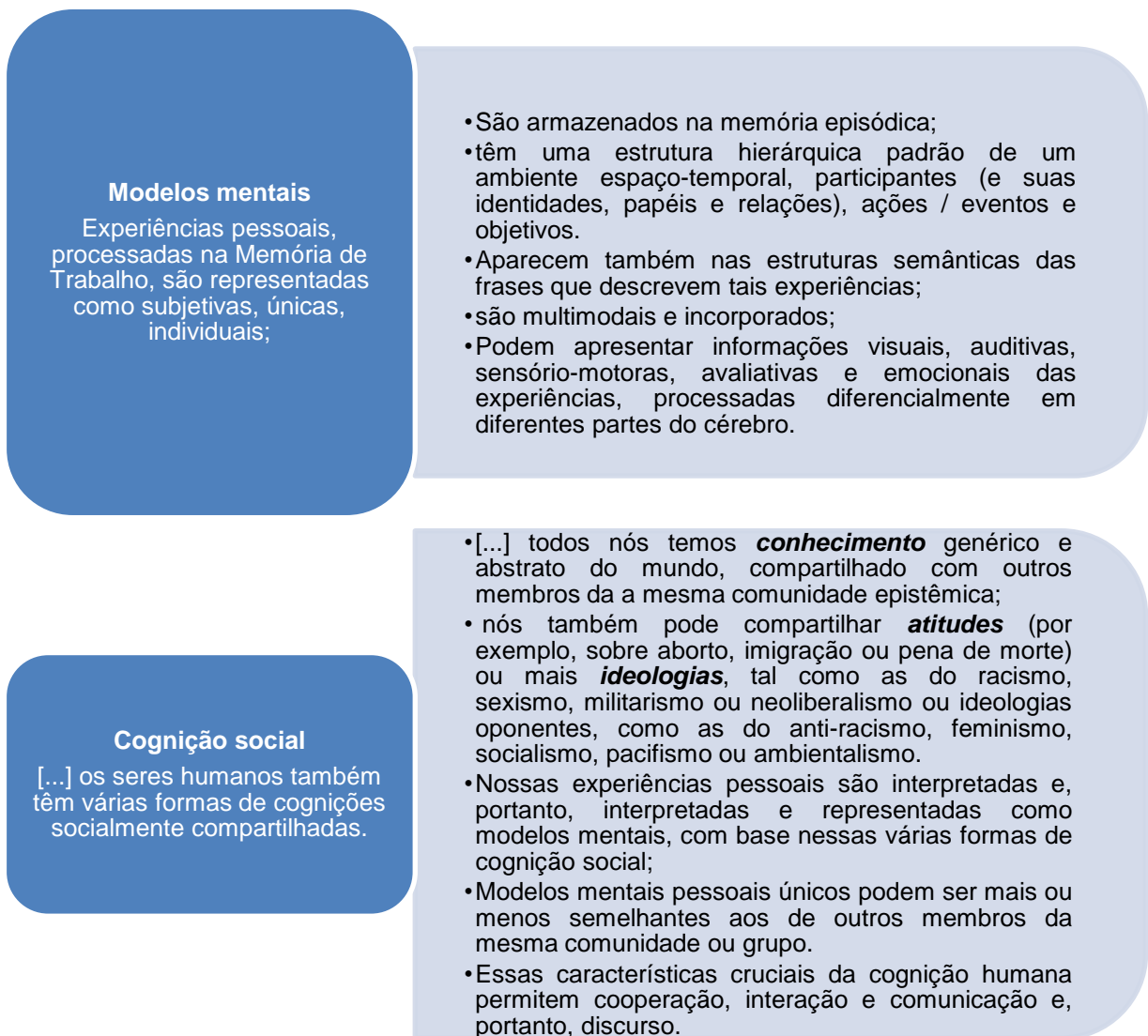
A noção evoluiu da seguinte forma: contexto verbal (contexto) → situação comunicativa → sociocultural. Teun A. van Dijk, nos anos 70/80, passou a estudar os aspectos sociocognitivos na linguagem, tornando o contexto como tema central. Com isso, em 1997, passou a utilizar a expressão “modelo de contexto”, como meio de análise. Em 2008, revisou sua obra, utilizando a noção de cognição social e de discurso, da qual surgiu o conceito de “cognição social, situada e multimodal”.

O uso dos conceitos apresentados propiciou aspectos vantajosos para a análise textual. Uma delas é a construção e a organização da experiência humana, fazendo uso de *scripts*, molduras, esquemas, *frames* conceituais etc. Todavia, Morato (2010) afirma que esses modelos não tratam da mesma coisa; inclinação menos psicológica e mais, claramente, sociocognitiva; articulação de aspectos macro e micro.

van Dijk (2012) traz a concepção do contexto como modelo mental, único e subjetivo, oriundo de intercâmbios discursivos ocorridos em eventos comunicativos. Em conformidade com o postulado, no contexto social, interativo e cultural, vivemos inúmeras experiências interpretadas de forma pessoal, são essas interpretações que denominamos de modelos mentais. As experiências são acumuladas, ao longo da vida, de modo a formar uma “autobiografia mental”, segundo van Dijk (2012, p. 94).

Esquemáticamente, os modelos foram sintetizados desta forma:

Figura 10 – Modelos mentais e Cognição social



Fonte: De autoria própria a partir de van Dijk (2012).

Apesar de tratarmos de modelo mental (cognição pessoal), apresentamo-lo no esquema, assim como a cognição social, pois a entendemos como ciência do funcionamento, em conjunto dessas duas entidades no processamento discursivo. As experiências pessoais partem da microestrutura social e tendem a se tornar mais globais ou macroestruturais.

Nesse sentido, observamos, no esquema, a diferença entre os modelos mentais (dizem respeito aos modelos e representações compartilhadas coletivamente) e a cognição social (modelos e representações individuais ou subjetivas).

Em primeiro lugar, os modelos mentais (cognição pessoal) são representados na memória episódica (EM) dos interlocutores e, caracterizados por van Dijk (2012), é um elemento que organiza as experiências diárias, formando esquemas úteis que facilitam a compreensão dos discursos, bem como a recuperação dos modelos mentais anteriores a ele. São úteis, pois não nos lembramos de todos os modelos mentais após um longo tempo, só lembramos dos que foram fruto de experiências marcantes.

Os modelos se formam a partir das representações mentais de estruturas e situações sociais, que, por sua vez, estão condicionadas à seleção de modelos mentais com maior grau de importância, dotados de propriedades que permitem controlar a produção e a interpretação do discurso.

No processamento do discurso, estão envolvidos vários tipos de modelos mentais, tais como: modelos de situação, modelos de contexto, modelos de experiências etc. Apresentamos, assim, dois desses, com o objetivo de melhor esclarecer a função dos modelos mentais.

Os modelos de situação, ou semânticos, são responsáveis, cognitivamente, por nos ajudar a explicar como um indivíduo, ao interagir com outros, por meio da leitura ou da fala, compreende os discursos que são colocados em jogo. Essa compreensão ocorre, porque, quando estamos diante de interações comunicativas, ativamos e recuperamos modelos de situação, reconstruindo o evento de que o discurso trata (VAN DIJK, 2012; 2016).

Esse tipo de modelo é de caráter mais geral e é notado, por exemplo, na ativação e na construção de um modelo mental de um evento, podendo conter um cenário,

espaço, tempo, participantes variados, papéis e as relações entre os participantes, às intenções e objetivos deles e a ação que está em andamento. Essas são noções sociais e culturais, que adquirimos com experiências e que nos permitem construir modelos para compreender os discursos.

Os modelos de contexto, como estão subentendidos, correspondem a modelos mentais pragmáticos e, portanto, estão ligados ao momento em que ocorrem as interações. São úteis, dado que, quando os atores sociais constroem os modelos de situação para adequar os discursos aos assuntos propostos, precisam “modelar a si próprios e também aos aspectos da situação comunicativa em que estão envolvidos no momento” da interação (VAN DIJK, 2012, p. 92). Em outras palavras, os modelos de contexto são específicos, se comparado aos de situação.

van Dijk (2016) acrescenta que, para isso, estão envolvidos, no processo discursivo, os dêiticos, que indicam, com precisão, os participantes, tempo e espaço, como também as condições adequadas dos atos de fala. Ademais, para o autor o principal papel dos modelos de contexto é a forma como os indivíduos acomodam os discursos no momento das interações comunicativas.

No processo discursivo, os modelos de situação (semânticos) e os modelos de contexto (pragmáticos) se sobrepõem a esse processo, além de representarem a interface cognitiva entre eles e o ambiente sociocultural em que estão inscritos os indivíduos que interagem nele (VAN DIJK, 2016).

Em segundo lugar, tratamos sobre a cognição social, que está ligada ao conhecimento sociocultural, às atitudes e às ideologias. Pelo uso dessa cognição, não concebemos os participantes de um evento comunicativo como simples indivíduos, mas, sim, como atores sociais. Com efeito, fazem parte de distintos grupos na sociedade, dos quais van Dijk (2016, p. 14) aponta: “linguísticos, epistêmicos e comunidades sociais, grupos sociais, instituições e organizações”.

A cognição social diz respeito a um conhecimento socialmente compartilhado entre os atores sociais e os membros dos grupos coletivamente. Neste interim, estão internalizadas certas informações esquemáticas, que os permitem compreender as situações e o mundo que os rodeia. van Dijk (2016), ao exemplificar os eventos de

um assalto a banco, expõe que, somente compreenderemos uma ocorrência como essa, se soubermos o que é um banco, dinheiro, assaltantes e as ações realizadas.

Do mesmo modo, coletivamente há um conhecimento que forma esquemas mentais, que levam os atores sociais a representar as plantas, os animais, os seres humanos e até grupos sociais. O autor explica que os conhecimentos esquemáticos compartilhados são construídos por: generalizações e abstrações de modelos mentais derivados, especificamente do discurso público, normalmente advindo das mídias; com base na cognição de gêneros e estruturas discursivas, tais como os pedagógicos, expositivos e argumentativos.

Nos modelos mentais, apresentam-se as opiniões dos atores sociais e são construídas somente baseadas no conhecimento sociocultural, mas também no modo como os grupos sociais representam as avaliações sobre os assuntos, que, na maioria das vezes, são polêmicos, tais como: “nossas atitudes a respeito de imigração, aborto, casamento homossexual, o livre mercado ou guerras” (VAN DIJK, 2016, p. 15).

As opiniões, oriundas de modelos mentais, levam os grupos sociais a certas atitudes ou *modus operandi* de cada um, são essencialmente socioculturais e partilhados entre eles. Posto isso, cada grupo social apresenta sua identidade, suas ações, normas e valores, ou seja, representam o poder institucionalizado para a reprodução desses modelos mentais.

Destarte, são as atitudes que formam a base das relações entre os grupos sociais e o modo como representam um ao outro, que, de certa forma, é preconceituosa e está presente, por exemplo, no discurso racista, machista e homofóbico. Os discursos e outras práticas estão diretamente ligados à produção e reprodução de estruturas tanto de dominação quanto de resistência (VAN DIJK, 2016).

As atitudes, socialmente compartilhadas entre os membros de grupos sociais, permitem que possam inferir sobre as cognições dos outros, contribuindo para que coloquem, em prática, ações, a fim de alcançarem objetivos propostos (VAN DIJK, 2016). Dessa forma, o discurso androcêntrico, praticado pelas mídias, não é feito individualmente. Mas, sim, coletivamente pelos membros do grupo masculino, com a

finalidade de minimizar, de discriminar e de estigmatizar a imagem das mulheres no âmbito social.

5. PARÂMETROS METODOLÓGICOS

5.1 METODOLOGIA

O Jornal *A Tribuna* é um veículo de informação tradicional no Espírito Santo, com quase 83 anos no mercado capixaba. Apesar de as notícias serem divulgadas também em meio digital, o formato impresso continua com boa aceitação entre os capixabas, atendendo a várias classes sociais. Segundo as pesquisas realizadas pelas empresas Instituto de Opiniões Públicas e Estatísticas (IBOPE), Marketing e Planejamento (MARPLAN) e Instituto Verificador de Circulação (IVC) o jornal é líder em circulação no Estado.

A pesquisa do *corpus* foi realizada diretamente no site do Jornal *A Tribuna*²⁶. Nele, é possível fazer *download* das páginas no formato *PDF*. As crônicas, objeto de estudo, foram escritas pelo jornalista Pedro Maia[†] (1949-2014), responsável pela seção “Cidade Aberta”. A escolha feita pelas crônicas se deve por serem uma das únicas crônicas do jornal *A Tribuna*, que relatava e opinava sobre o dia a dia dos acontecimentos da Grande Vitória, contando, até mesmo, fatos inusitados e curiosos que não eram noticiados nos jornais.

Os assuntos abordados pelo escritor foram os mais variados, sendo as mulheres um assunto apresentado com frequência nas crônicas. De acordo com Dalmásio (2003), essa característica de Pedro Maia constituiu a coluna mais lida no editorial de opinião.

Como a crônica é um gênero jornalístico opinativo, a coluna “Cidade aberta”, de Pedro Maia, está entre a página de Opinião “Qual é a bronca?” e as cartas de solicitação, enviadas pelos leitores. A página em que está a coluna de Pedro Maia fica junto com a charge do dia e a “A Tribuna nas ruas”. A localização e a configuração mostram a proximidade do autor com o povo, que busca ir além da notícia e da opinião, chegando ao entretenimento.

Para a coleta de material de análise, adotamos os seguintes passos: o *corpus* coletado é composto de crônicas capixabas publicadas no jornal *A Tribuna* entre 2002 a 2014. Pedro Maia escreve para a coluna “Cidade Aberta” desde a década de

²⁶ <http://pdf.redtribuna.com.br/>

80. Contudo, somente foi possível pesquisar as crônicas a partir do ano de 2002 no site do jornal. O procedimento de coletar o material no formato on-line ocorreu devido ao isolamento social, imposto pelo poder público por causa da pandemia da Covid-19. Com isso, as redações dos jornais, as bibliotecas públicas e o Arquivo Público Estadual do Espírito Santo foram fechados, não permitindo, assim, pesquisas.

Inicialmente, supomos que uma pesquisa nesse período traria um número grande de crônicas. Por isso, especificamos a busca em datas comemorativas como: o dia Internacional da mulher, 08 de março; o dia das mães e das noivas, 08 de maio. Em outras palavras, separamos as datas em que mais é tratada sobre as mulheres. Adotamos o critério de que o assunto deveria ser “a mulher capixaba” ou, pelo menos, que tenha uma importância no texto.

Os critérios estabelecidos foram importantes, pois criaram as condições para que possamos analisar as crenças e opiniões do cronista sobre a mulher. Entretanto, apesar de termos encontrado no total 21 crônicas, apenas 05 atenderam o primeiro critério adotado.

Como esse número foi considerado insuficiente, expandimos a pesquisa, analisando as edições diárias do jornal ainda nos meses de março e maio. Nessa nova busca, verificamos 33 crônicas que se enquadram no critério estabelecido inicialmente. Dando continuidade, analisamos as crônicas que continham crenças, opiniões ou preconceitos androcêntricos. Ao aplicarmos esses critérios, separamos um total de 16 crônicas. Destas, ao verificarmos as que mais salientavam as crenças, opiniões ou preconceitos, escolhemos 7. Ao buscarmos uma maior precisão nas análises, especificamos ainda mais essa quantidade, estabelecendo o período de 2002 a 2014.

Diante desse recorte datado, escolhemos as que, com mais crenças, opiniões ou preconceitos androcêntricos, representassem todo o *corpus* na análise. Assim, selecionamos 3 crônicas entre os anos de 2002, 2005 e 2009. Não analisamos além de 2009, porque, nos meses dedicados às mulheres, algumas crônicas foram republicadas.

Depois do procedimento de coleta do *corpus*, iniciamos a análise qualitativa e interpretativa dos textos, trabalhando manualmente, uma vez que não representa um *corpus* extenso. Para isso, utilizamos o método exposto por van Dijk (2021), o qual propõe a escolha de um *corpus* em que se possa empreender uma análise sociocognitiva; após o estudo do *corpus*, elegemos categorias para cada aresta do triângulo discurso-cognição-sociedade, como fizemos adiante no Quadro 01. Escolhidas as categorias, analisamos o *corpus*, estudando detalhadamente a estrutura do discurso, as estruturas cognitivas e as estruturas sociais, auxiliado por elas.

Cada aspecto evidenciou formas de poder hegemônico, utilizadas por grupos sociais proeminentes para oprimir outros grupos sem expressividade. Com as análises das estruturas, a partir das categorias elencadas, evidenciamos não somente como os discursos de grupos hegemônicos se ocupam na reprodução do poder, mas também as formas de resistência contra eles.

5.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Neste tópico, apresentamos resumidamente, no Quadro 04, as categorias com as quais analisamos o *corpus*:

Quadro 4 – Categorias para análise sociocognitiva

DISCURSO (Nível micro)	COGNIÇÃO (Nível Macro)	SOCIEDADE (Nível macro)
Léxico e sintagmas nominais	Representação social	Grupos sociais
Referenciação anafórica e dêitica	Participantes	Atores sociais
Figuras retóricas		
Superestrutura argumentativa		
Macroestrutura (macroproposições /tópicos e temas)		

Fonte: De autoria própria.

1) Discurso

Léxico e sintagmas nominais: para van Dijk (2012), a escolha do léxico, no processo discursivo, é definida a partir do significado expresso pelo modelo de contexto intrínseco a cada ator social. Isso ocorre como uma estratégia geral ou por opção a uma palavra que expresse o significado mais próximo ao modelo de evento. Há algumas formas de condicionamento contextual que influenciam na escolha do léxico: tipo de situação, variações regionais/dialetais, identidade social e estereótipo, usos especializados *versus* não especializados, posição social, relações sociais, avaliações, emoções do falante, ideologia, conhecimento, tipo de atividade e objetivos.

Em geral, em relação ao ator social, as palavras no discurso expressam a “identidade social, suas relações, sua adaptação, seu estado de espírito, suas emoções, suas opiniões e atitudes, seus propósitos, seu conhecimento e os tipos de situação (in)formal ou institucionais em que estão falando ou escrevendo” (VAN DIJK, 2012, p. 283).

Referenciação anafórica e dêitica: na vertente sociocognitiva, de van Dijk (2009), observamos que existe uma relação entre a cognição social (modelos mentais socialmente partilhados, como: conhecimentos, atitudes e ideologias etc.), e os processos de referenciação, na medida em que também resultam de uma visão sociocognitiva e interacionalista. Tendo em vista essa semelhança, Silva, Cavalcante e Brito (2015) sintetizam alguns aspectos da referenciação, que convergem com a perspectiva de van Dijk (2009):

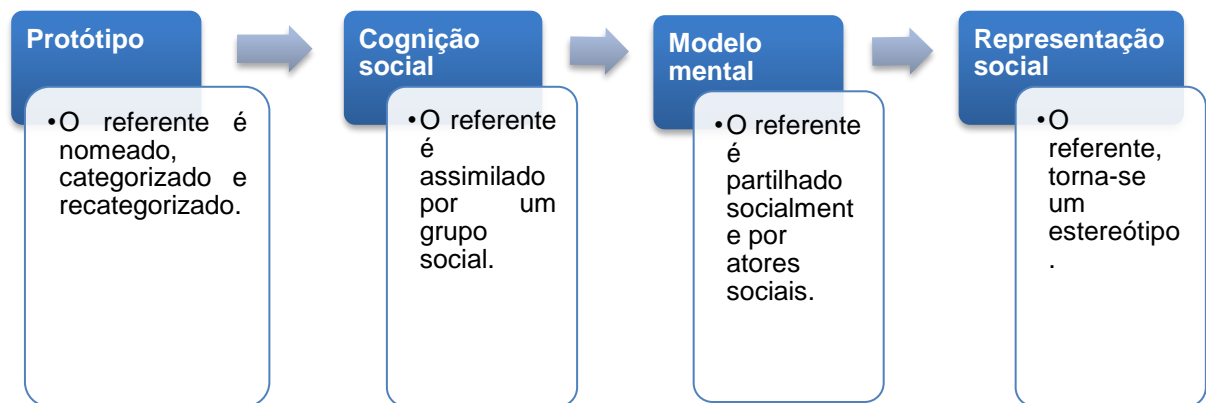
- a) Os referentes são categorias cognitivo-discursivas.
- b) Os referentes gozam de instabilidade.
- c) Os referentes não são significações, mas comportam significados.
- d) Os referentes são construtos sociais que podem ser recategorizados.
- e) “a referência é um processo em que não se pode separar completamente o que é linguístico do que não é” (CIULLA E SILVA, 2008, p. 17 *apud* SILVA, CAVALCANTE e BRITO, 2015, p. 280) (SILVA, CAVALCANTE e BRITO, 2015, p. 280).

Silva, Cavalcante e Brito (2015), ao explorarem pontos de convergência entre a referenciação e os ECD, explicam que, assim como a proposta de van Dijk (2009),

fundamentam-se nas representações sociais de grupos e objetos, os elementos linguísticos referenciais fornecem subsídios para essas representações, além de serem também fruto de uma construção cultural dos grupos sociais.

O referente, na perspectiva sociodiscursiva dos Estudos Críticos do Discurso, de acordo com Silva, Cavalcante e Brito (2015), é parte de um processo descrito na Figura 11 adiante:

Figura 11 – Evolução do referente anafórico de acordo com os estudos de Silva, Cavalcante e Brito (2015)



Fonte: Formulado a partir dos estudos de Silva, Cavalcante e Brito (2015).

Esse processo funciona da seguinte forma: no princípio, como protótipo, o referente é nomeado, categorizado e recategorizado. Em seguida, é partilhado socialmente por inúmeros atores sociais e, por fim, é assimilado por grupos sociais. No último momento, o referente evolui para uma representação coletiva, que constitui o estereótipo.

Os autores, ainda, asseguram que, no processo de referenciação, a “[...] introdução referencial, a anáfora e a dêixis são instrumentalizadores para o desvelar de um discurso orientado para a dominação de grupos sociais, **perspectiva** característica dos ECD” (SILVA, CAVALCANTE e BRITO, 2015, p. 277 – Grifos nossos).

Assim como na referenciação anafórica, na referenciação dêítica os referentes são frutos de modelos mentais e de cognições sociais, que se estabelecem pelo compartilhamento de crenças e opiniões por atores sociais. No momento em que

acontecem as interações discursivas, os atores sociais utilizam um tipo de modelo mental, que são os modelos de contexto ou modelos mentais pragmáticos, nos quais os dêiticos são instrumentos de adequação discursiva. Nesse processo de interação, van Dijk (2016) acrescenta que os dêiticos indicam, com exatidão, os participantes, o tempo e o espaço. A análise desses elementos evidencia as práticas de grupos dominantes.

Reservamos, na análise da dêixis de pessoa, não a identificação dos pronomes pessoais e as pessoas do discurso, como se faz tradicionalmente. Mas, seguindo a proposta de van Dijk (2012), dentro do contexto de cada crônica. Sendo assim, apontamos os participantes, o grupo social de que fazem parte e suas relações. Com isso, em cada crônica, observamos uma polarização entre dois grupos sociais envolvidos: dos homens e das mulheres.

“Os dêiticos temporais situam os acontecimentos e o locutor num ‘lugar’ temporal” (SILVA, CAVALCANTE e BRITO, 2015. p. 284). O “lugar” temporal, destacado por esses autores, equivale à expressão “dimensão temporal do contexto”, empregada por van Dijk (2012), isto é, diz respeito ao instante em que o discurso é produzido, seja no passado ou no futuro.

Os eventos que foram relatados no passado exigem que os leitores façam uma interpretação, recuperando modelos mentais do momento em que ocorreu o fato, além de levar em consideração as características do autor do texto (VAN DIJK, 2012). O mesmo se aplica a relatos de eventos situados no futuro (VAN DIJK, 2012, p. 250). O autor acrescenta que a mídia, imbuída de um discurso de grupos dominantes, costuma utilizar dêiticos temporais como, por exemplo, “moderno” e “antiquado” para desqualificar atores sociais, bem como sua cultura, desconsiderando a identidade e a ideologia deles.

Silva, Cavalcante e Brito (2015) mostram que os dêiticos espaciais medeiam relações de distância entre o locutor e um dado objeto do discurso; já a dêixis social particulariza a pessoa, evidenciando o *status* dos atores sociais no discurso. Normalmente, os pronomes de tratamento apontam a posição social entre os participantes do discurso.

Incluimos nessa categoria os vocativos, que são elementos sintáticos. Mas, não fazem referência a uma pessoa específica no nível semântico da frase²⁷. Nesse sentido, admitimos que a função dos vocativos é pragmático-discursivo, porque apontam, diretamente, a pessoa no contexto do evento discursivo. Além disso, na relação entre os atores sociais, evidenciam a predominância de um sobre o outro, por meio da posição social que exercem no discurso.

Figuras retóricas: observando o uso, muitas vezes, ingênuo das figuras retóricas no discurso para realçar aquilo que se quer dizer, com o objetivo de convencer a alguém, van Dijk (2012) os trouxe para os ECD. O intuito do autor é mostrar que são utilizadas em discursos formais e informais. Contudo, estão presentes nos níveis fonológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos e funcionam com o objetivo de persuadir, marcam polarização ideológica, que inclui grupos e exclui outros menos favorecidos. Dessa forma, mais especificamente, as figuras retóricas evidenciam as intenções interacionais e comunicativas dos atores sociais.

O realce semântico que proporcionam ao discurso corresponde à maneira como um ator social representa as coisas no modelo de evento. Por exemplo, a Hipérbole e o Eufemismo são utilizados para exagerar significados positivos de um grupo social ou atenuar significados negativos. De forma contrária, para exagerar significados negativos de um grupo ou atenuar significados positivos desse mesmo grupo (VAN DIJK, 2012).

De acordo com Lakoff e Mark (2002), na tradição retórica, a metáfora tinha a função de realçar a linguagem no discurso poético e persuasivo. Contudo, atualmente, os estudiosos da cognição atribuíram um novo *status* à Metáfora, entendida, agora, como o resultado de uma construção mental, incorporada a partir da percepção sensorial com o mundo. Da mesma forma, van Dijk (2012) concebe a metáfora como uma importante categoria para que os atores sociais construam seus discursos, a partir dos condicionamentos contextuais.

A partir dos usos metafóricos, um participante identifica, culturalmente, o outro, dependendo do gênero, classe ou etnia. Por exemplo, muitas metáforas conceituais

²⁷ Essa foi a mesma conclusão que chegou Lahud (1979), em sua tese, ao realizar um estudo arqueológico sobre a dêixis desde a concepção clássica dos gramáticos de *Port Royal*, até a linguística moderna. Com esse estudo, o autor observou que a dêixis, ao ser empregada por alguém, não remete a uma pessoa no nível semântico da frase, mas no contexto pragmático.

são usadas em relação ao temperamento das mulheres: “Ela é uma jararaca, serpente ou víbora”. Em relação às mulheres como objeto: “Ela é uma geladeira, bonequinha ou tesouro”.

Superestrutura argumentativa: as superestruturas são esquemas de textos narrativos, argumentativos etc. convencionados, são internalizados pelos usuários da língua, com o objetivo de facilitar as produções de texto escritos ou orais (VAN DIJK, 1978, 2012).

Macroestrutura (macroproposições/tópicos e temas): segundo van Dijk (2017), as macroestruturas semânticas derivam das microestruturas, são uma estratégia utilizada pelos atores sociais para memorizar o significado do discurso, resumindo-o em tópicos. Estes, por sua vez, são resumidos em macroproposições globais, de nível mais alto. Essa estratégia permite aos interlocutores controlar o discurso, uma vez que os tópicos globais não somente organizam o que foi dito no discurso, mas também favorecem a continuidade dele.

2) Cognição

“Representações sociais”: em termos de categoria, a expressão é utilizada pelas diversas ciências sociais, sob conceitos variados (VAN DIJK, 1988; 2017). Por exemplo, da psicologia social, em que Moscovici (1978) a utiliza de forma mais genérica. Contudo, de maneira específica, as “Representações sociais” (RS) são crenças, imagens, autoimagem e ideologias socialmente partilhadas por grupos organizados (VAN DIJK, 1998, 2017). Em outras palavras, é a maneira ou a forma como os grupos se identificam ou se reconhecem e como se identificam e reconhecem o outro.

Participantes: são considerados parte do esquema de modelo de contexto, interagem nos eventos, produzindo e interpretando os discursos (VAN DIJK, 2012).

3) Sociedade

Grupo social: segundo van Dijk (1988), são formações sociais que comungam da mesma ideologia, condição essencial para que existam e com a finalidade de que seus membros sejam aceitos. Podemos, ainda, destacar que há grupos sociais dominantes e outros grupos sociais dominados.

Atores sociais: esse conceito designa os falantes, escritor/ouvinte e leitor que não são simples indivíduos, mas pessoas identificadas com um determinado grupo social (VAN DIJK, 2016).

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Primeiramente, apresentaremos o jornalista Pedro da Silva Maia ou, popularmente conhecido, Pedro Maia, nasceu em 1950, no Rio de Janeiro. Aos 10 anos de idade, veio para o Espírito Santo morar em Jardim América, Cariacica. Iniciou aos 16 anos de idade sua carreira no Jornal *O Diário*, em 1956. Casou-se em 1963. Em 1967, tornou-se correspondente de *O Dia* e, em 1969, foi repórter de *A Tribuna*. Em 1974, foi promovido para repórter especial de *A Tribuna*. Contudo, o maior sucesso de Pedro Maia foi a coluna “Janela Aberta”, que foi levada para o rádio.

No jornal *A Tribuna*, até 2014, há diversos textos significativos do jornalista. Segundo Dalmásio (2003), em uma enquete realizada, constatou-se que:

[...] depois da seção Cartas, a coluna mais lida de *A Tribuna* é Janela Aberta, assinada por Pedro Maia. É um espaço no qual ele, sem meias palavras, comenta, sugere, crítica e opina sobre os mais diversos aspectos que afetam a vida do cidadão capixaba. Vez por outra, relata antigos e curiosos casos de polícia (DALMÁSIO, 2003, p. 06).

Ao observarmos a experiência de Pedro Maia no jornalismo capixaba, é impossível não reconhecer sua importância no desenvolvimento da imprensa no Espírito Santo e, também, no país.

Em 1981, o jornalista conquistou primeiro lugar no prêmio de dramaturgia no Espírito Santo, com a obra intitulada “Ressurreição de Queimados”. Nela, satiriza o fato de a Insurreição de Queimados – revolta dos escravos, ocorrida em 1849 – ocorrer no mesmo espaço em que, muitos anos depois, foi ocupado pela Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST).

Devido às inúmeras crônicas escritas no Jornal *A Tribuna*, na coluna “Cidade Aberta”, em 1995, por meio da Lei Ruben Braga, publicou um livro de crônicas selecionadas, intitulado *Cidade Aberta*. O escritor tem, ainda, uma obra póstuma, lançada, em 2015, um ano após seu falecimento, no Centro Cultural Sesc, intitulada *O caso Lena*. A obra trata da investigação realizada sobre o assassinato de Maria Helena Sabino. O livro foi organizado pelo jornalista Paulo Maia, seu irmão.

Pedro Maia morreu em 5 de fevereiro de 2014, aos 73 anos, em razão de uma falência múltipla de órgãos. Escreveu até seu último dia de vida, tendo assinado a coluna diária Cidade Aberta, do jornal *A Tribuna*, por pelo menos 33 anos.

6.1 ANÁLISE DAS CRÔNICAS: AUDÁCIA DAS MULHERES, DOCES FORTALEZAS E UM VIVA ÀS SOGRAS!!!

Léxico e sintagmas nominais

Utilizando as atribuições dos Estudos Críticos do Discurso de vertente sociocognitiva, Elhajji e Andrade (2012) discorrem sobre a importância de analisar os títulos dos textos jornalísticos, porque antecipam o assunto de tratam.

Frisamos a importância desse aspecto em relação às crônicas jornalísticas, já que, historicamente, foram constituídas no âmbito do texto jornalístico. Por exemplo, na coluna “Cidade aberta”, os títulos das crônicas, de Pedro Maia, estão diagramados sempre à esquerda e em caixa baixa. Porém, são destacados pelo tamanho da fonte, que é superior à usada para escrever o texto.

De 2010 em diante, notamos que os títulos foram centralizados acima do texto. Outra característica é que eles não contêm verbos, alguns iniciam com ou sem o artigo definido ou indefinido. Essa estratégia deixa a construção frasal incompleta, tendo por objetivo instigar o leitor a ler a crônica. Para além desses detalhes, ressaltamos que o título, também, funciona de modo cognitivo: abre o campo semântico, indica o que se pode esperar do texto, ou seja, o título ajuda o leitor a construir as referências, possibilitando a interpretação.

Nas três crônicas, cujos títulos estão descritos no Quadro 5 adiante, palavras como “mulheres”, “doces” e “sogra” indicam, semanticamente, que Pedro Maia escreve sobre as mulheres em datas comemorativas. Dessa forma, leva o leitor a considerar a possibilidade de o cronista homenageá-las. Em síntese, o título é uma apresentação sucinta sobre o assunto do texto.

As crônicas, que representam o *corpus*, visam homenagear as mulheres. Todavia, os títulos que as compõem trazem um tratamento negativo ou uma ironia. Sendo assim, adendamos que trazem consigo uma valoração implícita, que faz parte da

função ideológica. Com isso, funciona, também, por figurar qual é o ponto de vista do autor, Pedro Maia. Por conseguinte, mostra a representação social que o escritor faz das mulheres.

No Quadro 5, a seguir, expomos um resumo da análise desses títulos:

Quadro 5 – Considerações sobre os títulos das crônicas

TÍTULO	SIGNIFICAÇÃO DOS SINTAGMAS	CONSTRUÇÃO E EFEITO DE SENTIDO COM O TEXTO
“AUDÁCIA DAS MULHERES”	<ul style="list-style-type: none"> O título é formado por um sintagma nominal, cujo núcleo é “audácia”. Significa intrépida, insolente, atrevida, ousada e, até mesmo, abusada; pessoa inovadora, que se opõe aos padrões vigentes. <p>Esses sentidos do núcleo são atribuídos ao sintagma preposicional “das mulheres”, que está subordinado a eles.</p>	<p>O texto trata das mulheres que se opõem ao modelo androcêntrico, buscando superar o homem na sociedade e isso é considerado uma ameaça aos padrões masculinos.</p>
“DOCES FORTALEZAS”	<ul style="list-style-type: none"> O título é formado por um sintagma nominal, cujo núcleo é “fortalezas”, que, no sentido figurado, significa forte, seguro e firme. <p>Esse núcleo é antecedido pelo sintagma adjetival “Doces”, que, no sentido figurado, significa: meigo, amoroso, carinhoso, dócil, meiga, educada, carinhosa e obediente.</p>	<p>As mulheres capixabas são descritas por meio de paradoxo, são meigas e submissas. Mas, ao mesmo tempo, precisam ser fortes para dar conta do serviço de dona de casa e do mercado de trabalho.</p>
“UM VIVA ÀS SOGRAS!!!”	<ul style="list-style-type: none"> O título é formado por um sintagma nominal “Um viva”, tem como núcleo a palavra “viva”, que significa aplauso e alegria <p>Esse núcleo é precedido pelo sintagma preposicional “às sogras”, que está subordinado a ele.</p>	<p>O texto trata de uma ironia às mulheres, uma vez que homenageá-las, usando a figura pejorativa e estereotipada da sogra, é algo, em si, irônico.</p>

Fonte: De autoria própria.

Na crônica “Audácia das mulheres”, os significados do sintagma nominal “audácia” estão diretamente ligados ao sintagma preposicional “das mulheres”, o que nos leva a questionar: por que escrever “das mulheres” e não “de mulher”? Ao empregar

“das”, as mulheres são generalizadas. Contrariamente, caso usasse “de”, os sentidos de “audácia” seriam particularizados e não causariam o efeito pretendido.

Assim, em termos de construção e efeito de sentido, no título, no vocábulo “audácia”, ao contrário do que se possa pensar, elas não são exaltadas pela sua intrepidez na data comemorativa do Dia das Mães e das noivas. Por outro lado, sugere que vivem novos tempos ou novas perspectivas de vida, opõe-se aos padrões androcêntricos vigentes.

A crônica “Doces fortalezas” foi escrita para homenageá-las no Dia Internacional da Mulher. O título é formado por duas palavras: “doces” e “fortalezas”. “Doce” no sentido literal, como adjetivo masculino/feminino ou substantivo masculino. Culturalmente, significa qualquer iguaria temperada com açúcar ou mel. Diferente disso, o cronista utiliza o seguinte sentido abstrato, quando se vale do sintagma adjetival “doces”: as mulheres, que para ele são dóceis, meigas, educadas, carinhosas, obedientes e, portanto, uma pessoa delicada. Enquanto a palavra “fortalezas” é um sintagma nominal, que, no sentido literal, significa uma fortificação construída para a defesa ou uma pessoa dotada de força física. Contudo, o sentido que se aproxima da designação sobre elas é o figurado, que significa ter firmeza, solidez e segurança. Dessa forma, em termos de construção e efeito de sentido, as duas palavras formam uma expressão paradoxal, caracteriza as capixabas como portadora dessas qualidades contrárias.

No título da crônica “Um viva às sogras!!!”, o sintagma nominal “Um viva” significa aplauso e alegria, é destinado “às sogras”, não porque seja o dia da sogra, mas o Dia Internacional da Mulher. Por esse motivo, há uma referência de forma irônica, uma vez que a sogra representa uma figura emblemática na sociedade.

Diante dessas considerações iniciais dos títulos das crônicas, compreendemos a representação social das capixabas, que a instância masculina enfatiza. Contudo, ao analisarmos o léxico e o sintagma nominal no texto, evidenciamos, com maior propriedade, as escolhas lexicais manifestadas dos modelos mentais e de cognições sociais para nomear e qualificar as capixabas.

Com essa finalidade, apresentamos, a seguir, o Quadro 6, contendo o léxico e os sintagmas nominais encontrados no corpo do texto.

Quadro 6 – Léxico e sintagma nominal para a representação dos atores sociais homens e mulheres

CATEGORIAS	CRÔNICA	ENCONTRADOS SOBRE A MULHER	ENCONTRADOS SOBRE O HOMEM
LÉXICO E SINTAGMAS NOMINAIS	AUDÁCIA DAS MULHERES	<ul style="list-style-type: none"> • A eterna dona de casa • O sexo frágil • As descasadas • A cara-metade • Lebre abatida • Moça • Isabel • Meu benzinho • Meu amor • Você • Meu bem 	<ul style="list-style-type: none"> • O marido • Machão • Os homens • Os marmanjos • Cidadãos discretos • Come-quieto • Um amigo nosso • Um circunspecto executivo • Bem casado à moda antiga • Cidadão bem-casado • Seu cretino • Nosso amigo
	DOCES FORTALEZAS	<ul style="list-style-type: none"> • Julieta • Roxane • Ceci • Capitu • Marília • Anita • Zélia Gattai • Olga • Darcy Vargas • dona Santinha • dona Sarah • Eleonora • Eva Braun • Jacqueline • Luza Grimaldi • Maria Ortiz • a Virgem da Penha • Uma doce fortaleza • A Capixaba • Sexo frágil • Sexo forte 	<ul style="list-style-type: none"> • Romeu • Cyrano de Bergerac • Peri • Bentinho • Dirceu • Garibaldi • Jorge Amado • Luís Carlos Prestes • Getúlio • Dutra • Juscelino • Roosevelt • Hitler • Keneddy • Os marmanjos • Os capixabas • Sexo forte • Maridos chatos e prepotentes
	UM VIVA ÀS SOGRAS!!!	<ul style="list-style-type: none"> • Mulher • Adoráveis criaturas • O mundo feminino • Velha dos infernos • A peste da minha sogra • O diabo da velha • Aquela jararaca • A velha • O raio da sogra • Minha mulher • Uma santa criatura 	<ul style="list-style-type: none"> • Os homens • Pobre comerciante • Anacleto • Bom pai • Excelente chefe de família

Fonte: De autoria própria.

Nesse quadro, avaliamos elementos utilizados para se referirem à mulher e ao homem. Nas crônicas, a instância masculina representa as mulheres, através de modelos mentais e cognições sociais, manifestados na estrutura textual, por intermédio do léxico e de sintagmas nominais. Esses componentes linguísticos, ao serem incluídos no discurso pela elite simbólica e por atores sociais, evidenciam relações de oposição. Dessa forma, revela-se a opinião de um grupo social em relação ao outro. Vale ressaltar, que entendemos grupos sociais como os de homens e os de mulheres.

Na crônica intitulada “Audácia das mulheres”, “a eterna dona de casa” diz respeito ao espaço privado do lar, legado a elas na divisão social do trabalho²⁸; “o sexo frágil” é uma expressão estereotipada, vinculada a questões de ordem biológicas e emocionais, dessa maneira o autor busca inferiorizá-las²⁹; “as descasadas” fazem menção ao preconceito contra as separadas de seus cônjuges que, embora atualmente seja menor do que em décadas passadas, ainda não foi totalmente superado; “a cara-metade” é uma expressão que mostra o compromisso do marido com a esposa, mas que não atribui a devida seriedade; “lebre abatida” se refere à amante e, portanto, assinala a superioridade ou o domínio masculino, em detrimento à ingenuidade, à inferioridade, à insignificância feminina e à falta de humanidade por um processo de animalização.

Os léxicos e sintagmas nominais voltados para o homem denotam uma ideologia própria, que identifica o grupo social masculino. Alguns termos identificam o estado civil, como “O marido”; e outros o grupo social, como “os homens”. Há, ainda, os que exageram e enobrecem o orgulho e a condição masculina, como “Machão” e “os marmanjos”. Expressões lexicais, que demonstram a vida profissional e familiar do homem, como “um circunspecto executivo”; “bem casado à moda antiga”; “cidadão bem-casado”. Por outro lado, observamos expressões que fazem alusão ao comportamento antigo do homem em satisfazer os desejos sexuais com

²⁸ [...] a divisão social do trabalho, divisão bastante estrita das atividades distribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar na assembleia ou de mercado, reservado aos homens e a casa reservada às mulheres [...] (BOURDIEU, 2002, p. 09).

²⁹ Lembramo-nos de como na *Teoria do Androcentrismo*, Ward (1903) busca mostrar por meio de comprovação científica que a mulher é inferior ao homem fisicamente e cognitivamente.

meretrizes³⁰, como “cidadãos discretos”; “come-quieto”. Nas crônicas, é comum referências a um membro do grupo social masculino, como “um amigo nosso”; “nosso amigo”³¹.

Na crônica “Doces fortalezas”, é citado o nome próprio de mulheres companheiras dos homens justapostos: protagonistas da literatura inglesa, Julieta; do teatro francês, Roxane; da literatura brasileira, Ceci, Capitu e Marília – e outras que tiveram destaque na vida real – Anita, Zélia Gattai, Olga, Darcy Vargas, dona Santinha, dona Sarah, Eleonora, Eva Braun e Jacqueline. Acerca delas, é adaptado um antigo provérbio: “Não é novidade para ninguém o fato de todo homem contar ao seu lado com a figura de uma grande mulher”.

Por ser o Dia Internacional da Mulher, o autor procurou adequar o discurso a um nível aceito socialmente ao se referi-las como “uma grande mulher” e alguém que está “ao seu lado” (do homem). O modelo mental compartilhado se deu, porque, nessa data comemorativa, não seria aceitável socialmente uma frase de efeito contrária. Entretanto, diante dessa homenagem, deixa escapar uma cognição social, revelando as crenças do grupo social masculino sobre a mulher, no seguinte trecho: “[...] na sombra dos grandes homens há sempre a presença de uma mulher”. Portanto, notamos que, ao tratar de suas figuras na ficção, caracteriza-as como “grandes mulheres”, que estão lado a lado com homem, ou seja, ao adequar o argumento ao contexto de comemoração, procura representá-las de forma a fazer parecer que está em um patamar de igualdade ao homem. Porém, ao citá-las na vida real, a coloca “na sombra dos grandes homens”, isto é, em uma posição inferior ao homem.

Como o androcentrismo é estrutural e naturalizado na sociedade, o relato do autor na crônica é parte de um modelo mental, pois representa uma zombaria e uma ironia à mulher, ao mostrar que seu único lugar que se iguala ao homem é na ficção.

³⁰ O matrimônio tanto na Idade Clássica quanto na Idade Média eram negócios arranjados pelas famílias com o objetivo de perpetuar o poder. Por isso, Burns (1975) ao relatar esse assunto na Idade Clássica e Macedo (1990) na Idade Média, ambos mostram que era comum o marido obter o prazer sexual com meretrizes.

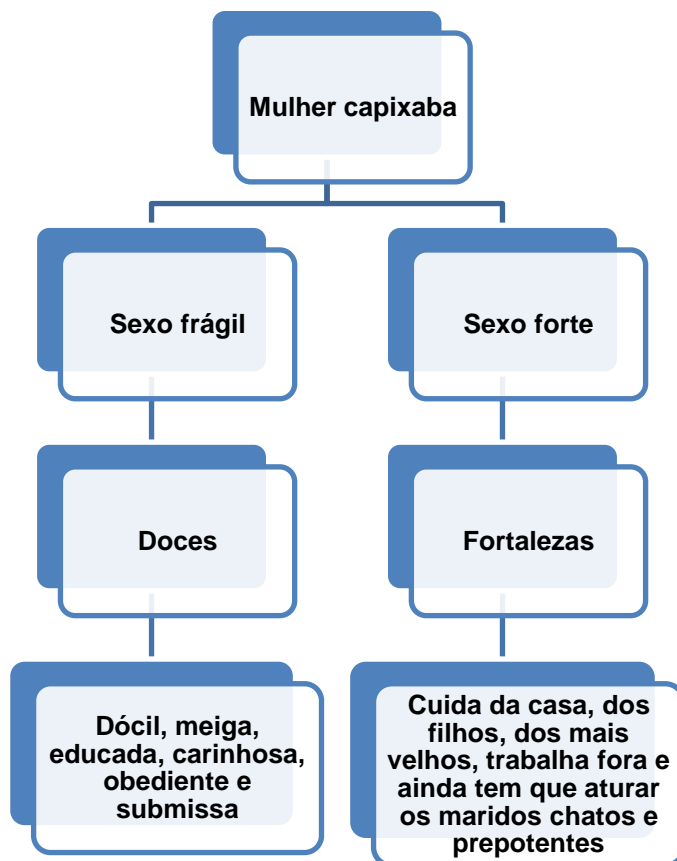
³¹ De acordo com van Dijk (2009, p. 73) membros de grupos ideológicos geralmente usam o pronome ‘político’ Nós (assim como nós, o nosso, etc.) para nos referirmos a eles mesmos e a outros membros do grupo. Da mesma forma, eles se referem a membros de outros grupos concorrentes ou denominados em termos de Eles (deles, delas).

Diante dessa crença masculina, são citadas personalidades femininas da história capixaba – Luza Grimaldi, Maria Ortiz e uma referência da fé capixaba – a Virgem da Penha.

As personalidades femininas são importantes na constituição da história e da cultura do Espírito Santo. Contudo, mais adiante, são ironizadas em um paradoxo, como mostraremos na Figura 12. Além disso, essas mulheres se destacaram, mas “na sombra dos grandes homens”, uma vez que há uma afirmação de que vivem “nessa sociedade imposta pelos machos e desenvolvida sob a ótica dos homens”.

Os nomes supracitados são utilizados com objetivo de homenageá-las, mais especificamente usam-se expressões ligadas às mulheres capixabas – “A Capixaba”, “Uma doce fortaleza”, “Sexo frágil” e “Sexo forte”. A Figura 12 ajuda a compreender como essas expressões empregadas explicam o paradoxo das capixabas evidenciado na crônica:

Figura 12 – Paradoxo das mulheres capixabas



Fonte: De autoria própria.

Nesta figura, observamos que existe um dilema a partir de ideias que se opõem e se contrariam, pois há uma declaração de que as capixabas convivem em situação paradoxal, isso é o que as distingue das brasileiras. Dessa forma, Louro (1997) e Saffioti (2015) explicam: as brasileiras recebem uma educação androcêntrica, que as faz adquirir um padrão de comportamento dócil, meigo, educado, carinhoso, obediente e submisso. Ademais, na divisão social do trabalho, criticada por Bourdieu (2002), são instruídas a cuidar da casa, dos filhos, dos mais velhos e que deve se casar. Esse é o padrão de mulher, que está de acordo com o paradigma androcêntrico em nossa sociedade.

Nesse sentido, a educação androcêntrica ampara um pensamento machista e preconceituoso. No sistema androcêntrico, as mulheres devem ser dóceis e obedientes; o trabalho fora do lar não é para ela, mas há a escolha de querer subverter o sistema androcêntrico. Aliás, a mulher é colocada em posição de serva do homem, ao dizer que cuida da casa, dos filhos, dos velhos, trabalha fora, e, ainda, tem que aturar maridos chatos e prepotentes. Por tudo isso, são denominadas “fortalezas”.

Notamos que o ofício de dona de casa é exposto como algo natural ou como uma obrigação das mulheres. Todavia, o trabalho fora é uma escolha que faz, com o objetivo de se igualar ao homem. Logo, há, na crônica, uma a divisão social do trabalho, separando aquilo que é obrigação da mulher e do homem: para elas, o espaço interno do lar e os afazeres domésticos; para o homem, o espaço externo e a liberdade para trabalhar e realizar outras atividades.

Em relação à representação dos homens, companheiros das mulheres mencionadas junto a elas, são citados nomes próprios de personagens da literatura inglesa, Romeu; do teatro francês, Cyrano de Bergerac; e da literatura brasileira como Peri e Bentinho – e da vida real – Dirceu, Garibaldi, Jorge Amado, Luís Carlos Prestes, Getúlio, Dutra, Juscelino, Roosevelt, Hitler e Keneddy. Atinamos que, por ter os modelos mentais caracterizados pelo grupo social masculino, as personagens masculinas da ficção são caracterizadas como: “homem”; figuras masculinas que têm ao seu lado uma grande mulher. Quanto aos personagens da vida real, citados como “grandes homens”, quanto a ideologia do autor, a intenção é apresentá-los

como um grupo social, que tem o domínio sobre as mulheres, um grupo social que vive na sombra deles.

Na perspectiva androcêntrica, não importa se elas estão ao lado do homem ou na sombra dos grandes homens, porque ela faz parte de um mundo criado sob um paradigma masculino. Sendo assim, são pessoas com quem o homem pode contar para levar a frente suas realizações. Nesse mesmo sentido, observamos outras expressões características do modelo mental androcêntrico, tais como – “os capixabas” – aponta o grupo social masculino e, mais especificamente, os homens capixabas; “Os marmanjos” e “Maridos chatos e prepotentes” que, embora sejam expressões negativas, enobrecem o orgulho masculino; e “Sexo forte”, que é uma expressão vinculada a questões de ordem biológica, além de acentuar o machismo.

Na crônica “Um viva às sogras!!!”, há léxicos e sintagmas nominais como os utilizados no início da crônica para se referirem carinhosamente a mulher, no Dia Internacional da Mulher. Por exemplo: “Mulher”, “adoráveis criaturas”, “o mundo feminino” dizem respeito a esse grupo social.

A partir da análise da crônica “Audácia das mulheres”, atinamos para um detalhe essencial, a fim de depreendermos a ideologia em relação a elas: existem modelos mentais androcêntricos, usados contra a mulher audaciosa ou subversiva ao sistema em voga. Nesta crônica, notamos que se faz uma distinção no universo feminino entre as subversivas e àquelas caracterizadas como “adoráveis criaturas”.

Da mesma forma, não se escolhe a figura da sogra para homenageá-la sem razão. O autor aproveita da representação social pejorativa e emblemática das sogras na sociedade e mostra, no relato, a disputa da autoridade entre sogra e genro, Anacleto. Com isso, põe em risco a prerrogativa dele de homem.

Utiliza sintagmas que demonstram não somente a representação social da sogra, mas o quanto odeia esse tipo subversivo: “velha dos infernos”, “a peste da minha sogra”, “o diabo da velha”, “aquela jararaca”, “a velha”, “o raio da sogra”. Contrariamente, a crônica atribui a caracterização “adoráveis criaturas”, àquelas obedientes como a esposa do personagem Anacleto, que é dona de casa e a quem chama de “uma santa criatura”. Há outros sintagmas atribuídos a ela: “minha mulher”, sintagma pronominal formado pelo pronome possessivo “minha” e o

substantivo “mulher”, dando a ideia de que Anacleto a possui; “uma santa criatura” a instância masculina busca padrão na representação da virgem Maria, uma mulher submissa, obediente, resignada e ideal de mãe, como expõe Macedo (1990).

Em relação à representação social do homem, são utilizadas palavras e sintagmas nominais correspondentes ao grupo social masculino, tais como “os homens”, que dizem respeito ao grupo social masculino; há outros que apontam, de forma honrosa, a personagem Anacleto, tais como: “pobre comerciário”; “bom pai” e “excelente chefe de família”.

Essas expressões levam o leitor a se compadecer da situação de Anacleto diante das injúrias sofridas pela sogra, o qualificam como o provedor da família. Portanto, uma posição de destaque que a sogra confere a Anacleto no final do relato, perante o delegado de polícia para retirar a queixa contra ele. Nessa atitude da sogra, há uma forma de o cronista mostrar a dependência da mulher em relação ao homem. Assim, Anacleto, como provedor, caso ficasse preso e respondesse ao processo, não poderia sustentar sua família.

Na exposição dessa categoria, acreditamos que a instância masculina apresenta uma imagem do grupo social masculino, realizando uma “autoapresentação” positiva do (NÓS); enquanto do grupo social feminino faz uma “outroapresentação” negativa do (ELAS). Certamente, ao submetermos esse conjunto de detalhes analisados ao Quadrado Ideológico, segundo van Dijk (2003), alcançaremos mais subsídios:

Quadro 7 – Quadrado ideológico

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> ● Enfatizar aspectos positivos sobre eles (Homens ± Machistas) ● Enfatizar aspectos negativos sobre elas (Mulheres ± Feministas) ● (Des)enfatizar aspectos negativos sobre eles (Homens ± Machistas) ● (Des)enfatizar aspectos positivos sobre elas (Mulheres ± Feministas) |
|--|

Fonte: Adaptado a partir dos estudos de van Dijk (2003, p. 44).

No primeiro item “Enfatizar aspectos positivos sobre eles (Homens ± Machistas)”, destacamos que os homens são sempre citados, por Pedro Maia, em posição elevada e como pessoa de bem e de boa reputação: marido, um amigo nosso, um

circunspecto executivo, bem casado à moda antiga, cidadão bem-casado, grandes homens, bom pai, excelente chefe de família.

No segundo, “Enfatizar aspectos negativos sobre elas (Mulheres ± Feministas)”, assinalamos casos como subversiva ao sistema androcêntrico:

- 1) em “Audácia das mulheres”, assumem a “liberdade”, passam a questionar a vida do marido fora do lar, pondo em risco a liberdade do homem no sistema androcêntrico;
- 2) em “Doces fortalezas”, são consideradas “fortalezas”, criticadas por decidirem trabalhar fora, como se quisessem se igualar ao homem, por isso, são ironizadas e desestimuladas a lutar pelos seus direitos sociais;
- 3) em “Um viva às sogras!!!” são aguçadas características pejorativas e negativas da sogra, como uma mulher que disputa a autoridade do lar com o genro Anacleto e chega, até mesmo, ser agredida por ele.

No terceiro “(Des)enfatizar aspectos negativos sobre eles (Homens ± Machistas)”, mencionamos que os homens recebem a defesa do cronista em quaisquer situações embaraçosas:

- 1) em “Audácia das mulheres”, por trair a esposa, visto como um ato normal. Nesse caso, ele como traidor é descrito como “cidadãos discretos” ou “come-quieto” enquanto a traição como um “pular a cerca” ou “aventura extraconjugal”;
- 2) em “Doces fortalezas”, o cronista ao homenageá-las mostra o contentamento do homem por contar com uma mulher ao seu lado, além de enfatizar que os capixabas e as capixabas têm um significado especial;
- 3) em “Um viva às sogras!!!” durante toda a narrativa da situação, que levou Anacleto a ser preso por agredir a sogra, o genro é descrito como um pobre comerciário, diante os absurdos cometidos por ela.

No quarto, “(Des)enfatizar aspectos positivos sobre elas (Mulheres ± Feministas)”, encontramos elementos que as desqualificam:

- 1) em “Audácia das mulheres”, a mulher é referida como a “eterna dona de casa”, o “sexo frágil”, “as descasadas”;

2) em “Doces fortalezas”, é vista como sexo frágil, obediente e submissa ao homem e, como sexo forte, é colocada em posição de serva do homem, uma vez que é obrigação dela cuidar da casa, dos filhos, dos mais velhos e ainda aturar maridos chatos e prepotentes;

3) em “Um viva às sogras!!!”, o fato de a sogra deixar o genro, Anacleto, morar na casa dela, após o casamento, é uma atitude boa, ofuscada pela atitude negativa de mencioná-la, como velha dos infernos, a peste da minha sogra, o diabo da velha, aquela jararaca.

Outro aspecto da análise sobre a representação social das mulheres, mostra que a homenagem não é dirigida a todas, embora a primeiro momento pareça. Conforme apresentado, há no material de análise crenças androcêntricas, isso é evidenciada nas escolhas lexicais em que são homenageadas as mulheres obedientes e resignadas; e excluídas as subversivas e audaciosas.

Na crônica “Audácia das mulheres”, a esposa é considerada enquanto permanece como a dona de casa, resignada e obediente, um padrão requerido pelo machista. Mas, as mulheres, ao assumirem a “liberdade”, passam a questionar a vida do marido fora do lar, pondo em risco a liberdade do homem no sistema androcêntrico.

Nesse caso, ao fazer essa divisão entre os gêneros masculino e feminino, há uma atitude machista. Da mesma forma, na crônica “Doces fortalezas”, entre as duas naturezas que as capixabas assumem, sem dúvida, a homenagem é para as “Doces”, isto é, donas de casa obedientes e submissas. Na crônica “Um viva às sogras!!!”, entre a sogra e a esposa a que recebe as palavras de carinho é a esposa, uma dona de casa, referida como “uma santa criatura”.

Referenciação anafórica

A partir da proposta dos autores apresentada na Figura 11, formulamos os quadros a seguir, contendo os principais elementos referenciais anafóricos que evoluíram para uma representação social estereotipada. Na análise, fizemos uma separação por subcategorias, de acordo com os assuntos abordados nas crônicas: temperamento e caráter, vida conjugal e diferenças.

Quadro 8 – Evolução do referente anafórico na crônica “Audácia das Mulheres”

CATEGORIAS	PROTÓTIPO	MODELO MENTAL	COGNIÇÃO SOCIAL	REPRESENTAÇÃO SOCIAL
INTRODUÇÃO REFERENCIAL	<ul style="list-style-type: none"> • Pelo menos foi isso que aconteceu com um amigo nosso, na semana que passou. • Pois com a última lebre abatida em um dos muitos motéis da cidade ele deu uma tremenda mancada. • Quando acordou, a mulher estava uma fera. 	Marido: Nosso amigo	Homem: Nós, nos, nosso.	Grupo social hegemônico
		Esposa: mulher e fera.	Mulher: fera.	Severa, rígida e inflexível.
		Amante: Lebre abatida, Isabel e égua do Jôquei Clube.	Amante: Lebre e égua.	Égua: vadia. Lebre: Coelhinha da Playboy
ANÁFORA DIRETA OU CORREFERENCIAL	<ul style="list-style-type: none"> • Este nosso amigo é um circunspecto executivo, bem casado à moda antiga. • – O quê que é isso, meu bem? – perguntou ele, meio cabreiro. 			
ANÁFORA INDIRETA OU ASSOCIATIVA	<ul style="list-style-type: none"> • Se empolgou demais e, à noite, durante o sono, falou o nome da moça por diversas vezes. • – Quem é uma tal de Isabel, seu cretino? • Pois a égua do Jôquei Clube telefonou pra você duas vezes... [...] a mulher se acalmou e o nosso amigo foi para o trabalho com a certeza de que havia dobrado a fera. 			

Fonte: De autoria própria.

Quadro 9 – Evolução do referente anafórico na crônica “Doce fortalezas” (continua)

CATEGORIAS	PROTÓTIPO	MODELO MENTAL	COGNIÇÃO SOCIAL	REPRESENTAÇÃO SOCIAL
INTRODUÇÃO REFERENCIAL	<ul style="list-style-type: none"> • Para os capixabas [...] • [...] se ombreando com o sexo forte [...] • [...] a mulher tem um significado especial [...] • Como se vê aqui nestas plagas as mulheres têm tudo em cima para dar carta e jogar de mão. 	Os capixabas: sexo forte	Homem: Sexo forte	Conjunto de características físicas e psíquicas atribuída aos homens.
		A capixaba: elas, nelas.	Mulher: elas, nelas.	Grupo social feminino.
ANÁFORA DIRETA OU CORREFERENCIAL	<ul style="list-style-type: none"> • [...] mostrando que sexo forte, no duro mesmo, são elas e não eles. • O que muitas delas o fazem de maneira objetiva [...] • [...] deixando claro que existe nelas uma doce fortaleza que as tornam ímpares no universo feminino do resto do Brasil. • Elas cuidam da família, criam os filhos, tratam dos mais velhos e ainda aturam maridos chatos e prepotentes. 			

<p>ANÁFORA INDIRETA ASSOCIATIVA</p> <p>OU</p>	<ul style="list-style-type: none"> • E aqui não temos <u>herói</u> [...] • [...] os capixabas não tem <u>santo padroeiro</u> [...] • [...] colocando <u>os marmanjos</u> no chinelo [...] • [...] <u>Vitória</u> é nome de mulher [...] • [...] a primeira capitania hereditária a ter <u>uma mulher - Luza Grimaldi</u> – a sua frente. • Temos <u>heroína, a valente Maria Ortiz</u>. • [...] <u>uma padroeira, que é a Virgem da Penha</u> [...] <p><u>A capixaba</u> é diferente desde a panela onde cozinha [...]</p>
---	---

Quadro 10 – Evolução do referente anafórico na crônica “Um viva às sogras!!!”

(continua)

CATEGORIAS	PROTÓTIPO	MODELO MENTAL	COGNIÇÃO SOCIAL	REPRESENTAÇÃO SOCIAL
INTRODUÇÃO REFERENCIAL	<ul style="list-style-type: none"> [...] <u>aquela jararaca</u> foi se meter na nossa vida. Historinhas como a <u>do pobre comerciante Anacleto</u>, que semana passada foi preso e autuado em flagrante. <u>à minha mulher</u>, uma santa criatura 	Genro: comerciante, pai, chefe de família.	Homem: pai, chefe de família.	Provedor.
		Esposa: uma santa criatura.	Mulher: santa	Mulher submissa, dona de casa e ideal de mãe.
		Sogra: velha dos infernos, peste, diabo, jararaca, raio.	Sogra	Mulher que gosta de provocar conflito, malcriada e mal-humorada, autoritária, controladora; e além disso, traiçoeira, traidora, falsa e fingida.
ANÁFORA DIRETA OU	<ul style="list-style-type: none"> [...] sofri o diabo nas mãos <u>daquela velha dos infernos</u>. não tive outro remédio senão ir morar junto com <u>a peste da minha sogra</u> [...] quando cheguei em casa, tive a infelicidade de encontrar <u>o diabo da velha</u>. Sabe o que <u>aquela jararaca</u> 			

CORREFERENCIAL	<p>fez?</p> <p>Foi <u>o raio da sogra</u>, com a cara amarrotada e tudo!</p>
ANÁFORA INDIRETA OU ASSOCIATIVA	<ul style="list-style-type: none"> • [...] <u>bom pai</u> e excelente <u>chefe de família</u> [...] • Anacleto que, naquele momento, teve certeza de que nunca se livraria da presença <u>da sogra</u>.

Fonte: De autoria própria.

Temperamento e caráter: na crônica “Audácia das mulheres”, o uso dos elementos anafóricos, pela instância masculina (NÓS), trata a feminina (ELAS) de forma desumana. Ao exercer a superioridade, é perceptível um processo de animalização, quando é referida como: “a última lebre abatida”, “a égua do Jóquei Clube” e “a fera”. As formas lebre, égua e fera, incluídas no discurso, podem não ser de uso pessoal do cronista. Mas, são estereótipos femininos que seguiram uma construção, constituem o compartilhamento de crenças e opiniões androcêntricas pré-existentes sobre as mulheres de que são débeis e indefesas, disponíveis e de temperamento desmedido. No evento discursivo da crônica, as crenças e as opiniões, como

cognições sociais, são recuperadas e agregadas culturalmente aos animais por associação de ideias.

O mesmo fenômeno discursivo anafórico ocorre na crônica “Um viva às sogras!!!”, quando o genro, Anacleto, se refere à sogra como “aquela jararaca”. Essa é uma introdução referencial retomada por seis anáforas diretas, como: “daquela velha dos infernos”, “a peste da minha sogra”, “o diabo da velha”, “aquela jararaca” e “o raio da sogra”. Além disso, há uma retomada por anáfora indireta “da sogra”. Ademais, o próprio referente “sogra” é considerado um estereótipo concernente à mulher, construído de acordo com as crenças e as opiniões androcêntricas que, ao ser associado a elementos culturais como peste, diabo, raio e velha, as crenças e as opiniões são reforçadas. Sendo assim, a representação social compartilhada sobre essa mulher é pejorativa e emblemática.

Desse modo, os elementos colaboram para que a sogra seja representada como uma pessoa difícil de suportar e com quem a nora ou o genro não conseguem conviver. Inversamente, em relação ao homem, observamos a introdução referencial “do pobre comerciante Anacleto”, que diz respeito ao genro e é retomado pelas anáforas indiretas “bom pai” e “chefe de família”.

Notamos, quanto aos dois personagens masculino e feminino, que a sogra é introduzida na crônica e representada socialmente, por intermédio dos termos que desumanizam as mulheres e incidem sobre ela uma representação social pejorativa. Contrariamente, o genro, Anacleto, é introduzido pela expressão referencial “do pobre comerciante Anacleto” e sempre referenciado por anáforas que demonstram a integridade dele. O termo “pobre” induz o leitor a sentir pena de Anacleto; e o termo “comerciante” que é trabalhador. As demais anáforas indiretas indicam ser um marido exemplar; enquanto a sogra é uma pessoa taxada como problemática. Em síntese, ele é uma pessoa íntegra, vítima dela na narrativa.

Vida conjugal: na crônica “Audácia das mulheres”, a esposa é assinalada, apenas, como “mulher”; enquanto a amante é apontada como “moça” e “Isabel”. A partir disso, observamos um tratamento mais cuidadoso dispensado à amante, se comparado com a esposa. Ao tratá-las dessa forma, são recuperados modelos mentais androcêntricos.

Destarte, a exemplo do que acontece atualmente, lembramos que, de acordo com Macedo (1990), é um costume comum nas sociedades patriarcais da Idade clássica e da Idade Média, em que os homens passavam um longo tempo fora do lar, a companhia de prostitutas. Em outras palavras, as amantes recebiam maior consideração se comparado às esposas.

Diferenças entre homens e mulheres: na crônica “Doces fortalezas”, as designações masculinas são representadas por elementos referenciais marcados por modelos mentais androcêntricos. A introdução referencial “os capixabas” se refere aos homens capixabas, que, em seguida, é retomada pelas seguintes anáforas indiretas: “herói, santo padroeiro e marmanjos”, mostrando que não há herói e nem santo padroeiro capixaba, ou seja, os homens capixabas são “marmanjos”.

O último referente apresenta uma construção cultural, comporta a significação não só do homem ser crescido ou corpulento, mas ligado ao que é dito no início: “[...] na sombra dos grandes homens há sempre uma mulher [...]”. Isso quer dizer que não importa se as capixabas colocam “os marmanjos no chinelo”, isto é, realizam-se grandes feitos e até superam o homem em algumas áreas. Porém, ele é quem tem a prerrogativa de ser grande e elas de estarem à sombra dele.

Outra introdução referencial sobre o homem capixaba é o “sexo forte”, retomada pela anáfora direta “eles”. O referente “sexo forte” é um estereótipo masculino, uma expressão de cunho androcêntrico que compartilha a ideia machista de que o homem é superior não só em força física, mas também cognitiva.

A introdução referencial que se assinala à capixaba é “a mulher”, expressão retomada pelas seguintes anáforas indiretas: “Vitória, uma mulher - Luza Grimaldi, heroína, a valente Maria Ortiz, uma padroeira, que é a Virgem da Penha e a capixaba”. O uso desses referentes visa mostrar que, para os homens capixabas, as capixabas têm um significado especial, pois são representadas pelo nome da Capital do Espírito Santo, pela heroína e, até mesmo, nos ícones de fé. Contudo, de acordo com o modelo androcêntrico, a importância das capixabas se limita “na sombra dos grandes homens”. Em resumo, embora a mulher se destaque, a orientação androcêntrica prevalece.

Outra introdução referencial que marca a inferioridade da mulher capixaba é “as mulheres”, retomada pela anáfora direta “delas”, “nelas”, “as” e “elas”. Segundo van Dijk (2009), os pronomes “delas”, “nelas” ou “elas” costumam ser usados por grupos sociais dominantes para se referirem a outros grupos dominados.

A partir das análises dos elementos anafóricos nas três crônicas, notamos a presença de estereótipos masculinos e femininos. Primeiramente, apresentada uma imagem do grupo social masculino ao realizar uma “autoapresentação” positiva do (NÓS); enquanto para o grupo social feminino faz uma “outroapresentação” negativa do (ELAS). Dessa forma, retomamos o Quadrado ideológico de van Dijk (2003), a fim de analisar, com maior propriedade, a ideologia do cronista:

- 1) no primeiro item “ênfatisar aspectos positivos sobre eles (homens ± machistas)”, os atores sociais masculinos são descritos como marido, bom pai e excelente chefe de família;
- 2) no segundo “ênfatisar aspectos negativos sobre elas (mulheres ± feministas)”, destacamos o temperamento excessivo, a fragilidade, a sensualidade e a falta de caráter;
- 3) no terceiro “(des)ênfatisar aspectos negativos sobre eles (homens ± machistas)”, observamos, em “Um viva às sogras!!!”, menção ao genro, Anacleto, como “pobre comerciante” para torná-lo vítima da sogra; e; em “Audácia das mulheres”; um realce ao marido como circunspecto executivo, bem casado e casado à moda antiga, para justificar a traição à esposa;
- 4) no quarto “(des)ênfatisar aspectos positivos sobre elas (mulheres ± feministas)”, vemos, em “Doces fortalezas”, que o cronista até as destaca, por meio de suas realizações como alguém especial para os capixabas, porém sob o domínio masculino.

Referenciação dêitica

A crônica jornalística é um gênero textual e, como todo gênero, faz parte de uma situação de comunicação específica em contexto real de uso da língua. Nela, há os participantes de um lado; o cronista; e, do outro, os leitores.

Nessa situação discursiva, Pedro Maia é a pessoa que escreve e, por isso, conduz o processo discursivo em que os parâmetros e os pontos de referência dêiticos “eu, aqui, agora” colaboram com a significação que o autor estabelece e que compreendemos.

No Quadro 11, apresentamos a análise das categorias dêiticas de pessoa, de tempo e de lugar.

Quadro 11 – As categorias dêiticas (continua)

CATEGORIAS	CRÔNICA	ENCONTRADOS
DÊIXIS DE PESSOA	AUDÁCIA DAS MULHERES	<ul style="list-style-type: none"> Grupo social feminino: a mulher, as meninas. Grupo social masculino: os homens, os marmanjos. Triângulo amoroso: Marido (um nosso amigo), esposa (a mulher, a fera, a cara-metade) e amante (a última lebre abatida, a égua do jóquei clube, Isabel).
	DOCES FORTALEZAS	<ul style="list-style-type: none"> Grupo social feminino: A Capixaba. Grupo social masculino: Os capixabas.
	UM VIVA ÀS SOGRAS!!	<ul style="list-style-type: none"> Grupo social feminino: Mulher, o raio da sogra. Grupo social masculino: os homens. Triângulo familiar: Anacleto (o marido); minha mulher (a esposa); a velha (a sogra)
DÊIXIS DE TEMPO	AUDÁCIA DAS MULHERES	<ul style="list-style-type: none"> Traços contextuais de uma sociedade atual: “nos últimos tempos” e “nos nossos tempos”. O assunto que motivou a crônica “Audácia das mulheres” é recente em relação à data de tiragem do jornal, 09/05/2002: “Pelo menos foi isso que aconteceu com um amigo nosso, <u>na semana que passou.</u>”
	DOCES FORTALEZAS	<ul style="list-style-type: none"> Traços contextuais sobre a comemoração do dia Internacional da Mulher: [...] <u>hoje</u> (08/03/2005) é o Dia Internacional da Mulher [...]; isso é o que estamos pretendendo fazer com a coluna de <u>hoje</u>: uma homenagem justa a todas as mulheres do mundo. O advérbio hoje é utilizado no sentido de atualmente: [...] <u>hoje</u> é comum se topar com mulheres em atividades que <u>há pouco tempo</u> ninguém poderia supor que um dia exerceriam.
	UM VIVA ÀS SOGRAS!!!	<ul style="list-style-type: none"> Traços contextuais sobre a comemoração do dia Internacional da Mulher no passado e atualmente: a partir da <u>década de 60</u>; “<u>Isso num tempo</u> em que o Dia Internacional da Mulher era visto como mais uma invenção da mídia para movimentar o comércio”; “<u>Hoje</u>, porém, são muitos os eventos que marcam <u>o dia</u>”. O fato que motivou a crônica não está distante da data de tiragem do exemplar, 08/03/2009: “Historinhas como a do pobre comerciante Anacleto, que <u>semana passada</u> foi preso e autuado em flagrante”.

DÊIXIS DE LUGAR	AUDÁCIA DAS MULHERES	<ul style="list-style-type: none"> • O cronista situa o leitor nos seguintes espaços onde ocorre seu relato: “Varas de Família da Grande Vitória”; “[...] mulheres trabalhando agora como seguranças de banco. Na Grande Vitória [...]”. Portanto, a Grande Vitória é o entorno dos acontecimentos narrados por Pedro Maia. • domingo, no Jôquei Clube lá na Barra do Jucu.
	DOCES FORTALEZAS	<ul style="list-style-type: none"> • O cronista situa o leitor onde ele relata os acontecimentos sobre o Dia Internacional da Mulher: “[...] Vitória é nome de mulher e o Espírito Santo [...]”; Como se vê aqui nestas plagas [...]; E aqui não temos herói. Temos heroína, a valente Maria Ortiz.
	UM VIVA ÀS SOGRAS!!!	<ul style="list-style-type: none"> • O cronista situa o leitor onde ele relata os acontecimentos sobre o Dia Internacional da Mulher: “o primeiro evento realizado no Espírito Santo”. • O cronista também faz menção à coluna “Espaço Aberto” onde são editadas suas crônicas: “Claro que, aqui neste espaço, tratamos de assuntos diversos [...]”.
DÊIXIS SOCIAL	AUDÁCIA DAS MULHERES	<ul style="list-style-type: none"> • – Quem é uma tal de Isabel, seu cretino? • Num tem nada disso, meu benzinho... • Ora, meu amor, você está se preocupando à toa! • Que é isso, né seu cachorro?
	DOCES FORTALEZAS	<ul style="list-style-type: none"> • Dutra a dona Santinha e Juscelino a dona Sarah.
	UM VIVA ÀS SOGRAS!!	<ul style="list-style-type: none"> • “Bem, ‘seu’ delegado” • Imagine o senhor

Fonte: De autoria própria

Dêixis de pessoa: por causa dos modelos androcêntricos, o grupo social masculino apresenta representatividade hegemônica sobre o grupo social feminino. Na crônica “Audácia das mulheres”, há um triângulo amoroso entre os participantes do relato do cronista: o marido (um nosso amigo), a esposa (a mulher, a fera, a cara-metade) e a amante (a última lebre abatida, a égua do jôquei clube, Isabel).

Em “Doces fortalezas”, não há uma relação direta entre os participantes, pois o cronista é quem tece os argumentos, com a finalidade de homenageá-las. Na crônica “Um viva às sogras!!!”, ocorre uma disputa entre o genro e a sogra dentro de um triângulo familiar: Anacleto (o marido e genro); minha mulher (a esposa); a velha (a sogra).

Dêixis de tempo: situamos, temporalmente, cada crônica segundo a homenagem que Pedro Maia pretende realizar. A crônica “Audácia das mulheres” saiu no exemplar de 09/05/2002, mês dedicado às mães e às noivas. Nela, ao opinar sobre as novas perspectivas de vida da mulher, usa os adjuntos adverbiais de tempo “nos últimos tempos” e “nos nossos tempos” para situar o leitor naquele momento. É preciso, nesse caso, recuperar os modelos mentais para compreendermos as realizações femininas, como: “a abertura de novos campos de trabalho” e a derrubada do preconceito contra as “descasadas”, têm contribuído diretamente para esse estado de coisas” (pedidos de divórcio).

Movido pela ideologia androcêntrica, o escritor demonstra não concordar com as realizações femininas, ressaltando que: “[...] esta liberdade e ação por parte do chamado sexo frágil tem trazido sérios problemas para os chamados cidadãos discretos, do tipo “come-quieto”, ou seja, aqueles que não fazem alarde de suas peripécias sexuais”. Fica evidente que o cronista, no momento que escreve, usa os dêiticos para situar o leitor sobre a ascensão e o empoderamento das mulheres. Ao lermos, hoje, a crônica, recuperamos os modelos mentais androcêntricos do cronista, que vigoravam à época, o qual opina por não concordar com o que chama de liberdade e ação naquele momento.

Na crônica “Doces fortalezas”, do dia 08/03/2005, os dois primeiros advérbios “hoje” apontam para o Dia Internacional da Mulher. Pedro Maia declara dedicar a coluna para fazer uma homenagem justa a todas naquela data. No entanto, ao usar o terceiro advérbio “hoje”, com o sentido de atualmente, aborda sobre os cargos que exercem no mercado de trabalho, que antes era ocupado apenas por homens, ele se vale de um comentário machista.

O cronista descreve que “há pouco tempo ninguém poderia supor que um dia exerceriam”. Nessa frase, o adjunto adverbial de tempo “há pouco tempo” situa o leitor em relação à data comemorativa e significa dizer não obstante a essa data. Outras expressões, como “ninguém poderia supor” e “um dia”, assinalam a crença androcêntrica da incapacidade física e cognitiva das mulheres, ou seja, uma opinião negativa, um comentário machista que as desrespeita e as desqualifica.

A crônica “Um viva às sogras!!!”, do dia 08/03/2009, foi dedicada ao Dia Internacional das Mulheres. Pedro Maia ancora o leitor nessa data. Entretanto, por

meio dos adjuntos adverbiais de tempo “década de 60” e “Isso num tempo”, procura situá-lo no passado. Em outras palavras, leva o interlocutor a recuperar modelos mentais daquela época sobre a comemoração do Dia Internacional da Mulher nos anos 60.

Nesse tempo, havia poucos eventos comemorativos e a data era vista tão-somente como mais um meio de movimentar o comércio. Diferente daquela época, ao usar o advérbio “hoje”, situa o leitor em relação ao período em que escreve a homenagem, mostrando que a sociedade se mobiliza com a mesma finalidade. Aliás, ao discorrer sobre aquele momento, que chama “hoje”, opina da seguinte forma: “as mulheres também não são mais aquelas que, em pé de igualdade, disputam com os homens em todas as áreas e setores da vida”. Segundo o cronista, nos anos 60, disputavam com os homens em “pé de igualdade” para conquistar um espaço na sociedade e mostrar a importância em participar da construção dela. A partir dessa afirmativa, ironicamente, deixa implícito o argumento de que, atualmente, isso não é mais necessário, pois alcançaram uma equiparação aos homens, às pessoas acreditam na capacidade dela e que acabou a discriminação de gênero.

Percebemos que Pedro Maia, imbuído dos modelos mentais androcêntricos, opina de forma a fazer o leitor acreditar que de 1960 a 2009 a mulher teria alcançado o ápice de sua luta contra o machismo e que, então, a disputa em todas as áreas e setores não acontece mais. Como contradição, nesta mesma crônica, ao usar a figura da sogra para homenageá-las, o cronista a ironiza, destacando seus pontos negativos, além de narrar uma disputa pela autoridade entre a sogra e o genro, Anacleto.

Dêixis de lugar: Pedro Maia situa o leitor no “Espírito Santo”, mais especificamente, na capital “Vitória”. Este é o lugar onde ele relata os acontecimentos que, muitas vezes, não são noticiados pelo jornal. Na crônica “Audácia das mulheres”, mostra que é na Vara da Família, situada na “Grande Vitória” que acontecem os pedidos de separação, por causa da infidelidade masculina. O cronista conta que o marido, para esconder da esposa que havia ido ao motel com a amante, diz que foi “no Jôquei Clube lá na Barra do Jucu” apostar em uma égua chamada Isabel.

Em “Doces fortalezas” e “Um viva às sogras!!!”, é, em Vitória, no Espírito Santo, que ele aborda sobre as primeiras comemorações sobre o Dia Internacional da Mulher

nos anos 60 e, também, atualmente. Usa também o adjunto adverbial de lugar “aquí nessas plagas” para, aparentemente, dar notoriedade a elas.

Dêixis social: embora os pronomes de tratamento exemplifiquem a modalidade de dêixis, encontramos vocativos com função dêítica. Por exemplo, na crônica “Audácia das mulheres”, “seu cretino” funciona como dêixis social, no instante que a esposa comete a audácia de exercer a superioridade, tratando negativamente o esposo. Entretanto, ao utilizar “meu amor” e “meu benzinho”, o esposo utiliza um tom cínico e sarcástico para tratar a esposa. Identificamos o vocativo “meu bem”, usado pelo esposo como uma tentativa para amenizar o desentendimento com a esposa, tratando-a como ingênua, como se fosse acreditar nas desculpas dele como fizera. Porém, ela retruca com outra dêixis social “seu cachorro”, revelando a verdadeira face do marido, que não podia mais esconder: ele era de fato ordinário, mentiroso e cínico.

Em “doces fortalezas”, as primeiras-damas recebem um tratamento dona ou senhora, de acordo com a função que desempenham na sociedade: “Dutra a dona Santinha e Juscelino a dona Sarah”. Segundo a cognição social e os códigos sociais, seria desonroso tratá-las de forma inferior. Contudo, nessa crônica, Pedro Maia usa modelos mentais androcêntricos, limitando-as “na sombra dos grandes homens”, ou seja, ele as inferioriza.

Na crônica “Um viva às sogras!!!”, Anacleto exerce uma autoridade como chefe de família, diante da autoridade policial, que o trata conforme o cargo que exerce: “Bem, ‘seu’ delegado” e “Imagine o senhor”. Nesse sentido, notamos que o homem é quem recebe a proeminência de estar à frente ou de comandar.

Figuras retóricas

Na perspectiva sociocognitiva dos Estudos Críticos do Discurso, van Dijk (2012) explica que as figuras retóricas exprimem polarizações entre os grupos sociais. O autor mostra que os grupos dominantes exageram significados negativos em relação ao outro ou amenizam significados negativos de si próprios.

Culturalmente, ao usar uma metáfora conceitual, um ator social identifica o outro dependendo do gênero, classe ou etnia. No Quadro 12 abaixo, separamos as principais figuras retóricas que demonstram esse fenômeno discursivo. Na análise, fizemos a divisão por subcategorias, de acordo com os assuntos abordados na crônica em relação aos personagens: mercado de trabalho, vida pessoal, vida conjugal e temperamento e caráter.

Quadro 12 – Figuras retóricas para a representação dos atores sociais homens e mulheres (continua)

CATEGORIAS	CRÔNICAS	ENCONTRADOS SOBRE A MULHER	ENCONTRADOS SOBRE O HOMEM
FIGURAS RETÓRICAS	AUDÁCIA DAS MULHERES	<ul style="list-style-type: none"> • Metáfora: [...] a mulher encara a batalha na rua [...] • Metáfora: [...] são elas quem partem pra cima [...] • Metáfora: [...] para a caracemete ficarem totalmente por fora. • Metáfora: [...] a mulher estava uma fera. • Metáfora: [...] havia dobrado a fera. • Ironia: [...] a mulher encara a batalha na rua (num bom sentido) • Hipérbole: A mulher na maior bronca do mundo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Metáfora: [...] se saiu numa boa. • Hipérbole: [...] ele deu uma tremenda mancada [...] • Eufemismo: e vive as suas aventuras extraconjugais, sempre com o maior cuidado • Eufemismo: "come-quieto" • Eufemismo: Pula a cerca
	DOCES FORTALEZAS	<ul style="list-style-type: none"> • Metáfora: [...] as mulheres têm tudo em cima para dar carta e jogar de mão. • Metáfora: Enfrentam as dificuldades do cotidiano • Metáfora: [...] enfrentam o batente no dia a dia. • Metáfora: [...] movimentam galhardamente nas engrenagens de nossa comunidade. • Eufemismo: Possuem a gostosura mansa de uma fonte nas montanhas – • Hipérbole: A força telúrica das ondas nas praias – • Paradoxo: Doce fortaleza 	
			<ul style="list-style-type: none"> • Metáfora: [...] as mulheres também não são mais aquelas que, em pé de igualdade, disputam [...]

	UM VIVA ÀS SOGRAS!!!	<ul style="list-style-type: none"> ● Metáfora: aquela <u>jararaca</u> ● Metáfora: a <u>peste</u> da minha sogra ● Ironia: Pois neste Dia Internacional da Mulher dedicamos a coluna às sogras, que também são mulheres e, como tal, merecem ser homenageadas. Ou não??? – ● Eufemismo: <u>cara amarrotada e tudo.</u> 	
--	----------------------	---	--

Fonte: De autoria própria.

Mercado de trabalho: as crônicas “Audácia das mulheres” e “Doces fortalezas” tratam o empoderamento e a ascensão das mulheres no mercado de trabalho. Porém, movido pelos modelos mentais androcêntricos, demonstram não concordar com a atual circunstância, porque, segundo fica implícito, representa uma ameaça à instância masculina. A partir da utilização de metáforas conceituais, o escritor mostra que o profissionalismo feminino é uma disputa constante com o homem, como se pode observar nos seguintes trechos: “a mulher encara a batalha na rua” (guerra ou disputa); “Enfrentam as dificuldades do cotidiano e enfrentam o batente no dia a dia” (trabalhar é travar uma briga); “movimentam galhardamente nas engrenagens de nossa comunidade” – (o trabalho da mulher é uma força motriz que movimenta a máquina que é a comunidade). “em pé de igualdade, disputam” (a disputa entre homens e mulheres nos setores sociais têm o conceito de guerra).

No discurso, o autor emprega figuras retóricas sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Na frase “a mulher encara a batalha na rua (num bom sentido)”, o cronista se utiliza do duplo sentido: dela ser prostituta ou estar no mercado de trabalho formal. Os parênteses, na frase “(num bom sentido)”, desfazem a ambiguidade, mostrando que se trata da segunda opção; todavia, evidenciam o duplo sentido, logo, causa a ironia.

Localizamos, na crônica “Doces fortalezas”, três figuras retóricas:

- 1) a primeira – “Possuem a gostosura mansa de uma fonte nas montanhas” - é um eufemismo para minimizar a sensualidade;
- 2) a segunda – “A força telúrica das ondas nas praias” – é uma hipérbole para exagerar a força das capixabas, uma vez que, conforme o cronista, realmente,

precisa ser forte para suportar o trabalho no lar, no mercado de trabalho e, ainda, aturar os maridos prepotentes;

3) a terceira – “Doce fortaleza” – é um paradoxo, uma particularidade da crônica.

Vida pessoal: na crônica, o escritor aborda a temática das mulheres, atualmente, conquistarem o homem. Entretanto, a questão é apresentada de forma que os leitores entendam que elas não deveriam ter esse direito. Com isso, observamos que prevalece a ideia machista de que o homem é quem deve tomar a iniciativa, fazendo a corte.

No trecho “são elas quem partem pra cima” (em cima, positivo), subentendemos a representação social de alguém que não se preocupa em fazer a corte. Mas, que domina o homem na arte da conquista e, portanto, coloca-se em uma posição superior à do homem. Na crônica “Doces fortalezas”, há uma metáfora com a mesma significação “[...] as mulheres têm tudo em cima”. O uso da metáfora alude o sentido das mulheres estarem em posição de superioridade. Além disso, a sexualiza, ao acrescentar a ideia de um corpo feminino jovem e viril.

Vida conjugal: na crônica “Audácia das mulheres”, o marido, além de trabalhar, passa parte de seu tempo com Isabel, a amante. Para isso, ludibria, esconde da esposa o ato de traição. O escritor, mais uma vez, por meio da metáfora “para a cara-metade ficar totalmente por fora” (recipiente), expõe que o marido mascara seus segredos para que a esposa não saiba o que ele faz da porta para fora.

De acordo com Macedo (1990), os relacionamentos extraconjugais são uma prática milenar no sistema patriarcal, na qual homens que traem suas esposas são enxergados pela sociedade como pessoas normais, viris. Contudo, se o oposto ocorre, as mulheres são rechaçadas enquanto sem valor, vadias, na linguagem popular. Como exemplo, lembramos de que o autor expõe que na Idade Clássica e Idade Média, os homens passavam um longo tempo fora do lar com prostitutas, enquanto as mulheres eram obrigadas a permanecer no lar realizando os afazeres domésticos.

Ainda na crônica “Audácia das mulheres”, há as seguintes figuras: ao usar a hipérbole “ele deu uma tremenda mancada”, exagera a falta cometida pelo marido em um tom de indignação, quando, ao dormir com sua esposa, falou o nome da

amante por algumas vezes. Ao trazer essas afirmativas, deixa, ainda, implícito que é de acordo com o relacionamento fora do casamento, já que se posiciona a favor do marido, a partir do uso “mancada”.

Com objetivo de amenizar os efeitos negativos da traição cometida pelo marido e, ainda ser de acordo com elas, o cronista utiliza os seguintes eufemismos: “e vive as suas aventuras extraconjugais, sempre com o maior cuidado”, “come-quieto” e “Pula a cerca”. Em outras palavras, posiciona-se a favor do relacionamento extraconjugual, contanto que não deixe evidente à esposa ou à sociedade.

Temperamento e caráter: em “Audácia das mulheres”, as metáforas conceituais nas frases “a mulher estava uma fera” e “havia dobrado a fera”, na visão masculina, passa a ideia de brincar com o temperamento e o caráter das mulheres. Contudo, ao invés da brincadeira, passa, uma visão androcêntrica de caráter pejorativo e ridicularizante das mulheres. Esses usos ocorrem, sobretudo, quando as mulheres se posicionam, de maneira não passiva, diante situações que mostram posições discordantes com as dos homens.

Na crônica “Um viva às sogras!!!”, entre as metáforas conceituais, estão, exclusivamente, as que se referem à sogra como “aquela jararaca”; “a peste da minha sogra”. A primeira, faz referência a um animal peçonhento e venenoso, ou seja, a sogra seria algo do mal que visa matar, representação perpassada no imaginário popular esse tipo de mulher. No caso, no relato dessa crônica, a sogra é uma mulher traiçoeira que observa e escuta as conversas e analisa tudo o que se faz. Essas informações colhidas por ela enriquecem as fofocas, usadas para acabar com a vida do genro Anacleto; já, a segunda, a base conceitual é a de que a pessoa é uma doença que destrói, relaciona-se com o caráter da pessoa. Há, ainda, uma hipérbole “A mulher na maior bronca do mundo”, em que a representa de forma negativa ao exagerar seu temperamento.

Na frase “Pois neste Dia Internacional da Mulher dedicamos a coluna às sogras, que também são mulheres e, como tal, merecem ser homenageadas. Ou não???” as figuras retóricas, por meio da pergunta, causa ironia, uma vez que, sendo a representação social da sogra pejorativa por certo as pessoas, não haveria concordância de que deve ser homenageada no Dia internacional da Mulher.

No excerto “[...] as coisas iam às mil maravilhas lá em casa [...]”, o autor se utiliza de um exagero para mostrar que a vida de Anacleto ia bem, em razão da ausência da sogra. Em “cara amarrotada e tudo”, há uma expressão eufemística, usada para amenizar o estado que a sogra ficou depois de ter sido espancada por Anacleto.

A expressão empregada pelo autor banaliza a violência contra a mulher, reforçando a crença de que essa prática é aceita e admitida na sociedade, ou seja, uma atitude normal praticada pelo homem. Há, portanto, a naturalização da violência, legitimada por meio de modelos mentais androcêntricos, construídos culturalmente e partilhados na sociedade que tornam a reprodução dessas atitudes masculinas como comuns.

Nas análises das crônicas, quanto às figuras retóricas, a instância masculina identifica as mulheres, por meio de uma representação social negativa, mostra-as como alguém que subverte o sistema androcêntrico: ao questionarem os homens sobre suas atitudes; ao se posicionarem diante algum fato; ao quererem se igualar a ele ou estarem em uma posição de superioridade; ao questionarem o que fazem da porta para fora.

Notamos que a mulher é ironizada quanto ao trabalho formal, o cronista, através dos usos linguísticos, deixa evidente que isso não é para ela. No Dia Internacional da Mulher, ao apresentar uma homenagem à figura pejorativa da sogra, ironiza, mais uma vez, as mulheres. As ironias são utilizadas como estratégias linguísticas para inferiorizar as mulheres e, ao mesmo tempo, gerar humor. Essas atitudes reforçam a face positiva do autor diante as mulheres, mas, sobretudo, os homens que seguem o androcentrismo. Ao passo que, reforça a face negativa para os leitores que lutam pela quebra do sistema patriarcal e misógino.

Em alguns momentos, o cronista exagera as qualidades negativas das mulheres, ao tratá-las como “fera”, mostrando que a TPM causa um temperamento explosivo e desmedido. Entretanto, como “jararaca”, a sogra é representada com as mesmas características dessa serpente: uma pessoa perigosa e traiçoeira, a sogra, de caráter deturpado, que não inspira confiança e, portanto, comportamentos que não são o que se espera de um ser humano. Contrariamente, as ações e os comportamentos do homem são apresentados por meio de eufemismos, que

amenizam o fato dele ter cometido traição, de ser traidor de sua esposa e de não levar a sério o casamento.

van Dijk (2012) considera as figuras retóricas como estratégias utilizadas pelos grupos sociais, nos eventos discursivos, para identificar particularidade de gênero, classe social, etnia, revelam abusos de poder. Nas análises dessa categoria, observamos que o autor, como instância masculina, ao destacar mais as mulheres do que os homens, compartilha a crença de que as mulheres são inferiores. Esse pensamento tem base na *Teoria do Androcentrismo* de Ward (1903) se utilizou de estudos da Zoologia, Biologia, Antropologia e da Filosofia para comprovar a inferioridade da mulher como atributo natural.

Por todos esses detalhes, como nas análises das demais categorias, ao inserir as figuras retóricas, faz uso de modelos mentais que apresentam uma imagem do grupo social masculino, realizando uma “autoapresentação” positiva do (NÓS) enquanto do grupo social feminino faz uma “outroapresentação” negativa do (ELAS).

A fim de compreender com mais detalhes as relações assimétricas existentes entre o grupo social masculino e o grupo social feminino, retomamos o Quadrado ideológico de van Dijk (2003):

- 1) no primeiro item “ênfatisar aspectos positivos sobre eles (homens ± machistas)”, observamos na hipérbole “[...] as coisas iam às mil maravilhas lá em casa”, que o cronista destaca que Anacleto cuidava muito bem da família na ausência da sogra;
- 2) no segundo “ênfatisar aspectos negativos sobre elas (mulheres ± feministas)”, identificamos metáfora, como “uma fera”, “a fera”, há a base conceitual relacionada com o temperamento da mulher. No mesmo sentido, a hipérbole “na maior bronca do mundo” foi utilizada com objetivo de exagerar o temperamento. Outras metáforas, como “aquela jararaca” e “a peste”, caracterizam a mulher como mau caráter, por exemplo, como alguém que gosta de estabelecer conflito, malcriado e mal-humorado. Além disso, traiçoeira, traidora, falsa e fingida.
- 3) no terceiro “(des)ênfatisar aspectos negativos sobre eles (homens ± machistas)”, os eufemismos amenizam os aspectos negativos da traição praticada

pelo homem. Dessa forma, a traição é referida apenas como “aventuras extraconjugais”, “pular a cerca”, enquanto o traidor é um “come-quieto”.

4) no quarto “(des)enfatizar aspectos positivos sobre elas (mulheres ± feministas)”, o autor trata sobre as mulheres buscarem os direitos sociais. Esta foi uma conquista depois de muita luta do movimento feminista. Contudo, ao tratar o tema nas crônicas, o escritor utiliza: a Ironia em relação a busca pelo mercado de trabalho, como “[...] a mulher encara a batalha na rua (num bom sentido)”; metáforas “Enfrentam as dificuldades”, “enfrentam o batente”, que mostra o sentido conceitual de que ela trava uma guerra com o homem para conquistar seu espaço; outras metáforas “têm tudo em cima”, que denota uma corrida de pódio ao passo que dá ênfase à sensualidade da mulher.

Macroestrutura e Superestrutura argumentativa da crônica do cotidiano

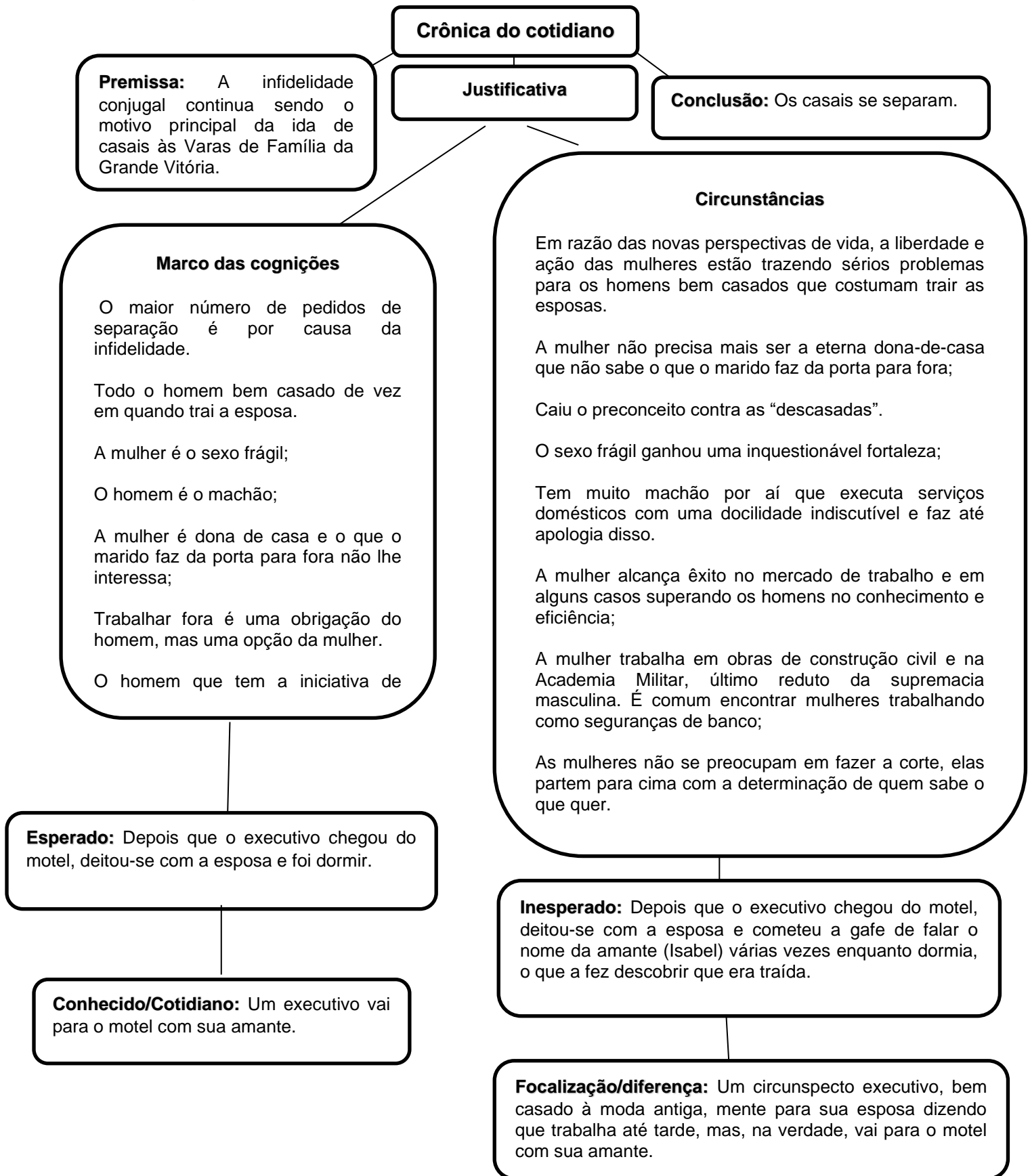
Adiante, estão indicadas as categorias que representam os diferentes níveis que constituem cada uma das etapas do conteúdo da argumentação. De acordo com van Dijk (1978), a superestrutura argumentativa é reproduzida pela macroestrutura e não pelas frases originais.

No texto 2, 3 e 4, o cronista fez a escolha temática a partir de fatos do cotidiano, usuais e frequentes. Participou do marco de cognição social o grupo social masculino, que realiza uma homenagem às mulheres nos meses dedicados às mães e às noivas e a todas no Dia Internacional da Mulher.

Em seguida, apresentamos a superestrutura da crônica do texto 2³²:

³² Anexo C.

Figura 13 – Superestrutura argumentativa da crônica “Audácia das mulheres”



Na superestrutura argumentativa da crônica “Audácia das mulheres”, inicialmente, a partir de fatos comuns e esperados no cotidiano, focaliza a situação de um executivo que mente para a esposa, dizendo trabalhar até mais tarde, mas, na verdade, vai para um dos hotéis da Grande Vitória/ES com Isabel, sua amante. Entretanto, a novidade concebida para prender a atenção do leitor é o fato de o executivo, ao chegar à casa, adormece ao lado da esposa e chama o nome Isabel, a amante, por várias vezes. Observamos que sobre esse fato diferente, são elaborados vários argumentos para comprovar a premissa “A infidelidade conjugal continua sendo o motivo principal da ida de casais às Varas de Família da Grande Vitória” e chegar a uma conclusão aceitável pela sociedade.

As “Circunstâncias” são argumentos criados, oriundos de modelos mentais escolhidos. Em razão do mês de maio ser dedicado às mães e às noivas, começa a construir argumentos que apontam para as novas perspectivas de vida atual das mulheres e sobre o empoderamento. Esses argumentos de seus modelos mentais são construídos, paradoxalmente, com o “Marco de cognição social”, que representa a ideologia do grupo social masculino.

Observemos, a seguir, alguns modelos mentais androcêntricos conferidos com o “Marco de cognição social”. Por exemplo, quando menciona que “A mulher não precisa mais ser a eterna dona de casa que não sabe o que o marido faz da porta para fora”, subentendemos que a crença que prevalece é a da divisão social do trabalho, construída culturalmente, em que as mulheres ocupam as atividades internas, ou seja, de dona de casa; enquanto o marido as atividades externas, como aquele que trabalha fora e é o provedor.

Outro argumento exposto está presente no trecho “Caiu o preconceito contra as “descasadas”, o escritor evidencia a crença estereotipada de que a divorciada ou solteira é uma pessoa leviana, representa, portanto, um modelo negativo para outros casamentos. O termo “descasadas” denota preconceito existente configurado pelos modelos mentais androcêntricos. Em outras palavras, o estigma é legitimado no processo de construção do paradigma androcêntrico. Destarte, as posições defendidas e expostas pelo autor remontam ao período da Idade Média, que, conforme expõe Macedo (1990), as mulheres tinham por obrigação serem casadas, do contrário, seriam mal afamadas.

Em “O sexo frágil ganhou uma inquestionável fortaleza”, representa como o sexo frágil, um estereótipo feminino e um modelo mental relacionado à inferioridade física e cognitiva das mulheres, em relação ao homem. Ao expor “Tem muito machão por aí que executa serviços domésticos com uma docilidade indiscutível e faz até apologia disso”, expõe duas possibilidades de sentido:

- 1) na primeira, remetemos à Lazar (2005), a autora faz um estudo em Singapura, com o objetivo de saber se o fato de os homens assumirem os serviços domésticos diminuiria o machismo. Como resultado, a pesquisadora constatou o sentimento machista dos homens não foi alterado;
- 2) na segunda, o autor se refere aos homens mais ou menos afeminados, gays ou gays casados.

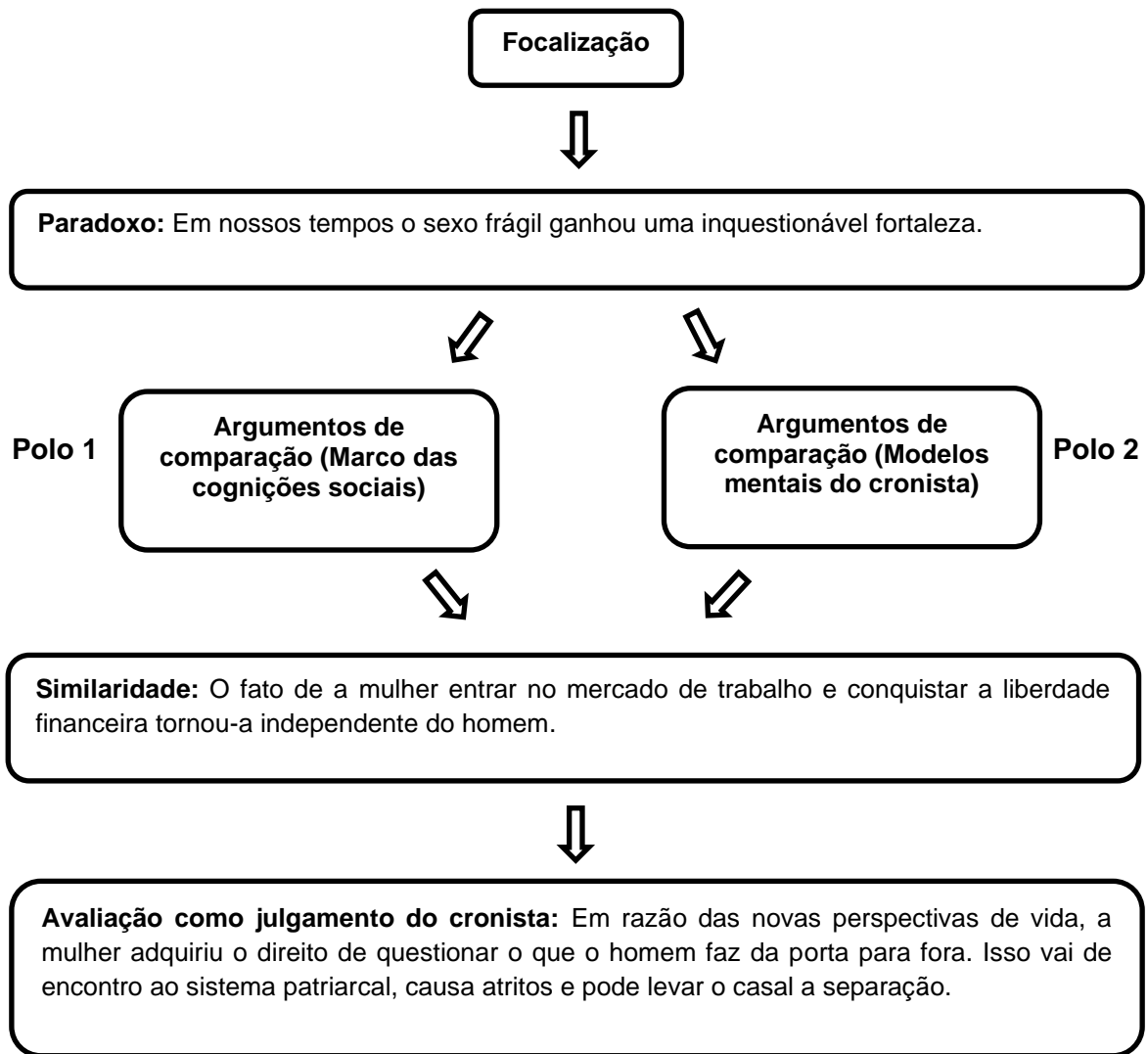
A crônica, ainda, mostra que as mulheres, hoje, trabalham em atividades que antes eram preferencialmente masculinas, como: “[...] em obras de construção civil e na Academia Militar, último reduto da supremacia masculina. É comum encontrá-las trabalhando como seguranças de banco”. Mais adiante, o cronista não concorda com a ascensão delas no mercado de trabalho.

Em outro argumento, ao expor que não se preocupam em fazer a corte, mas que “elas partem para cima com a determinação de quem sabe o que quer”, as desrespeita, visto que exagera na forma como a mulher age como se fosse alguém imoral, o que traz constrangimento.

Apesar do cronista trabalhar com o discurso de empoderamento, resume o que pensa no seguinte fragmento: “[...] a liberdade e ação das mulheres estão trazendo sérios problemas para os homens bem casados [...]”, que costumam trair as esposas, isso porque, nas novas perspectivas de vida, a infidelidade masculina leva ao fim do casamento, devido à independência que têm do homem. Na exposição dos argumentos, são atravessados modelos mentais androcêntricos estereotipados, tais como: a “dona de casa”, “sexo frágil”, “as descasadas/”, além de frases que desrespeitam a mulher.

Posto isso, observamos que as ideias paradoxais sofrem uma similaridade para que o discurso aponte para um desfecho que o torne aceito socialmente. Na Figura 14, abordamos como ocorre o processo argumentativo na construção da crônica:

Figura 14 – Estrutura textual da focalização da crônica “Audácia das mulheres”



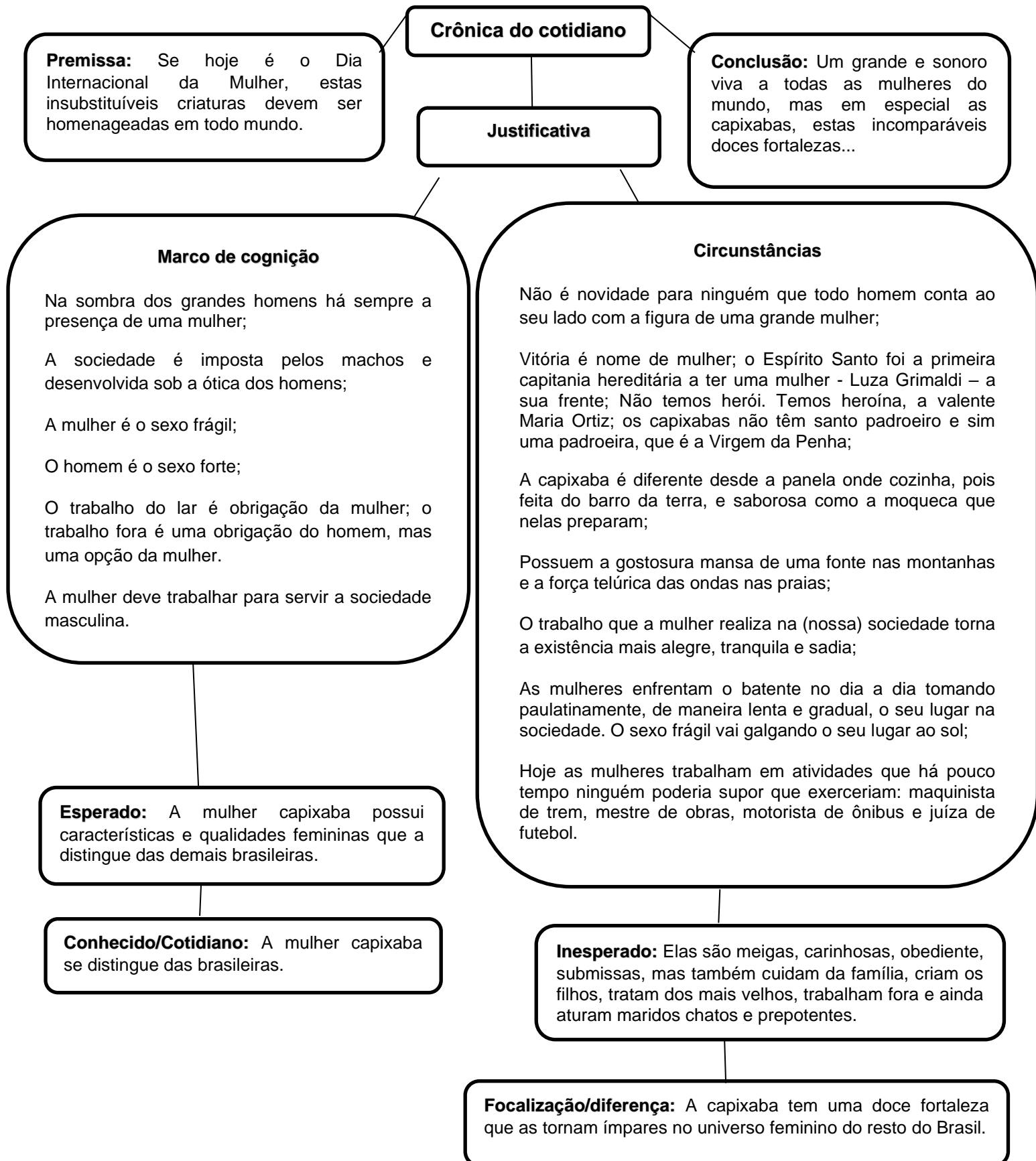
Fonte: Elaborado a partir dos estudos de Gabriel Jr. (2010).

Por intermédio dessa figura, observamos que, na focalização do fato, realiza-se uma confrontação de argumentos entre as “Circunstâncias” e o “Marco de cognição”, que se torna um “Paradoxo”. Nele, observamos que se faz o leitor acreditar que as questões relacionadas à divisão social do trabalho estão resolvidas, uma vez que os homens realizam atividades domésticas. No entanto, o machismo é institucionalizado, estruturado e naturalizado na sociedade. Sendo assim, não acabou. Corroborando com essa afirmação, a pesquisa de Lazar (2005) apontou que o machismo prevalece, independente da atividade que o homem realize.

Os argumentos de comparação sofrem uma similitude, levando o cronista a considerar que, no momento que as mulheres trabalham fora, estudam, conhecem

seus direitos, tornam-se independentes do homem, ou seja, passam a questionar o sistema androcêntrico. Essa reflexão julga que as mulheres ou vão de encontro ou ameaçam o sistema androcêntrico, posto que, o grupo social masculino preza para que o sistema continue estável. Ao elaborar essa opinião, o escritor justifica a premissa e a conclusão. Em consequência disso, embora no relato seja o homem que trai, explicitamente os argumentos sustentam a opinião de que a culpa pela separação é da mulher.

Figura 15 – Superestrutura argumentativa da crônica “Doces fortalezas”



Fonte: elaborado a partir dos estudos de Gabriel Jr. (2010).

Na crônica “Doces fortalezas”, em razão do Dia Internacional da Mulher, o cronista faz um relato com o objetivo de homenagear as mulheres, em especial, as capixabas. Para isso, focaliza características que as distinguem dentre as brasileiras: elas têm uma “doce fortaleza”, ou seja, são meigas, carinhosas, obedientes, submissas. Além disso, cuidam da família, criam os filhos, tratam dos mais velhos, trabalham fora e, ainda, segundo ele, aturam os maridos chatos e prepotentes. O paradoxo é uma declaração androcêntrica negativa, que fica implícita na crônica. Assim, a significação aparente, explícita e superficial que o leitor logo entende, é que as capixabas são determinadas, decididas e motivadas.

Posto isso, elabora argumentos, a partir do confronto entre as “Circunstâncias” e o “Marco de cognição social”, que são as ideologias do grupo social masculino. Ao mesmo tempo, busca razões para justificar a distinção das capixabas do restante das brasileiras. Os argumentos são organizados por meio de modelos mentais androcêntricos.

A seguir, apresentamos alguns argumentos expostos. Inicialmente, quando ressalta que “[...] todo homem conta ao seu lado com a figura de uma grande mulher”, recupera modelos mentais androcêntricos, mesmo que ideologicamente, ou seja, no “Marco de cognição social” em que está inscrito “Na sombra dos grandes homens há sempre a presença de uma mulher”. Esses pontos são sustentados quando declara que “a sociedade é imposta pelos machos e desenvolvida sob a ótica dos homens”. Logo, o argumento que parece homenageá-las, dizendo que estão lado a lado e com quem o homem pode contar, verdadeiramente, está amparado por um pensamento que as inferioriza.

De igual modo, expõe a importância que as capixabas representam para os capixabas: aponta a capital Vitória/ES, como nome de mulher; Luza Grimaldi, como a primeira no Espírito Santo a assumir uma capitania hereditária; Maria Ortiz, como a heroína capixaba; e a Virgem da Penha, ícone da fé capixaba.

O autor deixa explícito que, qualquer realização conquistada pelas mulheres, será feita em uma sociedade machista. Ao salientar isso, faz uso de prerrogativas machistas e preconceituosas, sobretudo quando expõe que tudo, na sociedade, foi construído por homens e, as mulheres, são somente um meio para a realização do

projeto masculino. Com isso, ideologicamente, impõe-se limites estabelecidos para elas na sociedade.

Alguns argumentos reforçam a visão supracitada: “A capixaba é diferente desde a panela onde cozinha, pois feita do barro da terra, e saborosa como a moqueca que nelas preparam”. Neste trecho, é exposta uma rivalidade em forma de diferença da capixaba em relação ao universo feminino. O cronista compara a panela de barro, um objeto cultural do Estado; com as capixabas, fruto dessa terra. Em outras palavras, há uma objetificação da mulher.

De acordo com Pedro Maia, a figura feminina, responsável pela preparação da moqueca, é uma iguaria cultural do Espírito Santo, saborosa assim como a moqueca. Nessa comparação, o autor expõe os modelos mentais androcêntricos, como: as capixabas são representadas como um objeto de desejo e dona de casa, portanto, estereótipos femininos; além do mais, desrespeita-as ao apresentá-las de forma sexual. No outro argumento “Possuem a gostosura mansa de uma fonte nas montanhas e a força telúrica das ondas nas praias”, usa palavras que as sexualizam. Adiante, este argumento se liga ao paradoxo com o qual distingue a mulher capixaba.

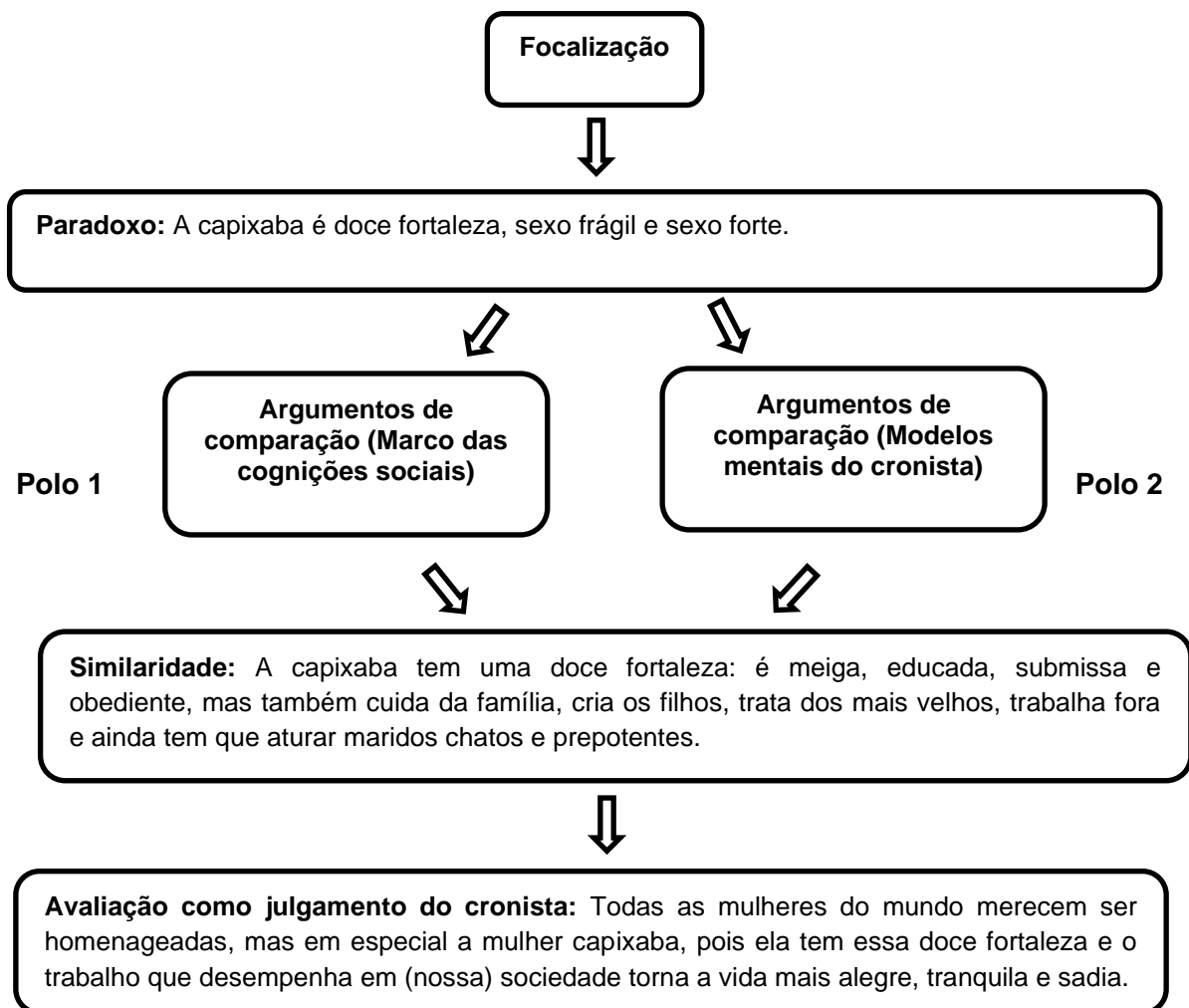
Mais uma vez, o escritor traz uma perspectiva machista ao apontar que “O trabalho que a mulher realiza na (nossa) sociedade torna a existência mais alegre, tranquila e sadia”, pois as coloca em posição de serva do homem. Em outras palavras, são um meio para tornar a sociedade androcêntrica melhor, ajuda a levar a frente os projetos masculinos. Aliás, o pronome possessivo “nossa” evidencia que a sociedade é imposta pelos homens, além de demonstrar o pertencimento dele ao grupo social masculino.

No argumento “As mulheres enfrentam o batente no dia a dia tomando paulatinamente, de maneira lenta e gradual, o seu lugar na sociedade. O sexo frágil vai galgando o seu lugar ao sol”, denota louvar o esforço delas em querer conquistar espaço na sociedade masculina ou se igualar ao homem no mercado de trabalho. Mas, contrariamente, as palavras funcionam mais como um desestímulo, uma vez que o reconhecimento que esperam, nas diversas áreas, acontece em um processo paulatino, lento e gradual. Além do mais, é tratada como o sexo frágil, um modelo mental que as inferioriza.

No fragmento “Hoje as mulheres trabalham em atividades que há pouco tempo ninguém poderia supor que exerceriam: maquinista de trem, mestre de obras, motorista de ônibus e juíza de futebol”, embora mostre ao leitor que, atualmente, as mulheres exercem profissões socialmente consideradas masculinas. Na prática, o cronista passa uma visão machista, evidenciada no trecho “até pouco tempo ninguém poderia supor que exerceriam”. Nessa afirmação, observamos a crença androcêntrica de que as mulheres sejam incapazes, por serem inferiores ao homem ou por terem menos força física e cognitiva.

Na Figura 16, a confrontação de argumentos entre as “Circunstâncias” e o “Marco de cognição social” se processa até ao ponto em que se torna uma opinião que justifica a “Premissa” e a “Conclusão”.

Figura 16 – Estrutura textual da focalização da crônica “Doces fortalezas”



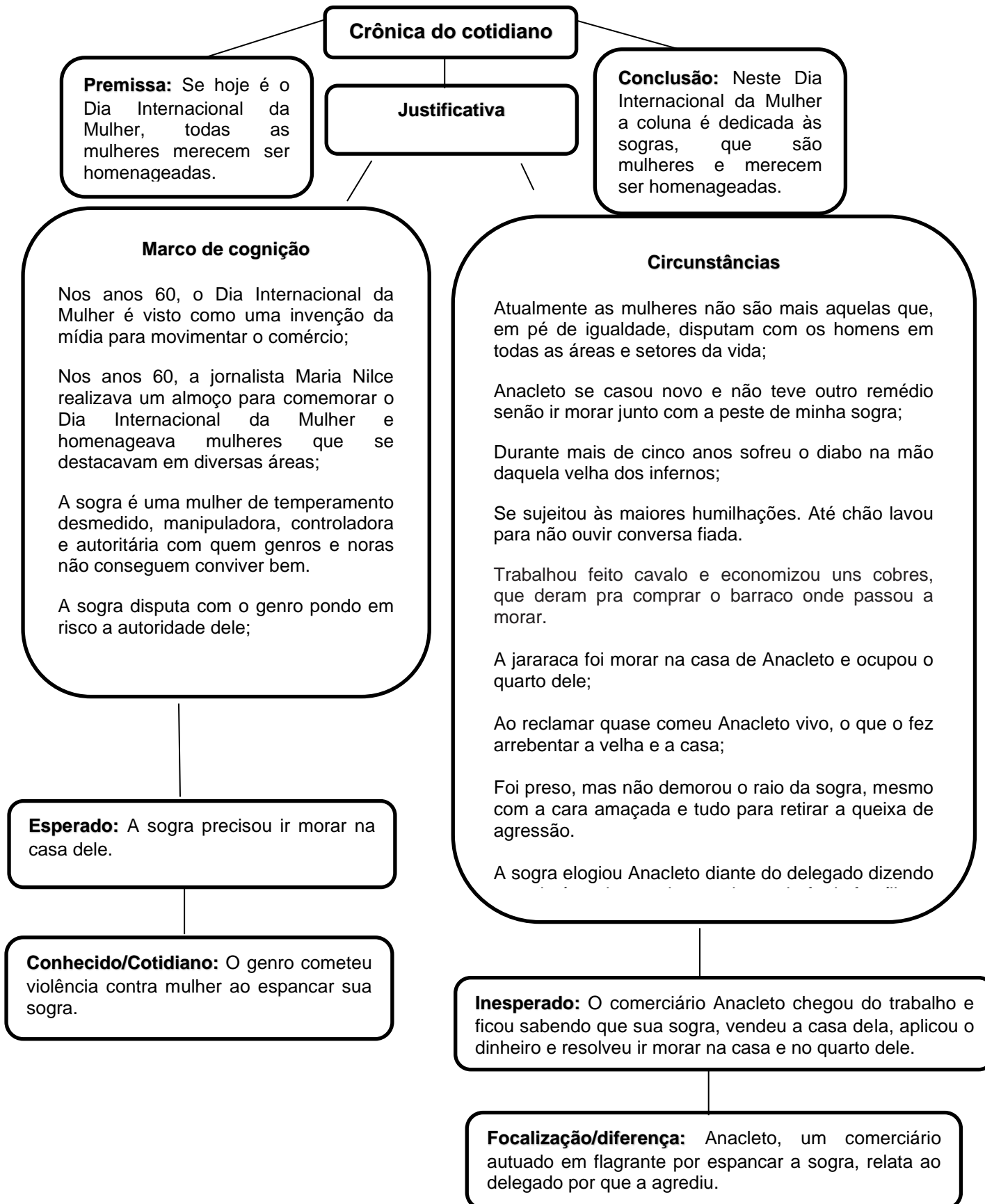
Fonte: elaborado a partir dos estudos de Gabriel Jr. (2010).

Nesse caso, primeiramente, a confrontação de ideias dá origem a um paradoxo em que as capixabas são evocadas pela representação social de “doce fortaleza” e sexo frágil/sexo forte. Mas, o argumento sofre uma “similitude”, assinalando, ao mesmo tempo, a mulher capixaba como doce (são meigas, carinhosas, obedientes e submissas) e fortaleza (cuidam da família, criam os filhos, tratam dos mais velhos, trabalham fora e ainda aturam maridos chatos e prepotentes). Por fim, os argumentos evidenciam que todas merecem a homenagem no Dia Internacional da Mulher, mas em especial as capixabas por terem esta “doce fortaleza”. A partir do contexto, notamos uma constatação machista: as capixabas, dentre as brasileiras, merecem ser homenageadas, pois realizam um importante trabalho para a sociedade, é obediente e submissa, quando cuida da casa, dos filhos, dos mais velhos, trabalha fora e atura os maridos chatos e prepotentes. Dessa forma, contribui, na visão do autor, para tornar a sociedade masculina mais alegre, tranquila e sadia.

Na exposição dos argumentos, as capixabas são homenageadas por sua força e determinação em conquistar seu lugar na sociedade, de paradigma androcêntrica. Contudo, essa conclusão é uma ironia e zombaria às mulheres, isso porque, inicialmente, determina que a sociedade é imposta pelos homens. Sendo assim, conforme o cronista, as ações femininas são realizadas sob esse paradigma. Posteriormente, reforça a ideia de que as mulheres trabalham em prol da sociedade masculina e para o bem-estar dela.

A partir das crônicas e do discurso empregado pelo autor, observamos que o intuito é desestimular a luta das mulheres. Para isso, mostra, a partir de um discurso machista e desrespeitoso, que não há muito a ser feito pelas mulheres, a não ser se submeterem ao modelo androcêntrico. Ademais, utiliza estereótipos femininos para representar a mulher ideal, de acordo com a ideologia androcêntrica.

Figura 17 – Superestrutura argumentativa da crônica “Um viva às sogras!!!”



Na crônica “Um viva às sogras!!!”, apresenta o desentendimento entre Anacleto, um comerciário, e sua sogra. O desvelar da situação, acaba em violência contra as mulheres. No Dia Internacional da Mulher, ao invés de homenageá-las, o autor traz a figura da sogra, representada de forma pejorativa.

Ao observarmos o desenrolar das circunstâncias, a partir dos argumentos elaborados, observamos que a sogra seria homenageada. Contudo, ao lermos com maior profundidade, percebemos modelos mentais androcêntricos que atravessam os argumentos, exagerando as crenças negativas a respeito da sogra, ou seja, uma mulher, mãe e cisgênero.

No seguinte trecho da crônica “Atualmente as mulheres não são mais aquelas que, em pé de igualdade, disputam com os homens em todas as áreas e setores da vida”, Pedro pressupõe que o leitor acredite que a luta feminista pela igualdade de gênero foi superada. No entanto, notamos explicitamente que é narrada, na crônica, uma desavença entre Anacleto (homem) e a sogra (mulher) pela autoridade. Esse é um exemplo que mostra que a demanda pelos direitos sociais ainda não foi superada. Para o grupo social dos homens, a luta coloca em risco o paradigma androcêntrico.

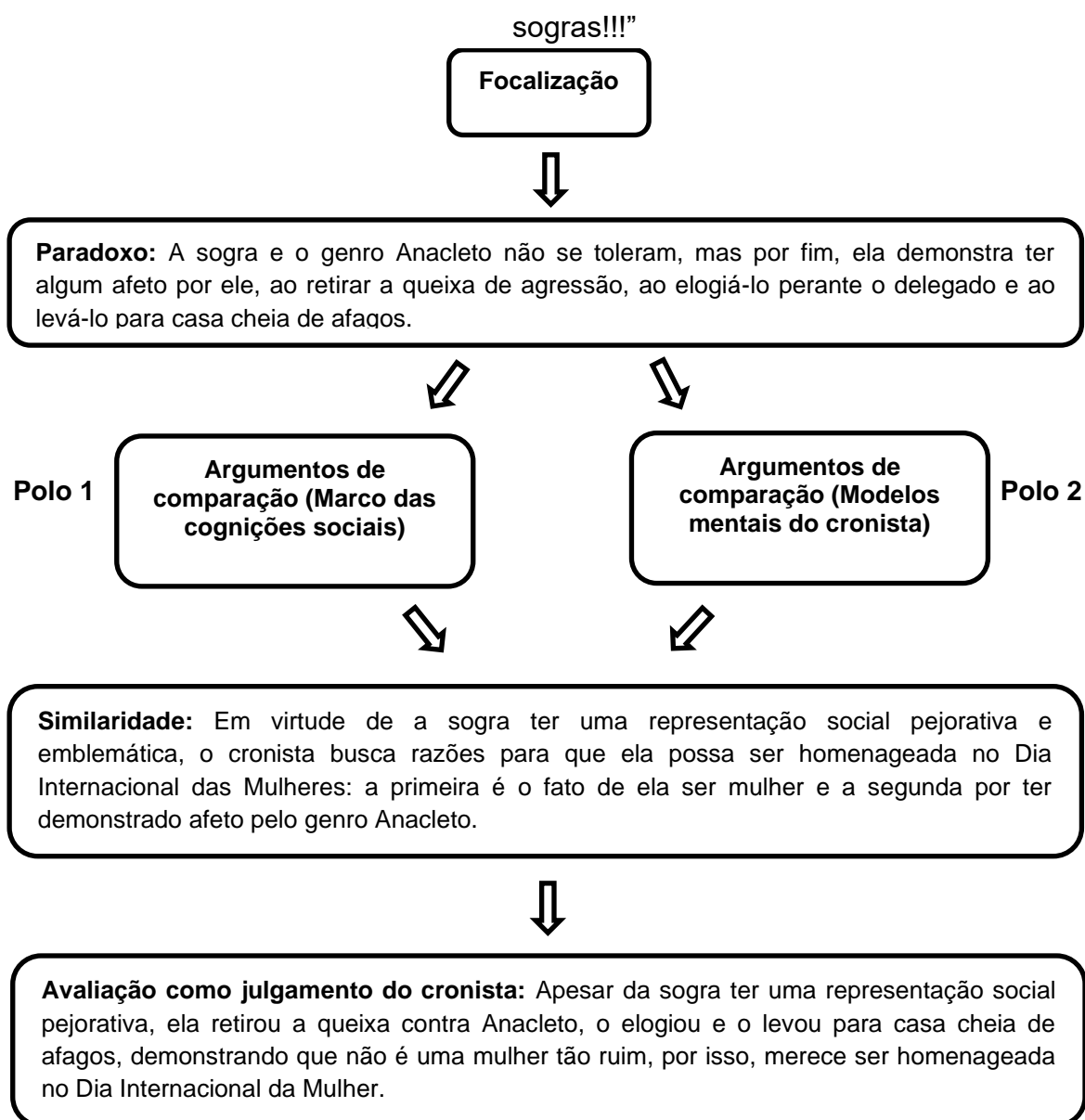
Diversos trechos da crônica mostram argumentos em defesa de Anacleto e em detrimento da sogra. Dessa forma, apresenta a personagem masculina como uma pessoa que, assim que se casou, sofreu muitas humilhações nas mãos da sogra a quem denomina de “peste”, “velha dos infernos” e “jararaca”. Observamos que, enquanto se constrói a representação social de Anacleto como um homem íntegro; a representação social da sogra é de uma mulher desprezível.

Anacleto trabalhou muito para comprar uma casa para se ver livre da situação em que estava exposto, quando tudo estava bem, ao chegar do trabalho, soube que a sogra vendeu a casa dela, aplicou o dinheiro e foi morar na casa e no quarto dele. Esse fato inesperado é posto para surpreender o leitor, cuja finalidade é mostrar que é mau caráter como sogra/mulher, pois vendo uma oportunidade de se dar bem, decidiu aproveitá-la, levando em consideração que Anacleto lhe devia um favor.

Porém, quando o genro reclamou, ela quase o “comeu vivo”. Por esse motivo, acabou arrebatando a velha e a casa. A expressão utilizada no argumento atribui o sentido de que ela excedeu o temperamento, mas isso não impediu Anacleto de

espancá-la, mostrando a truculência do homem ao agir contra as mulheres e, ideologicamente, a superioridade sobre ela. Na Figura 18, vemos o processo que ocorre com essa confrontação dos argumentos do cronista no Polo 1 e no Polo 2, levando-o a formar uma opinião para justificar o fato da sogra fazer jus à homenagem no Dia Internacional da Mulher.

Figura 18 – Estrutura textual da focalização da crônica “Um viva às



Fonte: Elaborado a partir dos estudos de Gabriel Jr. (2010).

Por essa violência, a sogra denunciou Anacleto, que foi preso pela polícia. Diante do delegado, relata o acontecido. Duas horas depois que estava na sela, “o raio da

sogra, mesmo com a cara amassada e tudo apareceu para retirar a queixa de agressão”.

Desde o início da exposição dos fatos, a construção da imagem de Anacleto e da sogra se destoam, pois os modelos mentais androcêntricos no argumento levam o leitor a se compadecer da situação de Anacleto e a absolvê-lo. Enquanto isso, a sogra é vista como uma pessoa diabólica, que faz intrigas e de mau caráter. Contudo, não obstante a representação negativa, no desfecho da crônica, mostra que ela se dirige à delegacia para retirar a queixa de agressão, elogiar Anacleto e levá-lo para casa cheia de carícias.

Como o cronista precisa encontrar uma razão para prestar uma homenagem às sogras, em meio a essa representação negativa, faz um argumento de concessão que, por certo, é o ponto de vista que justifica a realização dessa homenagem. Porém, o precedente aberto acerca do caráter da sogra/mulher não é porque se deseja mostrar a bondade dela.

No Brasil, é comum a mulher ser agredida e retirar a queixa pelo fato de o homem ser o provedor. Certamente, a esposa de Anacleto é dona de casa e necessita dele para sustentar a família e, até mesmo, da sogra, que se inclui como parte dela. Notamos nisso, mais uma vez, a figura de Anacleto como vítima da maldade da sogra, embora ela tenha sofrido a violência.

Como observamos, a violência é tratada, apenas, como “uma cara amassada e tudo”, uma forma bem-humorada de fazer o leitor não dar a devida importância ao crime. Dessa forma, é como se o modelo mental pejorativo de sogra (controladora, autoritária etc.), construído e partilhado socialmente, justificasse a culpa dela nos atos violentos cometidos por ele. Observamos, portanto, a forma como a violência contra as mulheres é banalizada. Nessa crônica, o ato de violência é um exemplo do que é notado na mídia diariamente, o que nos leva a considerar que ocorre uma naturalização da violência entre as camadas da sociedade. Não obstante, a atitude da mídia acaba por legitimar ou reforçar a crença de que o comportamento do homem deve ser machista.

A partir das pesquisas realizadas pelo GEDIM, como, por exemplo, a de Natale (2015), a de Demoner (2018), a de Tomazi (2019, 2020) e a de Tomazi e Rezende

(2022), que a mídia, além de compartilhar a representação social, transfere a culpabilidade do agressor para a vítima, ou seja, no caso da crônica, do agressor Anacleto para a vítima, a sogra.

7. CONCLUSÃO

Retomamos, primeiramente, os objetivos propostos, a fim de revê-los. O objetivo geral foi verificar a representação social da mulher em crônicas capixabas, escritas por Pedro Maia. Analisar esse tema a partir desse material, fez com que buscássemos, no contexto sócio-histórico, a origem do machismo, reforçado pelo androcentrismo, perspectiva teórica, com base em estudos científicos rasos, que admite a inferioridade feminina.

Embora esse pensamento esteja ultrapassado atualmente, perdura em forma de modelos mentais, razão pela qual nos textos orais e escritos são percebidas marcas discursivas machistas e estereotipadas contra a mulher. Esse tema é estudado por analistas dos Estudos Críticos do Discurso, de vertente sociocognitiva, especialmente do GEDIM/UFES, nas diversas mídias, suscitando contribuições com as da presente Dissertação.

Examinamos as crônicas jornalísticas de Pedro Maia, poucos são os trabalhos que se estudam esse gênero textual, a partir dos Estudos Críticos do Discurso de vertente sociocognitiva. Dos encontrados, na pesquisa bibliográfica, foram realizados na PUC/SP.

Retomamos, também, os objetivos específicos:

1) identificar como o ponto de vista androcêntrico aparece nas crônicas de Pedro Maia, por meio de análises de estruturas e de estratégias discursivas.

O uso das categorias elencadas nas análises, permitiu-nos identificar, nas estruturas discursivas, elementos textuais/discursivos, que revelaram valores culturais e ideológicos, implicam diretamente na construção de crenças compartilhadas pelo escritor. A representação social das mulheres ocorre a partir das cognições sociais. Ideologicamente, na sociedade, o paradigma observado nas crônicas, de Pedro Maia, é o androcêntrico, cuja orientação é masculina.

Na crônica “Audácia das mulheres”, a representação social da mulher, segundo o cronista, é a de: intrépida, insolente, atrevida, ousada e, até mesmo, abusada, que luta pelos seus direitos, questiona e ameaça o sistema androcêntrico. Como é um tipo que incomoda, percebemos que são usados elementos textuais/discursivos para

se referirem, por exemplo, à amante como égua e lebre abatida; à esposa como fera. Por fim, há ainda expressões como: sexo frágil, descasada e eterna dona de casa.

Na crônica “Doces fortalezas”, as capixabas são representadas como sexo frágil, dócil, meiga, educada, carinhosa e obediente. Mas, também, como o sexo forte, vigorosa, firme e segura. Em outras palavras, de acordo com o emissor, a mulher é submissa, mas, por fazer uso dos seus direitos, precisa ser forte para dar conta do serviço de dona de casa, do mercado de trabalho e, ainda, suportar os maridos chatos e prepotentes. O paradoxo apresentado é, também, uma ironia e uma zombaria às capixabas.

Na crônica “Um viva às sogras!!!”, a representação social apresentada é de uma mulher de temperamento exagerado e de atitude manipuladora, controladora e autoritária. Sendo assim, é uma forma irônica de homenageá-la. As mulheres, representadas de maneira submissas, disputam com os homens em pé de igualdade em todas as áreas e setores da vida. No texto, um exemplo disso é a disputa pela autoridade do lar entre genro e sogra. Por esse motivo, ela é caracterizada como jararaca, diabo, velha e raio. A desavença termina em um caso de violência doméstica contra a mulher.

2) descrever a maneira pela qual o discurso jornalístico nas crônicas de Pedro Maia contribui com as desigualdades entre os gêneros masculino e feminino.

Ao observarmos a análise das crônicas, percebemos que Pedro Maia trata as mulheres de forma desigual em relação ao homem. Na crônica “Audácia das mulheres”, ao abordar o crescimento do número de separação de casais na Grande Vitória, narra um triângulo amoroso entre o marido, a esposa e Isabel, a amante. Na narrativa, o marido é descrito de forma elevada como “nosso amigo”, “circunspecto executivo” e “cidadão bem-casado”. Nesse sentido, a atitude desse homem ao trair a esposa com Isabel, embora seja negativa, é, conforme o autor, julgada como normal: ele é apontado como um “cidadão discreto” e um “come-quieto”.

O motivo da separação não recai à traição e, sim, ao fato de as mulheres adentrarem ao mercado de trabalho, ao fazerem parte da renda familiar, trazem também o direito de saberem o que o marido faz fora de casa. Segundo o cronista,

“essa liberdade e ação das mulheres estão trazendo sérios problemas para os homens”. Dessa forma, em detrimento ao esposo, a esposa é referenciada como “fera”, uma pessoa de temperamento desmedido, o que lembra o rótulo de doida e de louca.

Diante das exposições, percebemos que a opinião do cronista defende a atitude masculina e culpa a esposa pela separação, em razão de sua audacidade e questionamentos, além de interferirmos, mais uma vez, o modelo androcêntrico.

Na crônica “Doces fortalezas”, Pedro Maia constrói um paradoxo como uma particularidade das capixabas, que, ao mesmo tempo em que são o sexo frágil ou submissa, isto é, vivem a sombra dos grandes homens, mas falseando sua condição e se fazendo de sexo forte. Isso é necessário, segundo o cronista, porque precisa cuidar da família, criar os filhos, tratar dos mais velhos, trabalhar fora e, além de tudo, aturar os maridos chatos e prepotentes.

O cronista, ao construir esse paradoxo, de certa forma, constrói também uma ironia à mulher capixaba. Em sua opinião, ao buscarem o direito de trabalhar fora, igualam-se aos homens e adquiriram a culpa pelo acúmulo das responsabilidades. O autor defende, ainda, o modelo androcêntrico, mostrando que a sociedade é imposta pelo poder masculino e desenvolvida sob a ótica dos homens; a mulher, por outro lado, vive à sombra dos homens, é desestimulada, porque, além de conquistar seus direitos de forma gradual e paulatinamente, está adquirindo mais afazeres.

Na crônica “Um viva às sogras!!!”, Pedro Maia constrói a representação social de Anacleto como um bom pai de família, trabalhador e honesto em detrimento à representação social da sogra, como mulher desprezível e que, além disso, foi espancada pelo genro. Anacleto, apesar de ter cometido a violência, representação social positiva que o cronista aponta no argumento, faz com que o leitor o absolva. Contrariamente, em relação à sogra, é como se o modelo mental pejorativo (controladora, autoritária etc.), construído e partilhado socialmente, justificasse a culpa dela nos fatos. Portanto, observamos que o cronista transfere a culpabilidade do agressor para vítima, ou seja, no caso da crônica, de Anacleto para a sogra.

3) Explicar as bases do discurso androcêntrico nas crônicas de Pedro Maia e sua permanência em forma de modelos mentais.

Mostramos que a base do androcentrismo seguiu um processo iniciado com os primeiros relatos míticos, que justificaram a inferioridade das mulheres como algo construído de forma natural, dando origem ao sistema patriarcal. Esse sistema admite o homem como o centro das decisões da família e da sociedade, baseados no imaginário mitológico. Ward (1903) partiu desses conhecimentos para provar a inferioridade física e cognitiva da mulher, em relação ao homem, com o apoio da ciência.

Apesar da fraca argumentação que sustenta a teoria, o androcentrismo perdura em forma de modelos mentais e cognições sociais, vistas, por exemplo, nas crônicas analisadas. A medida em que o cronista, como participante do grupo social masculino, utiliza esse modelo mental para colocar as personagens masculinas em evidência, e as personagens femininas como figuras secundárias. O escritor utiliza as opiniões e argumentos em defesa do homem, enquanto as mulheres recebem a culpa por seus atos. Os homens recebem qualidades elevadas ou negativas, mas que acentuam o machismo, enquanto elas recebem designações estereotipadas e desrespeitosas.

Nas crônicas “Audácia das mulheres”, “Doces fortalezas” e “Um viva às sogras!!!”, Pedro Maia faz uma homenagem ao Dia das Mães e das Noivas e ao Dia Internacional das Mulheres, trata, de maneira machista, o empoderamento e a ascensão das mulheres ao mercado de trabalho. Deixa evidente que não aceita as lutas conquistadas pelos movimentos feministas, algo que incomoda e ameaça o sistema androcêntrico.

Em “Audácia das mulheres” e em “Um viva às sogras!!!”, estabelece os papéis sociais de cada personagem: elas são citadas como esposa, sogra e amante. Nas três crônicas, há uma divisão social do trabalho em que o ofício de dona de casa sempre é frisado como uma responsabilidade das mulheres. Com isso, mostra que as atividades internas são legadas às mulheres.

O homem, por outro lado, é atribuído um destaque como pai, esposo, genro, o provedor, um circunspecto executivo, bem-casado, casado à moda antiga, um comerciário, bom pai e excelente chefe de família. Em “Audácia das mulheres”, a traição é vista como algo normal para os homens bem-casados, por outro lado, a esposa é uma pessoa ingênua, que não deve ficar a par daquilo que o marido faz

fora de casa. Com isso, o autor reforça o discurso de que as atividades masculinas são externas ao lar, já em “Doces fortalezas”, o homem é citado como parâmetro da construção da sociedade.

Nas crônicas analisadas, observamos ideologias e atitudes que representam modelos mentais e cognições sociais de práticas androcêntricas. O cumprimento dos objetivos supracitados, traz contribuições para as seguintes áreas:

1) Linguística e os Estudos Críticos do Discurso: realizamos o estudo dialógico entre a acepção de “esquemas cognitivos”, de Bourdieu (2002), e a de “modelos mentais” e “cognição social”, de van Dijk (2009; 2012). Além disso, trazemos um resgate histórico, por meio de estudos já realizados, sobre o processo de dominação masculina, iniciada com os relatos míticos, que deram origem ao sistema patriarcal e foram base para o androcentrismo (BOURDIEU, 2002). Mostramos que o androcentrismo, apesar de contestado de maneira profícua, ainda é vigente, por meio de elementos da dominação masculina, perdurando em forma de modelos mentais, compartilhados socialmente.

2) Texto e Discurso, dado que estudamos a superestrutura argumentativa da crônica do cotidiano, a partir dos Estudos Críticos do Discurso, de vertente sociocognitiva, proposta inicialmente por van Dijk (1978, 2012). Contudo, utilizamos a superestrutura mais recente, reelaborada por Gabriel Jr. (2010). A superestrutura é a representação dos processos entre os modelos mentais e o Marco de cognição social, realizados pelo cronista para elaborar argumentos de confrontação. A confrontação dessas ideias resulta em uma opinião, que justifica ou dá sustentação à premissa e à conclusão.

3) Para o ensino, em razão dos discursos dos atores sociais e das elites simbólicas serem atravessados por modelos mentais androcêntricos, construídos culturalmente pelo compartilhamento de conhecimentos, atitudes e ideologias. Dessa forma, é necessário a derrocada a partir do conhecimento, ou seja, é tomada de consciência sobre a reprodução de um sistema masculino, que limita as mulheres e as representa de forma negativa na sociedade para que seja possível sua desconstrução.

Nesse sentido, esta Dissertação contribui para o ensino de sala de aula, na medida que os(as) docentes utilizem as crônicas, de Pedro Maia, para trabalhar o gênero Crônica. Com isso, ao ensinar esse gênero textual/discursivo, poderão propor o estudo das expressões de cunho machista, desrespeitosas e estereotipadas para representá-las. Nesse estudo, o objetivo é fazer com que o aluno compreenda como a relação de poder atrapalha as relações entre homem e mulher. Por isso, é preciso ser desconstruída.

4) Para o Grupo de Estudos sobre Discursos da Mídia (GEDIM), nas pesquisas realizadas pelo grupo na abordagem sociocognitiva, de van Dijk (2009, 2012). O estudo é inovador, dado que, normalmente, são analisadas notícias e reportagens publicadas na mídia impressa e eletrônica. Todavia, esta pesquisa, embora siga a mesma linha de pesquisa, diferencia-se dos trabalhos do GEDIM/UFES ao propor o estudo da crônica jornalística. Este gênero é híbrido, sendo construído pelo cronista, a partir dos discursos ordinário e literário.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca, Moreira & PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2007.

AZEVEDO, Reinaldo. A morte de Marielle 1: Assassinato interessa ao crime organizado, que se opõe à intervenção, como fazem o PT e o PSOL. **Jornalismo da UOL** – 15/03/2018. Disponível em: <https://reinaldoazevedo.blogosfera.uol.com.br/2018/03/15/a-morte-de-marielle-1-assassinato-interessa-ao-crime-organizado-que-se-opoe-a-intervencao-como-fazem-o-pt-e-o-psol/>. Acesso em: 03 de janeiro de 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In.: _____. **Problemas de linguística geral I**. São Paulo: Pontes, 1995. p. 284 – 293.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUENO, Ana Lúcia Dacome. A produção do sexismo na linguagem: gênero e poder em dicionários da língua portuguesa. **IV SIES/UEM** - Simpósio Internacional de Educação Sexual: feminismos, identidade de gênero e políticas públicas – 22 a 24 abril de 2015, p. 1-15. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/674.pdf>. Acesso em: 10 de agosto de 2021

BURNS, Edward Mcnall. **História da civilização ocidental**: Do homem das cavernas até a bomba atômica. Rio de Janeiro: Globo, 1975.

BUSSARELLO, Jorge Marcos. **O ensino/aprendizagem da produção textual escrita na perspectiva dos gêneros do discurso**: a crônica. 195 fl. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

CARDOSO, Joselina. Alves. **Crônica Literária no Jornal: História, Estrutura e Funcionamento**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Literatura e Crítica Literária, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.

CARNEIRO, Júlia Dias. Mulher, negra, favelada, Marielle Franco foi de “cria da Maré” a símbolo de novas lutas políticas no Rio. **BBC Brasil** no Rio de Janeiro - 15 março 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43423055>. Acesso em: 10 de março de 2022.

CARRIÇO, Sheila da Silva. **A representação social do estupro coletivo em notícias e em comentários do Jornal Extra**. 150 fl. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, 2018.

CASAGRANDE, Lindamir Salete; CARVALHO, Marília Gomes de. Relações de gênero nas aulas de matemática: perceptíveis ou ocultas? **Cadernos de gênero e tecnologia** - no 30 e 31 Ano:11 jul a dez/2014, p. 37-50. Disponível em: file:///C:/Users/Leandro/Downloads/6112-21768-1-PB%20(1).pdf. Acesso em: 02 de agosto de 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2016, p. 169-172.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 92-94

CORRÊA, Jaqueline Aparecida Silva. **A representação textual-discursiva do feminino em crônicas de Marina Colasanti**. 179 fl. Mestrado (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), 2015.

DALMÁSIO, Dora. Dois anos sem Pedro Maia e muitos causos. **Caderno D – Revista de Cultura do Diário Oficial do Espírito Santo** – Jan. 2016. Disponível em: www.dio.es.gov.br. Acesso em: 18 de fevereiro de 2021.

DELPHY, Christine. **L'ennemi principal** - 1. Économie politique du patricarcat Paris: Éditions Syllepse, 2013.

DANIN, Renata Almeida. A construção da imagem do negro latino-americano por um jornal internacional. **Policromias** - Janeiro/Abril 2020 - Volume 5 – P. 131-155. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/143927>. Acesso em: 06 de maio de 2022.

DEMONER, Tamiris. **“mulher nega sexo e mata marido”**: da notícia jornalística ao discurso machista no Facebook. 133 fl. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, 2018.

ECO, Umberto. Introdução a Idade Média. In. ECO, Umberto (Org.) **Idade Média: bárbaros, cristãos e mulçumanos**. Portugal: Dom Quixote, 2010, p. 4-27.

ELHAJJI, Mohammed; ANDRADE, Danubia; RANGEL, Larissa. Contribuições dos estudos críticos do discurso para o campo da comunicação. **Lumina** – Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF. Vol.6 - nº1 - junho 2012, p. 1-15. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21020>. Acesso em: 17 de maio de 2022.

FERREIRA, Anderson; FERREIRA, Cristiane da Silva; CHAVES, Ramon Silva. As práticas discursivas da violência nas mídias digitais: Marielle Franco, presente... no espaço discursivo êmico. v. 12 n. 22 (2018), p. 59-78. **Revista (Con) Textos Linguísticos** (Edição Especial Violência Verbal). Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/19691>. Acesso em: 11 de junho de 2021.

FLORES, Júlia. No Dia da Mulher, vereadora sofre ataque machista de colega no ES... **UNIVERSA/UOL** – 09/03/2021. Disponível em <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/03/09/chequei-a-minha-roupa-diz-vereadora-criticada-em-sessao-do-dia-da-mulher.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola>. Acesso em: 25 de maio de 2022.

FLORES, Júlia. Vereador manda colega 'fechar a boca' e 'ficar caladinha' em sessão no ES... **UNIVERSA/UOL** – 10/03/2022 Disponível em <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/03/10/vereador-manda-colega-fechar-a-boca-e-ficar-caladinha-durante-sessao.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola>. Acesso em: 25 de maio de 2022.

FRANCO, Marielle. Mulher negra, favelada e parlamentar: resistir é pleonasma. In: RUBIM, Linda; ARGOLO, Fernanda (Org's) **O Golpe na perspectiva de Gênero**. Salvador: Edufba, 2018. p. 117-125

GABRIEL JÚNIOR, Milton. **Organização textual das crônicas de notícia**. 275 fl. Mestrado (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), 2010.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, S. (org.) **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 76-114

G1. Após assassinato de Marielle, vereadora é atacada na internet. **FANTÁSTICO** – 18/03/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/03/apos-assassinato-de-marielle-vereadora-e-atacada-na-internet.html>. Acesso em: 05 de janeiro de 2022.

HARTUNG, Paulo. Prefácio. In: MARTINUZZO, José Antônio (organizador). **Impressões capixabas**: 165 anos de jornalismo no Espírito Santo. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005. p. 02-04

IBGE. Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas** - Informação Demográfica e Socioeconômica, n.38, 2º edição. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1969, p. 164.

JOVEM PAN. Debate: A exploração política do cadáver de Marielle. [S. l.: s. n.], 16 março 2018a. 1 vídeo (10 min 37 s). Publicado no canal da Jovem Pan no Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watchv=LqD0vw1O6CM>. Acesso em 11/06/2021.

JOVEM PAN. Dilma Rousseff diz que morte de Marielle faz parte do “golpe”. [S. l.: s. n.], 16 março 2018b. 1 vídeo (7 min 25 s). Publicado pelo Canal da Jovem Pan no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=olhMASL714s&t=32s>. Acesso em 11/06/2021.

KNAPP, Cristina Loff. A revista A Mensageira e a proposta de educação da mulher brasileira. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 39, p. 9-38 set. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/180858/175901>. Acesso em: 02 de setembro de 2021.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna. Christina. Ainda o contexto: algumas considerações sobre as relações entre contexto, cognição e práticas sociais na obra de Teun A. van Dijk. **Revista Latinoamericana de estudios del discurso**, v. 11, n. 1, p. 79-92, 2011.

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LAHUD, Michel. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática, 1979.

LAZAR, Michelle. M. Performing State Fatherhood: The Remaking of Hegemony. In: LAZAR, M. M. (Org.). **Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse**. New York: Palgrave Macmillan, 2005. p. 139-160

LOPES, Gisele Garcia. **A representação de mulheres nos livros didáticos de história (programa nacional do livro didático: 2017-2019)**. 171 fl. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa, 2018.

LOPES, Paula Cristina. Jornalismo e linguagem jornalística: revisão conceptual de base bibliográfica. **Biblioteca On-line de Ciência da Comunicação**, 2010, p. 1-16 Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lobes-linguagem.pdf>. Acesso em: 17 de junho de 2021.

LOURENÇO, Tainá. Escolas brasileiras ainda formam analfabetos funcionais. **Jornal da USP** – Campus de Ribeirão Preto - 13/11/2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=370207>. Acesso em: 25 de maio de 2021.

LOURO, Guaraciaba Lopes. A emergência do gênero. In: _____. (Org.) **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 14-57.

MACEDO, José. Rivair. **A mulher na Idade Média**. São Paulo: Ed. Contexto, 1990.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEDEIROS, Vanise Gomes de. Discurso cronístico: uma “falha no ritual” jornalístico. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 5, n.1, p. 93-118, jul./dez. 2004. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/303/319. Acesso em: 16 de junho de 2021. p. 93-95

MAGALHÃES, Teresa Ancona Lopez. de. O papel da mulher na sociedade. **Revista Da Faculdade De Direito**. Universidade De São Paulo, 1980, p.123-134. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/12824>. Acesso em 07 de fevereiro de 2021.

MELO, José Marques de. A crônica. In CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 139-154.

MORAES, Carla Roselma Athayde. Vivências de si no interior do cotidiano: o caso de uma crônica jornalística brasileira. In: **RUA** [online]. Volume 24, número 2 – novembro/2018, p. 487-489. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>. Acesso em 20 de setembro de 2021.

MORATO, Edwiges Maria. Linguística Textual e cognição. In: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério. (Orgs.). **Linguística Textual: interfaces e delimitações: uma homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch**. São Paulo: Cortez, 2017, p. 394-430.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

MURTA, Milena Simões. Jornalismo impresso: Interesse público ou comércio de notícias? In: MARTINUZZO, José Antônio (organizador). **Impressões capixabas: 165 anos de jornalismo no Espírito Santo**. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005. p. 12-24

NADER, Maria Beatriz. Gênero e sexualidade. NADER, Maria Beatriz e RANGEL, Livia de Azevedo Silveira. (Org's). **Mulher, gênero em debate: representações, poder e ideologia**. Vitória: Edufes, 2014. p 12-15.

NADER, Maria Beatriz. Mudanças Econômicas, Mulher e Casamento em Vitória. 1970-2000. **ABEP - Anais do XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**

– 2016, p. 01-26. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1150>. Acesso em: 23 de setembro de 2021.

NATALE, Raquelli. **A representação social da violência de gênero contra a mulher no Espírito Santo**. 176 fl. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

NATALE, Raquelli. **O femirracídio em notícias sobre violência contra mulheres negras no Espírito Santo: um estudo discursivo e sociocognitivo**. 308 fl. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2020.

NUNES, Petrina Moreira. **Misoginia nas eleições de 2018: Análise de discursos sobre a candidatura de Manuela D'Ávila**. 139 fl. Dissertação (Mestrado). Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, 2020.

PACHECO, Siomara Ferrite Pereira. **Discurso, Cognição e Sociedade: texto e contexto na representação do feminino por Chico Buarque de Hollanda**. 210 fl. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.

PNUD. Tackling Social Norms: **A game changer for gender inequalities** - Human Development Perspectives, 2020, p. 1-29. Disponível em: http://hdr.undp.org/sites/default/files/hd_perspectives_gsni.pdf. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

POSSENTI, Sírio. A misoginia como condicionante do golpe de 2016 no Brasil. **Discurso & Sociedad**. Vol.12(3), 2018, p. 581-593. Disponível em: [http://www.dissoc.org/ediciones/v12n03/DS12\(3\)Possenti.pdf](http://www.dissoc.org/ediciones/v12n03/DS12(3)Possenti.pdf). Acesso em: 05 de junho de 2021.

POUZADOUX, Claude. **Contos e lendas da mitologia grega**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras: 2001.

PT. Violência Política| Vereadora do PT sofre agressões verbais machistas. Publicado em 16/03/2022. Disponível em: <https://pt.org.br/violencia-politica-vereadora-do-pt-sofre-agressoes-verbais-machistas/>. Acesso em: 25 de maio de 2022.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207

ROSA, Marcelo Victor da; SOUZA, Marizete de Oliveira; BORGES, Andrey Monteiro. Preconceito contra a mulher na educação física escolar no nono ano. **Revista Práxis** - Novo Hamburgo - a. 17 - n. 1 - jan./abr. 2020, p. 102-117. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/1789/2501>. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo?** São Paulo: Brasiliense, 1980.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SCAFURO, Gisele. **A organização textual de crônicas publicadas em jornal.** Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 1999.

SCHMITT-PANTEL, Pauline. “A criação da mulher”: um artilheiro para a história das mulheres? In: MATOS, M. I. S. de; SOIHET, R. **O corpo feminino em debate.** São Paulo: UNESP, 2003. p. 129-156

SILVA, Valvey. Veras. da; CAVALCANTE, Mônica. Magalhães.; BRITO, Mariza. Angélica. Paiva. Referenciação nos Estudos Críticos do Discurso. **ReVEL**, vol. 13, n. 25, 2015, p. 278-293. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19410/1/2015_art_vvsilva.pdf. Acesso em: 28 de julho de 2020.

SOUSA, Jorge Pedro. Elementos de jornalismo impresso. **Biblioteca On-line de Ciência da Comunicação**, 2001, p. 288-296. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história breve do jornalismo no Ocidente. **Biblioteca On-line de Ciência da Comunicação**, 2008, p. 05-88. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história:** uma introdução teórico-metodológica. Dourados, MS: UFGD, 2012.

TOMAZI, Micheline Mattedi; SODRÉ, Paulo Roberto. A cantiga medieval como memória histórica da construção social do gênero feminino: reflexões para o ensino de literatura. **Linha D'Água** (Online), São Paulo, v. 29, n. 1, p. 45-66, jun. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/111599>. Acesso em: 02 de julho de 2021.

TOMAZI, Micheline Mattedi. (DES)Construção de face da mulher nos títulos de notícias sobre feminicídio. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, v. 31, jan.-jun., p. 197-219, 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/11846>. Acesso em: 05 de junho de 2021.

TOMAZI, Micheline Mattedi. A agentividade nas manchetes sobre violência de homens contra mulheres. **Discurso & Sociedad**, Vol.14(4), 2020, 823-844. Disponível

em: <http://www.dissoc.org/ediciones/v14n04/DS14%284%29Mattedi.html>. Acesso em: 05 de junho e 2021.

TOMAZI, Micheline Mattedi; NATALE, Raquelli. Violência de gênero e polarização discursiva. In: CUNHA, Gustavo Ximenes; OLIVEIRA, Ana Larissa A. Marciotto. **Múltiplas perspectivas do trabalho de face nos estudos da linguagem**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2018. p. 129-144

TOMAZI, Micheline Mattedi; RESENDE, Viviane de Melo. “Mais mulheres são assassinadas na pandemia”: construção discursiva jornalística sobre violência contra mulheres no isolamento social. In: RESENDE, Viviane de Melo (Org.). **Estudos do discurso: relevância, interseccionalidade, interdisciplinaridade**. Campinas/SP: Pontes, 2022. p. 79-108

TRAQUINA, Nelson. **Teoria do Jornalismo**: por que as notícias são como são – Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

VALERIO, Adriana. O poder das mulheres. In: ECO, Umberto (Org.) **Idade Média: bárbaros, cristãos e mulçumanos**. Portugal: Dom Quixote, 2010. p. 233-238

VAN DIJK, Teun. A. **La ciencia del texto**: un enfoque interdisciplinario. Barcelona: Ediciones Paidós, 1978.

VAN DIJK, Teun A. & KINTSCH, Walter. **Strategies of discourse comprehension**. New York: Academic Press, 1983.

VAN DIJK, Teun. A. **Ideology**. A Multidisciplinary Approach. California: Sage Publications, 1988.

VAN DIJK, Teun. A. El analisis crítico del discurso. **Anthropos**, n. 186, 1999, p. 23-36.

Disponível em: <http://www.discursos.org/oldarticles/EI%20an%E1lisis%20cr%EDtico%20del%20discurso.pdf>. Acesso em: 20 de julho de 2020. p. 23-33

VAN DIJK, Teun A. El estudio del discurso. In: VAN DIJK, T. **El discurso como estructura y proceso**. Barcelona: Gedisa, 2000. Cap. 1, p. 21-65.

VAN DIJK, Teun A. Critical Discourse Analysis. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. **The Handbook of Discourse Analysis**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. Cap. 18, p. 352-371.

VAN DIJK, Teun A. **Ideology and discourse**: a multidisciplinary introduction. Barcelona, Ariel, 2003.

VAN DIJK, Teun A. **Discourse and context**: asocio-cognitive approach. New York: Cambridge University Press, 2008.

VAN DIJK, Teun. A. Critical discourse studies: a sociocognitive approach. In.: WODAK, R. e MEYER, M. **Methods for Critical Discourse Analysis**. London: Ed. Sage, 2009. p. 63-74

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Contexto, 2012.

VAN DIJK, Teun A. Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. **Letrônica** - Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS Porto Alegre, v. 9, n. esp. (supl.), s8-s29, nov. 2016, p. 09-27. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/>. Acesso em: 25 de maio de 2021.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso, notícia e ideologia**: estudos na análise crítica do discurso. Portugal: Húmus, 2017.

VAN DIJK, Teun. A. **Análise do Discurso Crítica nos Tempos de Pandemia**. [S. l.: s. n.], 22 maio 2020. 1 vídeo (1: 53 min 06 s). Publicado pelo Canal do LEEDIM – UFSCAR do Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BBqiH6sPCaM&t=3535s>. Acesso em: 13 de novembro de 2020.

VAN DIJK, Teun A. **O triângulo discurso-cognição-sociedade**. [S. l.: s. n.], 06 julho 2021. 1 vídeo (1: 06 min 46 s). Publicado pelo Canal Canal do GEDIM – UFES do Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vIrlV4jfjTc&t=3015s>. Acesso em: 28 de Julho de 2021.


VEJA. Desembargadora diz que Marielle “estava engajada com bandidos”. Publicado em 16 de março de 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/desembargadora-diz-que-marielle-estava-engajada-com-bandidos/>. Acesso em: 16 de março de 2022.

VIANNA, George; TETE, Gleyson; NUNES, Guido. A Tribuna: memórias de um jornal sem registros. In: MARTINUZZO, José Antônio (organizador). **Impressões capixabas**: 165 anos de jornalismo no Espírito Santo. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005. p. 81-98

WARD, Lester F. **A Treatise**: On The origin and spontaneous development of society. New York: The Macmillan Co., 1903. p. 291-296.

ANEXOS

ANEXO A – KIT INFORMATIVO SOBRE O JORNAL A TRIBUNA



“ O jornal mais completo e que não pode faltar no plano de mídia ”

Jornal
aTRIBUNA

The image features a man in a checkered shirt reading a newspaper titled 'aTRIBUNA' while holding a coffee cup. The entire scene is overlaid with a red tint. In the top left corner, there is a decorative graphic of yellow diagonal lines. In the top center, four white icons represent different media formats: a newspaper, a computer monitor, a smartphone, and a tablet. The newspaper's headline reads 'Nova internet vai muda em casa, no trabalho e na...'. The logo 'Jornal aTRIBUNA' is visible at the bottom of the newspaper page.



“O Jornal do Espírito Santo”

Com mais de 80 anos de atuação, o jornal A Tribuna é líder no Espírito Santo. Conteúdo completo todos os dias, em nove editorias, onde o leitor encontra todas as informações de que precisa para ficar bem informado e formar sua própria opinião: Cidades, Regional, Polícia, Economia, Política, Opinião, Internacional, Esportes e AT2.

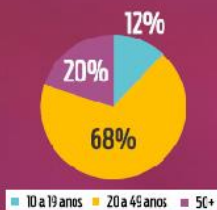
“Melhor Jornal Regional do Brasil” (eleito duas vezes pela Editora Referência/Prêmio Veículos de Comunicação) e “Melhor Veículo do Espírito Santo” (eleito 10 vezes pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas - CNDL), A Tribuna circula em todo o Estado e, também, em cidades do norte do Rio de Janeiro, sul da Bahia, leste de Minas Gerais e em Brasília. É o jornal líder no Espírito Santo.

Perfil do leitor Impresso + Digital

Classe social



Faixa etária



Sexo





“O roteiro dos melhores agitos”

O AT2 Fim de Semana é o guia gastronômico e cultural da cidade, publicado todas as sextas-feiras. Todo mundo quer saber o que fazer e aonde ir no Espírito Santo, e o AT2 Fim de Semana é o mais completo guia de restaurantes, bares, boates e eventos, com informações descoladas e incríveis dicas para curtir o fim de semana. Perfeito para programar sua marca nesse circuito.



“O endereço do negócio certo”

O mercado imobiliário está aquecido no Espírito Santo, e nas páginas do caderno Imóveis você tem a chance de encontrar os melhores negócios, onde quer que eles estejam. Todas as quartas-feiras, apresentamos lançamentos, novidades e oportunidades para quem quer comprar, vender ou alugar imóveis, e dicas para quem vai construir, reformar ou decorar.



“Nossos leitores têm apetite para consumir informação”

Um caderno feito para todo mundo em casa, para todas as casas do Estado. O AT em Família é recheado de reportagens sobre comportamento, mundo pet, moda, saúde, alimentação, relacionamento, e traz ainda maravilhosas receitas para você se revelar o chef para a família e amigos. O caderno AT em Família, publicado todos os domingos, interessa a todas as gerações de leitores.



“Para acelerar na frente e realizar os melhores negócios”

Publicado às quintas-feiras, o Sobre Rodas traz todas as novidades do mercado automotivo. Reportagens exclusivas, lançamentos testados e comentados, inovações tecnológicas, dicas e preços, tudo isso você encontra nas páginas do melhor caderno de veículos do Estado.



“O guia completo dos melhores negócios”

O Classifácil de A Tribuna é o lugar certo para vender, comprar, trocar, alugar, selecionar colaboradores, mandar recados e encontrar o que você está procurando. O Classifácil está cheio de oportunidades e é consolidado como o ponto de encontro de quem quer fechar o melhor negócio. Todos os dias, em A Tribuna.



“Programa para todas as horas e todas as idades”

O caderno AT2 apresenta, todos os dias, exceto as sextas-feiras, a programação dos teatros e cinemas de norte a sul do Estado, a cobertura dos melhores espetáculos, os lançamentos culturais selecionados, os bastidores da televisão e do meio artístico e os agitos da sociedade capixaba. Se não está no AT2, o programa foi uma furada ou simplesmente não aconteceu.

Cadernos Especiais

Além dos cadernos que fazem parte do seu dia a dia. A Tribuna oferece também aos leitores, ao longo do ano, os melhores guias sobre educação, imóveis, veículos, saúde, profissões e muito mais. São verdadeiros documentos para anunciar, ler e guardar.



“Imóveis”



“Veículos”



“Eventos”



“Saúde”



“Educação”



“Temáticos”

Colunas e Colunistas

Os principais colunistas e articulistas estão no time de A Tribuna: Coluna do Estádio, Claudio Humberto, Claudia Matarazzo, Pánel, Plenário, Paulo Octavio, Maurício Prates, Tribuna Livre, Doutor João Responde, Religião, Qual a Bronca?, Gilmar Ferreira, Pop Zap, Regina Navarro Lins, Carlos Nejar, Martha Medeiros, Fala, Doutor, E aí, Professor J. Jerry?, Ciência e Tecnologia, Indicadores, Nutri Dicas, De Olho no Lance e Farol Alto.

Seu plano de mídia muito além da tabela

Alance resultados expressivos também através de ações de branded content, patrocínios, cadernos temáticos, redes sociais e formatos especiais. Pense fora da caixa, nós ajudamos a concretizar.



Todas as nossas publicações estão disponíveis também no formato digital para compra avulsa e assinantes.

Baixe o App A Tribuna ES nas lojas Apple Store e Google Play.



Departamento Comercial

(27) 3331 9032 | 3331 9089 | 3331 9097 | comercial@redetribuna.com.br

Mais informações

www.tribunaonline.com.br/p/mais



ANEXO B – TEXTO 1 – CRÔNICA DO COTIDIANO “UM EXEMPLO DE COMPETÊNCIA” – 14/03/2004



PEDRO MAIA

Exemplo de competência

Houve tempo em que o presídio feminino capixaba era apenas uma masmorra, se bem que um pouco enfeitada, situada num dos lados do pátio interno do Instituto de Readaptação Social Jair Etienne Dessauze, a histórica “Pedra D’Água”, construído no século 19 com a finalidade de receber e deixar em quarentena os imigrantes que chegavam ao Espírito Santo.

Por esse tempo, quando a incidência de crimes praticados por mulheres era quase nenhuma, a população carcerária daquele presídio nunca excedia o número de 10 a 20 presas.

Elas lá mesmo cozinhavam, lavavam e consumiam os dias

sonhando com o “mundão” cá fora. As detentas nunca eram vistas pelos internos da penitenciária, embora, de vez em quando, a guarda flagrasse lá dentro um preso mais ousado.

O garanhão de crinas cortadas, mesmo sabendo do castigo que depois teria de enfrentar, não hesitava em escapar, geralmente na hora do banho de sol, para escalar o muro de cinco metros de altura que dava acesso ao lugar que presos chamavam de paraíso do céu.

Na época, as presas eram proibidas de receber visitas íntimas, com base na possibilidade de gravidez, como justificavam autoridades carcerárias. Por conta disso, essas invasões for-

tuitas eram festa de lado a lado, inclusive contando com conivência e proteção das detentas.

Porém o tempo passou e, na trajetória do sexo feminino para a sua “independência e liberdade”, aquele espaço se tornou exiguo, criando um sério problema que só veio a ser resolvido com a implantação do Presídio Feminino de Tucum, em Cariacica.

Como é sabido, as mulheres, já há algum tempo, resolveram vestir calças. E hoje se diferem dos homens em algumas características físicas e psicológicas. Mas, pelo andar da caruagem, isso não vai demorar muito a mudar...

Bem, se o número de mulhe-

res ligadas ao submundo aumentou de forma vertiginosa, também aumentou o contingente de apenadas. A verdade é que bom número dessas detentas poderia estar cumprindo penas alternativas, que só ultimamente estão sendo aplicadas por alguns magistrados mais criteriosos e racionais.

Um dos pontos mais absurdos dessas condenações polêmicas e cruéis é o fato de que a grande maioria das encarceradas em Tucum é constituída de mulheres ou amantes de bandidos.

Os malandros, na hora em que a casa cai, deixam os pepinos nas mãos das companheiras e vazam no pinote.

Eis aí um dos principais motivos da sempre excedente ocupação no Presídio de Tucum, o que culmina em graves problemas para a administração. Controlar e disciplinar um punhado de mulheres revoltadas é dose para leão nenhum botar defeito!

Entretanto, uma jovem senhora, Maria Auxiliadora Zoppi, atual diretora daquele presídio, está mostrando que com trabalho, perseverança e, acima de tudo, respeito, é possível humanizar e ressocializar de fato – até as mais empede-

nidas das criaturas.

Com a criação de oficinas de ensino e treinamento profissional, somada a projetos de cunho social e uma pitada de carinho, é possível fazer milagres como os que estão acontecendo no Presídio de Tucum.

A prova definitiva foi o desfile realizado atrás dos muros do presídio sexta-feira, quando um punhado de presas, usando roupas por elas próprias desenhadas e confeccionadas, desfilou garbosamente por uma passarela vermelha sob aplausos e incentivos das colegas de infortúnio.

Uma festa bonita e inusitada, que a **Tribuna** registrou em matéria da Coleguinta Amanda Amaral, ilustrada com fotos de mulheres sorridentes e esperanças em relação a um futuro melhor.

Só pode sorrir assim quem, pelo menos naquele momento, procura estar de bem com a vida e ter certeza de dias melhores quando rair a liberdade...

A diretora Maria Auxiliadora Zoppi os nossos efusivos aplausos. Que seu trabalho sirva de exemplo a administradores de outras prisões capixabas, onde a banda toca muito diferente. Simplesmente, um exemplo a ser imitado!

ANEXO C – TEXTO 2 – CRÔNICA DO COTIDIANO “AUDÁCIA DAS MULHERES” – 09/05/2002



PEDRO MAIA

Audácia das mulheres

A infidelidade conjugal continua sendo o motivo principal da ida de casais às Varas de Família da Grande Vitória, de acordo com pesquisa levada a efeito nos últimos tempos por um grupo de assistentes sociais interessadas no assunto.

A surpresa, ao contrário do que se pensa, é que o maior número de pedidos de separação, onde a infidelidade aparece como fator básico, ocorre na classe média baixa e não entre os bem situados na vida, como em tempos passados.

As novas perspectivas de vida para a mulher, com a aber-

tura de novos campos de trabalho e a derrubada do preconceito contra as “descasadas”, têm contribuído diretamente para esse estado de coisas.

A mulher não precisa mais ser a eterna dona-de-casa onde a vida do marido “da porta pra fora” não lhe interessa.

Pelo contrário, nos nossos tempos, o sexo frágil ganhou uma inquestionável fortaleza e tem muito machão por aí que executa serviços domésticos com uma docilidade indiscutível e faz até apologia disso.

Por outro lado, a mulher encara a batalha na rua (num bom sentido) e disputa com os homens em todos os seto-

res funcionais, sendo que em alguns os marmanjos perdem em eficiência com muitos pontos de diferença.

Já não é mais surpresa se encontrar mulher trabalhando em obras de construção civil, e até na Academia Militar, último reduto da supremacia masculina, as meninas já estão mandando ver.

Também é comum encontrar mulheres trabalhando agora como seguranças de banco. Na Grande Vitória, então, isso tem se tornado cada vez mais comum.

Não faz muito tempo, cabia ao homem fazer o cerco para a conquista da mulher. Aque-

la história das flores, dos galanteios e até dos versos, para cair nas graças da mulher desejada.

Agora a coisa mudou: são elas quem partem pra cima, com a determinação de quem sabe o que quer.

Esta liberdade e ação por parte do chamado sexo frágil tem trazido sérios problemas para os chamados cidadãos discretos, do tipo “come-quieto”, ou seja, aqueles que não fazem alarde de suas peripécias sexuais.

Pelo menos foi isso que aconteceu com um amigo nosso, na semana que passou.

Este nosso amigo é um circunspecto executivo, bem casado à moda antiga.

Mas, como todo cidadão bem-casado, de vez em quando “pula a cerca” e vive as suas aventuras extraconjugais, sempre com o maior cuidado para a cara-metade ficar totalmente por fora.

Pois com a última lebre abatida em um dos muitos motéis da cidade ele deu uma tremenda mancada. Se empolgou demais e, à noite, durante o sono, falou o nome da moça por diversas vezes.

Quando acordou, a mulher estava uma fera. Na hora do café, veio a indagação, numa cobrança que não deixava dúvidas:

– Quem é uma tal de Isabel, seu cretino?

O nosso amigo quase caiu da cadeira, mas quando soube que havia falado o nome em sonho, logo se saiu numa boa.

– Ora, meu amor, você está se preocupando à toa! Isabel é o nome de uma égua na qual apostei uma grana domingo, no Jóquei Clube lá na Barra do Jucu. Num tem nada disso, meu benzinho...

Com esta explicação, a mulher se acalmou e o nosso amigo foi para o trabalho com a certeza de que havia dobrado a fera.

À noite, quando voltou para casa, encontrou suas malas prontas e na porta a mulher na maior bronca do mundo.

– O quê que é isso, meu bem? – perguntou ele, meio cabreiro.

– Que é isso, né seu cachorro? Pois a égua do Jóquei Clube telefonou pra você duas vezes...

E no outro dia era mais um casal na Vara de Família.

ANEXO D – TEXTO 3 – CRÔNICA DO COTIDIANO “DOCES FORTALEZAS” –
08/03/2005



PEDRO MAIA

Doces fortalezas

Não é novidade para ninguém o fato de todo homem contar ao seu lado com a figura de uma grande mulher.

Até na ficção é assim que as coisas funcionam: o que seria do Romeu se não fosse Julieta? E sem a Roxane, o que seria Cyrano de Bergerac se não um narigudo atrevido e brigão? E o índio Peri sem a linda Ceci ou o Bentinho sem a sua Capitu?

Na vida real não é diferente. O inconfidente Dirceu não seria tão lido e festejado se não fosse por sua Marília, cantada em prosa e verso; Garibaldi lutou nos quatro cantos

do mundo com o amor da Anita; Jorge Amado teve a Zélia Gattai, assim como o guerreiro Luís Carlos Prestes teve a sua Olga.

Getúlio teve a Darcy Vargas, Dutra a dona Santinha e Juscelino a dona Sarah. Roosevelt a Eleonora, Hitler a Eva Braun e Kennedy a Jacqueline. E por aí fora, o que confirma o fato de que na sombra dos grandes homens há sempre a presença de uma mulher...

Para os capixabas, a mulher tem um significado especial, pois Vitória é nome de mulher e o Espírito Santo foi a primeira capitania hereditária a ter uma mulher - Luza Grimaldi - a sua frente.

E aqui não temos herói. Temos heroína, a valente Maria Ortiz. E para completar, os capixabas não tem santo padroeiro e sim uma padroeira, que é a Virgem da Penha, referência máxima da fé no Estado.

Como se vê aqui nestas plagas as mulheres têm tudo em cima para dar carta e jogar de mão. O que muitas delas o fazem de maneira objetiva, colocando os marmanjos no chinelo e deixando claro que existe nelas uma doce fortaleza que as tornam impáres no universo feminino do resto do Brasil.

A capixaba é diferente desde a panela onde cozinha, pois feita do barro da terra, e sabo-

rosa como a moqueca que nelas preparam.

Possuem a gostosura mansa de uma fonte nas montanhas e a força telúrica das ondas nas praias. Enfrentam as dificuldades do cotidiano se ombreando com o sexo forte e muitas vezes mostrando que sexo forte, no duro mesmo, são elas e não eles.

Seria desastroso tentarmos aqui nomear algumas destas figuras que se movimentam galhardamente nas engrenagens de nossa comunidade em fiel empenho para tornar a existência mais alegre, tranqüila e sadia.

Elas cuidam da família, criam os filhos, tratam dos mais velhos e ainda aturam maridos chatos e prepotentes. Além disso tudo ainda enfrentam o batente no dia a dia tomando paulatinamente, de maneira lenta e gradual, o seu lugar nesta sociedade imposta pelos machos e desenvolvida dentro da ótica dos homens.

Pouco a pouco, o chamado sexo frágil vai galgando o seu lugar ao sol e hoje é comum se topar com mulheres em atividades que há pouco tempo

ninguém poderia supor que um dia exerceriam.

Maquinista de trem, mestre de obras, motorista de ônibus e até juiz de futebol são algumas destas funções onde nos nossos dias a presença da mulher, com a sua falsa fragilidade e irônico sorriso, se impõe e brilha.

Bem hoje é o Dia Internacional das Mulher e estas insubstituíveis criaturas estão sendo homenageadas em todo mundo.

E isso é o que estamos pretendendo fazer com a coluna de hoje: uma homenagem justa a todas as mulheres do mundo.

Um grande e sonoro viva a estas incomparáveis doces fortalezas...

E para finalizar é bom frisar que coube à saudosa jornalista Maria Nilce promover a primeira comemoração desta data no Espírito Santo.

Por isso mesmo muito justo que lembremos dela e dos badalados almoços que nestas ocasiões organizava, com muita garra e disposição. Indiscutivelmente, à sua maneira, foi uma grande mulher...

Viva que elas merecem !!!

ANEXO E – TEXTO 4 – CRÔNICA DO COTIDIANO “UM VIVA ÀS SOGRAS” -
08/03/2009



PEDRO MAIA

Um viva às sogras!!!

Hoje é o Dia Internacional da Mulher, em boa parte do mundo essas adoráveis criaturas estão recebendo homenagens mais do que merecidas.

Sempre vale registrar que o primeiro evento realizado no Espírito Santo nesse sentido foi idéia da saudosa jornalista Maria Nilce que, a partir da década de 60, quando ainda era colunista social de A Tribuna, passou a promover, nessa data, um almoço no qual prestigiava o mundo feminino, homenageando mulheres que se destacavam nos vários segmentos da sociedade.

Isso num tempo em que o Dia Internacional da Mulher era visto como mais uma invenção da mídia para movimentar o comércio.

Hoje, porém, são muitos os eventos que marcam o dia. Além do que, as mulheres também não são mais aquelas e, em pé de igualdade, disputam com os homens em todas as áreas e setores da vida. Mas aí já estamos descambiando para o terreno da análise social, o que não é nossa pretensão.

Claro que, aqui neste espaço, tratamos de assuntos diversos, mas os distintos leitores já devem estar cansados de

saber de coisas sérias, razão pela qual, na maioria das vezes, enveredamos pelos caminhos da galhofa, narrando, em forma de historinhas, dramas e comédias urbanas que a mídia não publica.

Historinhas como a do pobre comerciário Anacleto, que semana passada foi preso e autuado em flagrante. Eis afo seu drama, de acordo com o que contou à autoridade de plantão:

“Bem, ‘seu’ delegado – principiou, com a voz entrecortada por soluços –, as coisas iam às mil maravilhas lá em casa, só aconteceu essa desgraça depois que aquela

jararaca foi se meter em nossa vida.

Imagine o senhor, durante mais de cinco anos sofri o diabo nas mãos daquela velha dos infernos. Eu me casei novo e, naquela ocasião, não tive outro remédio senão ir morar junto com a peste da minha sogra.

Durante aquele tempo todo me sujeitei às maiores humilhações. Até chão eu lavava, para não ouvir conversa fiada. Trabalhei feito cavalo e economizei uns cobres, que deram pra comprar o barraco onde passei a morar.

Vivia com certa dificuldade, mas até que meu salário dava para sobreviver numa boa com a mulher e os filhos. Pois semana passada, quando cheguei em casa, tive a infelicidade de encontrar o diabo da velha.”

E, aos soluços, Anacleto continuou:

“Sabe o que aquela jararaca fez? Vendeu a casa dela, meteu o dinheiro na Poupança e resolveu morar na minha casa. Veja só! Morar na minha casa, depois de tudo que fiz para ficar livre dela!

Mesmo assim, me controlei em atenção à minha mulher, uma santa criatura. Até que ontem encontrei a velha com armas e bagagens no meu quarto. Equando fui reclamar, quase me comeu vivo. Aí não aguentei, arrebreitei a velha e, junto com ela, a casa.”

Nada mais lhe foi perguntado. Anacleto foi levado para o xadrez, onde deveria esperar o andamento do inquérito. Pois não demorou nem duas horas e adivinhe qual foi sua primeira visita?

Foi o raio da sogra, com a cara amarrutada e tudo! Avisou ao delegado que ia retirar a queixa, elogiou Anacleto, chamando-o de “bom pai excelente chefe de família”.

Não demorou e voltou para casa toda fagueira, levando o cabisbaixo Anacleto que, naquele momento, teve certeza de que nunca se livraria da presença da sogra.

Pois neste Dia Internacional da Mulher dedicamos a coluna às sogras, que também são mulheres e, como tal, merecem ser homenageadas.

Ou não???